

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

TEMPO, MODO E ASPECTO VERBAL
NA ESTRUTURAÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO

ADRIANA MARIA TENUTA DE AZEVEDO

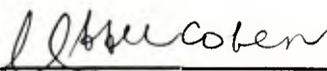
Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos para a obtenção
do grau de Mestre em Linguística.

- BELO HORIZONTE, 1992 -

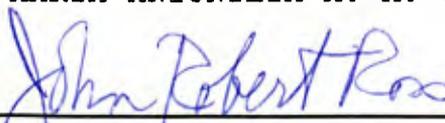
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

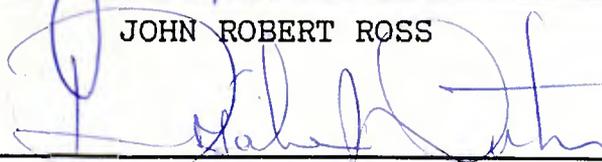
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída
dos seguintes professores:



MARIA ANTONIETA A. M. COHEN

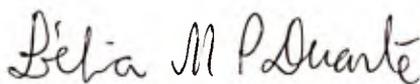


JOHN ROBERT ROSS

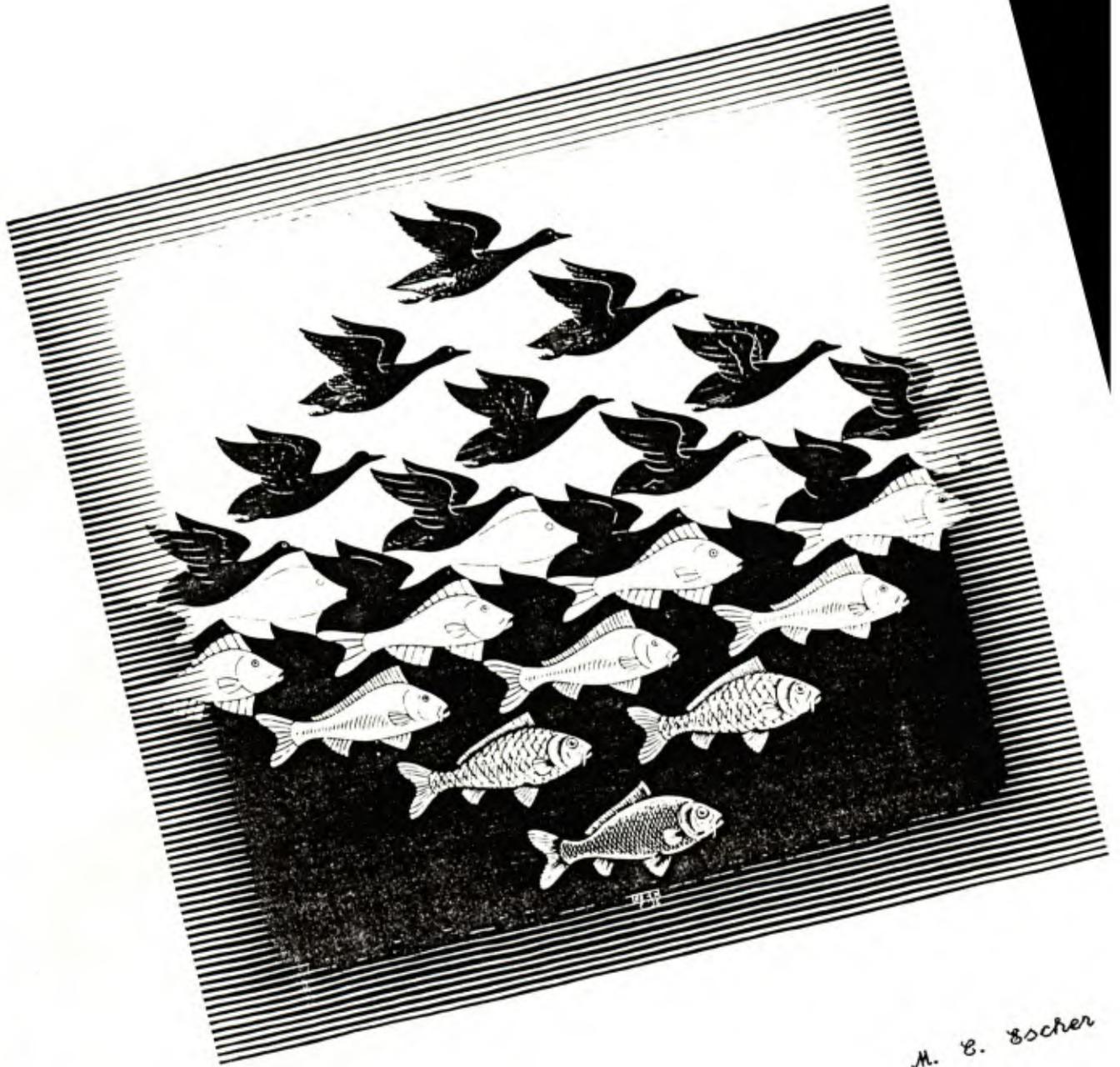


ROSÁLIA DUTRA

Orientadora:



Prof. Lélia Maria P. Duarte
SUBCOORDENADORA DE GRUPO DE
LETRAS
1300-0000



M. E. Escher

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha profunda gratidão pelo apoio e auxílio de todos aqueles amigos, familiares e colaboradores, que, pelas circunstâncias, não serão citados como mereceriam.

Meu especial agradecimento:

- a Rosália Dutra*
- ao Haj Ross*
- aos professores da Graduação e Pós-Graduação*
- a meus colegas de mestrado*
- a minha colega e amiga Heliana Ribeiro*
- a D. Nicota (in memoiam), Tetine, Menita, Lila, Dr. Clóvis e Marcos, pelas narrativas*
- ao Fernando, a Juliana e a Andréa*
- à FALE-UFMG e à Capes*
- aos funcionários da UFMG*
- ao Marcos e a meus familiares*

ÍNDICE

Página

P A R T E I

INTRODUÇÃO -----	06
CAPÍTULO 1 - FIGURA E FUNDO -----	09
1.1- A Estrutura Discursiva da Narrativa -----	09
1.2- Princípios da Percepção Cognitiva -----	11
1.3- Critérios de Identificação da Figura Narrativa -----	16
1.4- A Gramaticalização, nas Línguas, das Noções de FIGURA e FUNDO -----	24
CAPÍTULO 2 - AS CATEGORIAS VERBAIS DE MODO, TEMPO E ASPECTO -----	35
2.1- O MODO Verbal -----	36
2.1.1- O 'Subjuntivo' e suas Variações -----	38
2.1.2- Estudo Cross-lingüístico do MODO Verbal -----	43
2.2- O TEMPO Verbal -----	49
2.2.1- Estudo Cross-lingüístico do TEMPO Verbal -----	51
2.2.2- 'Futuro': Valor Modal e Instabilidade Formal -----	54
2.2.3- A Herança Latina -----	57
2.3- O ASPECTO Verbal -----	60
2.3.1- ASPECTO e MODO DE AÇÃO -----	62
2.3.2- Aspectualidade -----	63
2.3.3- O Perfeito -----	68
2.3.4- ASPECTO: Considerações Finais -----	71

P A R T E II

CAPÍTULO 3 - TRATAMENTO DOS DADOS -----	76
3.1- A Transcrição -----	76
3.2- A Catalogação -----	78
3.3- A Divisão do Texto em Orações -----	78
3.3.1- Formas Aparentemente Verbais: Marcad. Disc. - ----	79
3.3.2- Outros Marcadores Discursivos -----	79
3.3.3- Formas Enfáticas e/ou Clivadas -----	88

3.3.4- Formas Cristalizadas -----	89
3.3.5- Outras Formas Não Catalogadas como Verbais -----	90
3.3.6- Perífrases e Locuções -----	90
3.3.7- Repetição com Função Aspectual -----	94
3.3.8- Foi/ Virou/ Pegou e V (pret. perf.) -----	95
3.4- A Divisão em FIGURA e FUNDO -----	96
3.4.1- As Cinco Categorias Discursivas -----	97
3.4.2- Disposição Visual das Categorias -----	102
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS -----	104
4.1- Hipóteses -----	104
4.1.1- Categorias Maiores -----	104
4.1.2- Categorias Menores -----	106
4.2- Resultados -----	106
4.3- Análise dos Resultados -----	109
4.3.1- Quanto ao Número de orações -----	109
4.3.2- Quanto ao Tipo de Verbo -----	110
4.3.3- Quanto a TEMPO e ASPECTO -----	112
4.3.4- Quanto a MODO -----	122
4.4- Comentários sobre os Resultados -----	125
CONCLUSÃO -----	128
NOTAS -----	132
BIBLIOGRAFIA -----	137
A P E N D I C E -----	141

P A R T E I

INTRODUÇÃO

Há basicamente duas perspectivas que se pode seguir ao se realizar uma pesquisa lingüística e os lingüistas divergem quanto ao tipo de dados que consideram relevantes, dependendo da opção que fazem.

Existe a possibilidade de se considerar a gramática como um conjunto de regras relativamente independentes dos contextos de realização da língua. Com esta visão, os dados tomados pelo pesquisador são as sentenças criadas ou extraídas de contextos mais amplos, porém analisadas isoladamente. Ele baseia-se principalmente no que se chama 'intuição do falante' para a descrição do fenômeno observado. Tentar trazer à luz estas regras pré-existentes tem sido o ponto de vista adotado tradicionalmente. Paul Hopper(1985) define isto como 'gramática A-Priori', termo que, segundo ele, deriva de Husserl e da tradição clássica da Fenomenologia e reflete um tema que vem desde antes da Idade Média.

Existe a outra gramática, a gramática do 'uso'. O estudo dos fatos gramaticais, sob esta ótica, considera seus contextos de ocorrência, ou seja, o 'discurso', como o momento e o lugar onde estes fatos são gerados, relativamente fixados e continuamente reformulados. Segundo ainda Hopper(1987), divulgador da noção de 'gramática Emergente', a gramática é um constante vir-a-ser:

"Nós não tiramos as palavras de um catálogo por elas servirem a uma construção sintática específica, mas, ao contrário, a forma categorial que uma palavra assume é um reflexo de sua função num contexto retórico particular. Dizendo de outra maneira, categorialidade não é pré-existente em relação ao discurso, mas é

Tanto uma abordagem quanto a outra pode trazer resultados satisfatórios dependendo do aspecto lingüístico que se pretende observar. Há fenômenos que se prestam melhor ao primeiro tipo de análise, outros, entretanto, só podem ser elucidados sob um prisma mais amplo, que permita a visão daquilo que antecede e sucede a unidade lingüística, bem como a recorrência deste tipo de unidade em ambientes semelhantes e distintos.

Com este trabalho pretendemos investigar as categorias verbais de TEMPO, ASPECTO e MODO e adotaremos a perspectiva do `discurso` por considerá-la mais adequada a este propósito. Temos duas razões básicas para isto. Primeiro, consideramos que uma categoria verbal só pode ser percebida mais integralmente pela análise das recorrências, no discurso, de sua interrelação com as demais categorias, tanto verbais como nominais. Segundo, achamos que as categorias verbais têm a função básica, na estruturação do discurso, de marcar as partes que o compõem.

Assim temos que os fatores TEMPO, MODO, ASPECTO, VOZ e TRANSITIVIDADE não são muito claramente definíveis, um, isoladamente dos demais. Veremos mais adiante, por exemplo, que o tempo `futuro` é fortemente carregado de nuances modais de intenção, volição e é raro como referência temporal exclusiva. Veremos também aqui como muitos tempos verbais trazem secundariamente valores aspectuais ligados a eles, que vão se realizar também contextualmente.

Quanto à ligação entre as categorias verbais e nominais,

já foi mostrado por alguns autores [Hopper(1979) apud Reid(1977)], o interrelacionamento entre o aspecto `perfectivo` e os nomes próprios, singulares, definidos, concretos, de um lado, e o aspecto `imperfectivo` e os abstratos, indefinidos, inanimados, de outro. [Reid(1977)- `passé simple`/ `imparfait`, citado em Hopper(1979)]. As interrelações entre categorias verbais e nominais não serão investigadas neste trabalho.

Já que categorias verbais são mais satisfatoriamente apreendidas no `discurso`, para sabermos o significado mais preciso de qualquer uma delas, é importante entendermos o seu papel no texto extra-sentencial. Stephen Wallace(1982) diz que gramáticos do grego e do latim estavam cientes do papel das distinções aspectuais para as diferenciações dos tipos de informação contidos num texto corrido:

"Eles mostram, por exemplo, que o `perfeito` latino e o `aoristo` grego trazem a narração básica, isto é, a apresentação dos eventos seqüenciais centrais, onde o `imperfecto` nestas línguas é a forma verbal da descrição, da representação das circunstâncias auxiliares. " (Bennet 169-70; Goodwin 268-72; Moore 74; Schwyzer 277)(*2)

TEMPO ASPECTO e MODO são tomados, neste trabalho, como mecanismos discursivos, reguladores do fluxo da narrativa. As perguntas que tentaremos responder são:

- 1- Para que servem estes mecanismos?
- 2- Como funcionam?
- 3- Quais as implicações teóricas decorrentes de 1 e 2?

CAPITULO 1- FIGURA E FUNDO

1.1- A ESTRUTURA DISCURSIVA DA NARRATIVA

William Labov(1972) diz que o que delimita a existência de uma narrativa (por ele definida como um método de se recaptular a experiência passada pela apresentação da seqüência de orações correspondendo à seqüência dos eventos que- se supõe- de fato ocorreram) é a presença de no mínimo duas `orações narrativas` (`narrative clauses`), isto é, orações ordenadas temporalmente. Esta amarra temporal é então o que caracteriza uma seqüência de orações como orações narrativas.

Porém, ao narrar, o falante apresenta a seqüência de eventos que se sucederam, mas não somente isto. Estes eventos são geralmente situados num contexto determinado, físico ou psicológico; estes eventos podem passar pelo crivo de seu julgamento; pode-se fazer ainda qualquer comentário a respeito deles.

A narrativa é estruturada como contendo uma linha central de acontecimentos seqüenciados e uma quantidade maior ou menor de informação de apoio. Há as `orações narrativas`, apresentando cruamente os eventos ordenados e toda uma gama de informação extra que dá maior substância e textura ao discurso.

Observe o exemplo seguinte, extraído de uma narrativa coletada para este trabalho. As sentenças mais à esquerda correspondem aos eventos centrais da narrativa; as mais à direita correspondem à informação de apoio:

(01)-

E eu olhei

e fui panhá água. (+)

Porque lá ninguém tem água em casa, né?
tudo é panhado no rio.

Quando na época da chuva, que o rio
enche,

então a gente pega água no (+) córrego.

Lá tem aqueles bonito, corrente, né? (+)

Tava vazio,

aí fui pegá água pra minha mãe.

E vi aquele pé.

[J(B)-8/17]

No trecho, à direita, temos um tipo de informação suplementar, que especifica o contexto onde os fatos ocorreram. É como a descrição de um cenário; enriquece a estória. Observe que aí os tempos verbais utilizados foram o 'presente' e o 'imperfeito', em oposição ao 'pretérito perfeito', que caracteristicamente marca as 'sentenças narrativas' (mais à esquerda).

As categorias de TEMPO e ASPECTO verbais, principalmente, e também MODO, servem ao propósito de sinalizar para o ouvinte (ou leitor) qual é o material central e qual é o que o complementa.

O texto narrativo representa uma determinada realidade, que é definida numa linha temporal específica. A FIGURA corresponde à parte deste texto que contém os eventos ordenados nesta linha; são estes eventos que avançam a estória, que a conduzem ao seu final. Então, as unidades textuais que apresentam material não-sequencial não podem ser unidades da FIGURA. O FUNDO, por outro lado, contém situações que ampliam esta estória com

descrições, explicações, comentários, etc. Os acontecimentos aqui não estão atados pela exigência da seqüencialidade (apesar de poder haver material temporal - seqüenciado, mas não em relação à linha central dos eventos - como veremos mais adiante). A ligação entre as orações são bem mais soltas, do ponto de vista da seqüencialidade, no FUNDO do que na FIGURA.

Coletamos 13 narrativas orais espontâneas, ou seja, sem determinação prévia de tema; transcrevemos este material e o analisamos. Na manipulação destes dados trabalhamos basicamente com estas noções de FIGURA e FUNDO.

1.2- PRINCÍPIOS DA PERCEPÇÃO COGNITIVA

Reinhart(1982), afirma que o quadro resultante da abordagem discursiva que define os textos narrativos por propriedades de sua organização temporal é que as seqüências temporais formam a FIGURA do texto; e se propõe, com sucesso, a responder duas perguntas que ela diz terem ainda permanecido sem resposta:

- 1- Em que sentido tais seqüências são consideradas FIGURA? (ou o que significa chamá-las assim?)
- 2- Porque o texto narrativo é organizado obrigatoriamente em torno deste tipo específico de FIGURA?

A autora mostra muito claramente que os princípios que regem a organização espacial do campo visual em figura (figure) e

fundo (ground), propostos pela teoria Gestalt, são os mesmos que, por extensão, regem este tipo de organização temporal. Os critérios que determinam como percebemos visualmente uma figura têm correlação estreita com os que determinam a nossa percepção da FIGURA narrativa(*a).

Há a asserção, no artigo, de que a divisão em FIGURA (FOREGROUND) e FUNDO (BACKGROUND) é um princípio essencial da organização do texto narrativo, reflete um processo cognitivo; é a contraparte lingüística da organização do campo visual. Reinhart baseia seus argumentos no trabalho de Koffka(1935).

FIG.(I)-



O desenho acima é mostrado para ilustrar alguns princípios a que está sujeita a percepção visual humana, e, por extensão, a percepção temporal. O contorno terá sempre uma única função de cada vez ('one-sided function'). Se percebemos este desenho, que é ambíguo, como composto por um quadrado sobre um retângulo, as quatro linhas internas estarão definindo apenas este quadrado, não afetando a forma do retângulo. Se, ao contrário, percebemos o retângulo com um buraco quadrado, as quatro linhas internas serão o próprio retângulo margeando o quadrado. A 'one-sided function' diz que uma interpretação exclui a outra, num mesmo instante.

A primeira descrição intuitiva da relação figura/fundo que a autora coloca é que a figura é percebida como estando sobre

o fundo, ou seja, o fundo continua por sob a figura. Ao darmos a primeira interpretação para o desenho, nós, na verdade, não estaremos vendo a parte do retângulo que ficou sob o quadrado, mas a nossa percepção indica que esta parte do retângulo existe ali.

As relações temporais presentes num texto narrativo são interpretadas como análogas a estas relações espaciais. O material tipicamente não-temporal do FUNDO narrativo, isto é, as descrições, os estados dos personagens ou dos ambientes físicos, são percebidos como que, metaforicamente, continuando por sob a FIGURA. Veja como isto acontece:

No exemplo que se segue^{(*)4}, o fato de o pai da narradora `nunca falar `não´´, subjaz ao acontecimento específico desta narrativa; é uma característica de sua personalidade- ele era assim antes, agiu assim durante e provavelmente continuou sendo assim depois deste acontecimento^{(*)5}.

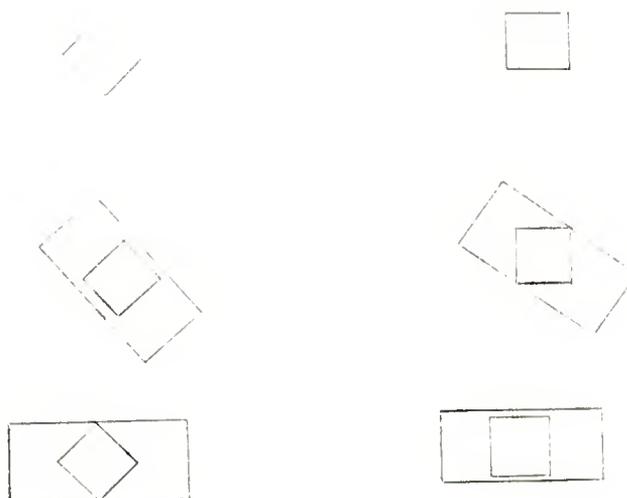
(02)- Ela chegô lá na oficina, (+)
pediu isso, pediu aquilo,
papai foi dano, foi dano.
Papai num falava `não´ (+) pra ninguém,
pelo contrário, ele até dava (+) tudo.
O que precisasse dá
ele dava.
Se pedia,
ele- (+) principalmente pedindo,
nunca ele falô `não´.(+) IIC-86/96

Uma propriedade fundamental desta relação é que a figura depende do fundo para sua caracterização. O contrário, entretanto, não acontece. Observe os desenhos abaixo:

FIG. (II)(a)-

(b)-

(c)-



Na FIG.(II)(b) a percepção das mesmas figuras de (a) é alterada pela qualidade do fundo onde se encontram. Já o fundo é definido por seus próprios contornos, não dependendo de nenhuma das figuras. As relações angulares do fundo em (c), com cada uma das figuras, são as mesmas que em (a), onde se tem esta página como fundo.

A contraparte desta dependência funcional da FIGURA em relação ao FUNDO se dá no sentido de que a cadeia de eventos só se torna significativa na medida em que as demais condições e circunstâncias a elas relacionadas estiverem definidas.

As situações do FUNDO, que trazem descrições, explicações, elaborações, etc, ajudam sempre a compor mais nitidamente a FIGURA. Sem esse tipo de informação suplementar, a seqüência narrativa propriamente dita ficaria, muitas vezes, esvaziada de sua real significação. Veja o trecho que se segue:

(03) -

Ele custô muito pra andá (+)
e ele ficô com a perna assim, (+) no
joelho, (+) em cima, né? /SEI/
E aqui embaixo ele não assenta o calcanhá

no chão.

Ele anda só com a ponta do pé, (+) assim.

(+) entendeu /UNHUM/ com' é que é?

Tanto que uma vez-

porque lá qualquer criança de sete anos

nada (+)

um um um filho de um senhor (+) lá do correio pegô
ele,

pôs ele na canoa (+)

e soltô ele lá no rio, (+) lá no meio. (+) [M-4/11]

A intenção do personagem 'filho do senhor do correio' (agente das ações da FIGURA) e a gravidade da situação, neste exemplo, só podem ser percebidas a partir da informação suplementar fornecida no FUNDO, que caracteriza o paciente destas ações como incapaz de reagir a elas, por ter um defeito na perna.

Não há razão a priori para assumirmos que a figura será mais importante que o fundo. Qualquer um deles pode ganhar destaque dependendo de sua complexidade intrínseca, de sua profusão de detalhes, ou de outro fator. Reinhart mostra, com exemplos, como material às vezes subsidiário ou subordinado, numa narrativa, pode ser até mais significativo que o central. A condição obrigatória da percepção é que haja a figura num fundo e isto é independente de outros sistemas de organização psicológica e perceptiva. Isto não é tampouco um mecanismo estético.

Esta condição seria explicada então por propriedades da mente humana, no que concerne à forma como processa a informação, tanto espacial quanto temporal (informação lingüística).

Ao dizer da motivação para o estudo lingüístico destas noções, Reinhart afirma:

"Se esta distinção é de fato marcada lingüisticamente, isto sugere que ela é 'psicologicamente real' ou que reflete, na verdade, propriedades da organização e da percepção da linguagem." (*6)

Relacionaremos mais adiante alguns trabalhos que têm mostrado a relevância das noções de FIGURA e FUNDO, em várias línguas, pelas formas variadas como estas línguas gramaticalizam esta realidade narrativa.

1.3- CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DA FIGURA NARRATIVA

Existem critérios a serem observados ao se analisar um texto narrativo para podermos dividi-lo em material de FIGURA e de FUNDO. O mais fundamental destes critérios para a rotulação da unidade discursiva é aquele baseado no conceito de 'oração narrativa' ('narrative clause' - Labov 1972), ou seja, é a ordem temporal. Ele é básico e prevalece sobre os demais. Nenhuma sentença que não tenha a característica apontada por este critério poderá ser considerada uma sentença de FIGURA.

Reinhart(1982) estabelece uma correlação entre os principais critérios de identificação da FIGURA (os que ela chama de critérios de conteúdo) e os princípios da percepção visual da figura na teoria Gestalt. Ela divide estes critérios narrativos em três grupos, que são:

- A- CRITÉRIOS TEMPORAIS (os principais para este trabalho)
- B- CRITÉRIOS DE DEPENDÊNCIA FUNCIONAL
- C- CRITÉRIOS DE DEPENDÊNCIA DE CULTURA

Vejam os então o paralelo entre os dois campos da percepção humana:

A- CRITÉRIOS TEMPORAIS:

A- 1. Narratividade ou Continuidade Temporal

Servem como FIGURA as unidades textuais cuja ordem de apresentação corresponde à ordem de ocorrência dos eventos que elas representam.

Este critério encontra um forte correspondente no princípio Gestalt que diz que sempre damos prioridade às formas ou contornos contínuos. Isto é ilustrado pelos desenhos abaixo:

FIG.(III)(a)-



(b)-



Na primeira figura (III)(a) vemos uma curva senoidal e outra formando ângulos retos, mas não as formas fechadas mostradas em (b). Segundo o princípio Gestalt, para que fosse o contrário, teríamos que quebrar a continuidade das formas e isto seria ante-natural.

Transpondo isto para o campo narrativo, tem-se que as seqüências temporais fornecem a continuidade temporal, sendo os equivalentes mais naturais à figura visual. Veja:

(04) -

Um belo dia (+) eu estava na sacada (+)
e debaixo (+) passou o padre, (+) o (+) capelão-
capelão não, (+) o vigário da paróquia. (+)

Era um homem gordo (+) vermelho (+) e já
de meia idade (+)

que eu nem havia conhecido ainda (+)

E ele me (+) abanô a mão
e falou

‘vem cá, menininha.’

Eu desci correndo as escadas (+)

e ele meteu a mão no bolso (+)

e me tirou um livrinho (+)

e me deu. (+)

(Pr-24/34)

Observe o encadeamento, a seqüência da FIGURA (a segunda oração e todas as que estão alinhadas com ela), formando um fio contínuo de acontecimentos, cujo início é quebrado exatamente pelas sentenças do FUNDO (as mais à direita).

A- 2. Pontualidade

Unidades que trazem eventos pontuais servem mais facilmente como FIGURA do que aquelas de eventos durativos, repetitivos ou habituais.

Outro princípio Gestalt diz que, se tudo o mais for igual, será mais fácil identificarmos as áreas menores como figura e as áreas maiores como fundo. Observemos os desenhos abaixo:

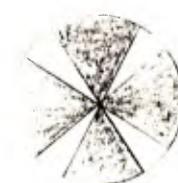
FIG. (IV) -



FIG. (V)(a) -



(b) -



Temos a tendência a ver na FIG.(IV) três tiras estreitas com uma linha sobrando à direita, ao invés de três tiras largas com uma linha sobrando à esquerda. Na FIG.(V)(a) temos uma figura ambígua; podemos tanto ver uma hélice preta como uma hélice branca. Já em (b), onde a área em branco é menor, ela é mais facilmente percebida como figura. A Gestalt explica isto dizendo que quando temos uma figura sobre um fundo nós completamos mentalmente o fundo por sob a figura. Assim, quanto menor a figura, menos teremos que completar.

Linguisticamente falando, 'menor' significa 'menos tempo transcorrido': menor espaço/tempo entre o início e o fim de uma ação; corresponde ao conceito de 'pontualidade'. Observe:

(05) -

Parô o caminhão assim na porta,
 pegô na minha mão,
 me levô lá, (+)
 bateu na porta... (+)
 já tava tudo fechado
 daí cê vê (+) tanto
 que viajô. /M.: É/
 Já tava tudo fechado, né? (+)

Bateu na porta,
 seu Antônio veio,
 abriu, (+)
 mandô
 chamá dona Palmyra,
 veio,
 eles me pegaram lá.

[IPC-109/129]

É interessante notarmos as características semânticas intrínsecas dos verbos acima (ou como foram usados no contexto), com relação à pontualidade. Em geral, os verbos da FIGURA são mais 'pontuais', isto é, indicam ações mais delimitadas num tempo específico, mais reduzidas temporalmente (*parar, pegar, bater, abrir, etc*). No FUNDO entretanto, a tendência é para que os verbos indiquem ações e/ou situações mais duradouras, muitas vezes estados (*ver, viajar, estar*).

Tanto este princípio da percepção visual quanto o seu correspondente na narrativa, a pontualidade, são relativamente mais fracos que o par discutido anteriormente (prioridade aos contornos contínuos e continuidade temporal), podendo ser invalidados por outros princípios (ou critérios).

A- 3. Compleção

A unidade que representa um evento 'completado' pode servir mais facilmente à FIGURA do que uma que representa um evento que não se completou.

Este terceiro critério encontra respaldo no princípio da percepção espacial que estabelece que quanto mais fechada é uma área é mais natural interpretá-la como figura.

FIG. (VI)(a) -



(b) -



Os desenhos acima mostram inclusive que este princípio prevalece sobre o anterior.

A noção de área fechada é expressa linguisticamente pelo sistema de TEMPO/ASPECTO. Veremos mais adiante como o 'pretérito perfeito' do português denota em geral ações completadas, e como ele é mais característico da FIGURA. Observe ainda como o exemplo anterior (05) também expressa este fato.

B- CRITÉRIOS DE DEPENDÊNCIA FUNCIONAL:

Será material de FUNDO tudo o que serve para explicar os eventos temporais:

B- 4. Modalidade

Proposições modais e negativas são de FUNDO. Tais proposições servem como comparações dos eventos da FIGURA, como maneiras alternativas de desenvolvimento:

- (06)(a) - Parece
que o Fernando Sabino (+)num ía não. (IFS-27/28)
- (b) - Se pedia,
ele- (+) principalmente pedindo,
nunca ele falô 'não'. (+) (IDC-94/96)
- (c) - Não precisô
de chamá o carpinteiro, nada
prá mexê na madeira. (+) (Pi-77/79)

Acima temos algumas seqüências de fundo onde há expressão de valores modais (dúvida (06)(a), necessidade em (b) e condição em (c)) e negativos.

B- 5. Causalidade

A causa, numa junção de dois eventos assim relacionados, pode ser apresentada como FUNDO, mas não o contrário.

Isto é, numa relação de causa e consequência, a causa vai aparecer no FUNDO, e a consequência na FIGURA.

Este critério da causalidade se relaciona, não de forma direta, ao princípio Gestalt, já mencionado, que diz que a figura depende do fundo para sua caracterização, mas o FUNDO não depende da FIGURA. Na relação de causalidade, a consequência ou efeito depende da causa, porém a causa não depende do efeito.

C- CRITÉRIOS DE DEPENDÊNCIA DE CULTURA:

Se dois eventos são igualmente candidatos à FIGURA, pelos critérios anteriores, os critérios acima podem ainda afetá-los:

C- 6. Carga semântica

Eventos que são considerados de maior destaque ou importância numa determinada cultura tendem a ser FIGURAS mais do que um evento neutro sob este aspecto.

C- 7. Gênero ou convenção

A convenção ou o gênero literário podem exigir que eventos chaves, mais do que os neutros sob a perspectiva do gênero, sejam FIGURAS.

Também aqui estes critérios são consistentes com a asserção Gestalt de que a identificação da figura pode ser influenciada por nossas expectativas e nosso conhecimento do mundo. Formas conhecidas por nós são mais naturalmente percebidas como figura.

Exposto este paralelo, Reinhart afirma então que este

modo de organização narrativo não é uma questão de opção estética e sim uma estratégia perceptiva. Tende a considerar que este sistema é obtido por uma extensão metafórica do sistema que rege nossa percepção espacial. (Reinhart(1982) apud Koffka(1935); Hopper(1979); Hopper and Thompson(1980); Talmy(1978) e Schen(1981))

Sabemos que há críticas, no meio de psicologia, à Teoria Gestalt. A linha da psicologia psicanalítica vê esta teoria como uma psicologia elaborada da percepção de `superfície`. A crítica que lhe é feita é no sentido desta estrutura não explicar a percepção `inconsciente` ou `profunda`, que segue um conjunto de leis totalmente diversos. É argumentado que, nas fantasias, nos sonhos e na arte moderna, a superposição de formas igualmente fortes pode chegar a um nível em que Gestalt seja inteiramente ausente.

Não cabe a nós aqui entrarmos nesta discussão. Sentimos, entretanto, ao desenvolvermos nosso trabalho, que estes princípios são bem reais dentro das narrativas orais que analisamos. E, ainda naquele mesmo estudo de Reinhart, há exemplos de textos narrativos onde se quis quebrar estes princípios e o resultado, para o leitor, foi uma certa sensação de estranhamento. Talvez seja exatamente este efeito que nos leva ainda mais a concordar com as considerações feitas por Reinhart.

A nível teórico podemos afirmar que a realidade destes princípios ocasionará, em geral, a marcação linguística diferenciada para o material constante da FIGURA e para o do

FUNDO. Algumas exemplos desta gramaticalização em várias línguas é o que veremos no próximo item.

1.4- A GRAMATICALIZAÇÃO, NAS LÍNGUAS, DAS NOÇÕES DE FIGURA E FUNDO

Estas noções têm sido muito úteis no estudo de textos narrativos feitos por vários lingüistas. E estes estudos têm mostrado haver, em geral, nas línguas, algum tipo de gramaticalização da FIGURA e do FUNDO.

Muitas línguas possuem mecanismos morfo-sintáticos indicadores de que um determinado evento ou ação componente de uma sentença tem um determinado status no discurso. Estas sentenças se opõem a outras, não marcadas por estes mecanismos, que trazem situações incidentais, descritivas ou de apoio aos eventos centrais do discurso ou narrativa.

Cabe aqui uma breve relação de trabalhos que mostram diferentes formas como línguas distintas realizam a gramaticalização deste fato.

Paul Hopper(1979) mostra como isto se dá no francês, no russo, no malaio e no inglês arcaico.

A- FRANCÊS LITERÁRIO

Esta língua apresenta um contraste funcional entre os dois tempos verbais conhecidos como 'imperfeto' (imparfait) e o 'passado histórico' (passé historique), este também conhecido como 'pretérito' ou 'passado simples'. Os eventos dinâmicos, as ações que levam adiante a narrativa, são expressos no 'passado

histórico'. O 'imperfecto', por outro lado, é usado para a construção do ambiente de FUNDO em relação às ações centrais.

Na análise do material narrativo utilizado o autor encontrou, nas sentenças com 'passado histórico', os seguintes traços, típicos de FIGURA:

- 1- sentenças cronologicamente seqüenciadas, sem sobreposição temporal;
- 2- tendência para os verbos serem lexicalmente pontuais, ou receberem uma interpretação pontual e
- 3- tendência a uma distribuição mais uniforme de informação nova e dada.

Contrastivamente, as sentenças expressas no 'imperfecto' mostram características opostas:

- 1- permitem a simultaneidade cronológica das sentenças;
- 2- tendência para os verbos serem durativos ou iterativos e
- 3- tendência a uma distribuição marcada dos tópicos do discurso.

B- MALAIO

Nas narrativas do malaio analisadas por aquele autor observou-se que a partícula *-lah* como sufixo verbal marca os eventos altamente relevantes para a linha da estória. *-lah* determina necessariamente a visão do evento como completado. Nestas sentenças assim marcadas o verbo geralmente aparece em posição inicial. *-lah* é uma partícula de foco. O foco no verbo, segundo o autor, está associado à função narrativa, envolvendo seqüenciamento cronológico estrito:

É de se notar que as orações não-marcadas com *-lah* são incidentais e de suporte, ou denotam eventos que ocorrem 'fora de cena' ("off-stage"); não são eventos cinéticos que pertencem ao 'esqueleto' da narração; são porém essencialmente subsidiários. "(*?)

Diz ainda que as gramáticas do malaio se referem a esta partícula como tendo um significado pretérito. Ele aponta então para a possibilidade de marcadores de TEMPO e ASPECTO derivarem de partículas de foco narrativo.

Em Malaio tem-se ainda o sistema de voz servindo à função discursiva de contrastar os eventos da FIGURA e os do FUNDO. A passiva do malaio não corresponde à passiva das línguas ocidentais, onde é primordialmente uma forma de se suprimir o agente do verbo transitivo e secundariamente a tematização do objeto. A passiva malaia é usada para eventos que são perfectivos, ativos, pertencentes à FIGURA.

A ordem vocabular em malaio se apresenta associada à voz. O verbo é o local das ações e dos eventos, sendo, então, a parte nova da sentença narrativa: VSO é a ordem para a passiva. Já a ativa apresenta a ordem SVO, com foco no sujeito ou outro constituinte.

Com relação a isso, vale a pena mencionar ainda Ellen Rafferty(1982), que também trabalha com o malaio/ indonésiano. Esta autora checa a realidade da dicotomia Perfectivo/ Imperfectivo para as partículas *NG/ DI* na conversação. Hopper(1979) já havia descrito o comportamento delas no texto narrativo. É interessante a comparação entre os dois tipos de texto. Uma conversa livre é diferente de um discurso estruturado em termos de uma estória determinada. A seqüencialidade, o

encadeamento cronológico é muito menos presente na conversação, a não ser naqueles fragmentos que constituem por si mesmos pequenas narrativas. Assim, o 'Perfectivo' numa conversa desempenha um papel relacionado à relevância de determinadas unidades em oposição a outras, que são sentidas, pelo falante, como racional ou emocionalmente significativas naquele momento da fala.

C- INGLÊS ARCAICO

Esta língua não apresenta marcador morfológico de FIGURA evidente, como no caso do *-lah* malaio. O mecanismo básico manifesto aqui é o da ordem vocabular.

As sentenças que funcionam como o 'passado histórico' francês, que denotam os eventos que fazem a estória avançar numa narrativa, que estão um em sucessão cronológica ao outro, seguem o padrão sintático OV (objeto antes do verbo). As sentenças que indicam eventos que estão isolados, incluindo os que são descritivos ou são simultâneos aos do outro tipo, apresentam o verbo à frente da sentença (antes ou depois do sujeito) ou seja, antes de outro constituinte maior do predicado: ordem VO.

No que diz respeito ao tipo de sujeito, em inglês arcaico, tem-se que, no FUNDO, há uma tendência para que sejam não-tópicos, relativamente novos e inesperados. São compostos por pronomes e os SNs completos são ou acentuados ou marcados como não-tópicos, pela complexidade ou por um artigo indefinido. E ainda alguns são inanimados, o que reduz sua topicalidade intrínseca, enquanto outros são nomes completamente novos, introduzidos pela primeira (e talvez última) vez no texto.

Já na FIGURA, o sujeito é em geral tópico, expresso por

um pronome anafórico ou um nome definido, sem foco.

Outra característica do FUNDO, nessa língua, é a possibilidade de movimento na linha temporal, refletida pelo uso de tempos verbais compostos, incluindo auxiliares modais; e a tendência à ocorrência de verbos que denotam estados, processos e descrições. Estas características se opõem às da FIGURA, onde o tempo é medido e unidirecional e os verbos tendem a ser ativos e pontuais.

D- RUSSO

Em russo a distinção entre FIGURA e FUNDO se dá pela característica aspectual do verbo. O 'passado' russo, aspecto 'perfectivo', aparece em contextos análogos aos do 'passado histórico' francês e o aspecto 'imperfectivo' funciona como o 'imperfeito'.

Por ter analisado diversas línguas, Hopper apresenta um quadro básico das interrelações entre LINGUAGEM NARRATIVA, ESTRUTURA DE FOCO e ASPECTO, que se aplica, num maior ou menor grau, a todas as línguas estudadas. Ele se diz insatisfeito com os termos Perfectivo e Imperfectivo que emprega para a expressão da dicotomia por ele descrita, por estarem muito ligados à idéia tradicional de ações completadas X não-completadas e também ligados ao aspecto eslavo, e acrescenta:

"...o quadro básico é, muito possivelmente, Universal e as línguas vão diferir umas das outras quanto ao grau de explicitação com que as várias funções são indicadas e quanto à seleção de uma ou mais das funções para uma marcação morfo-sintática específica." (*8)

Vejamos então o quadro, possivelmente universal, proposto por Hopper:

<u>Perfectivo</u>	<u>Imperfectivo</u>
- seqüenciamento cronológico estrito	- simultaneidade ou sobreposição cronológica das situações
- visão do evento como um todo, necessariamente completado, para que haja o evento subsequente	- ausência da exigência de compleção
- identidade do sujeito em cada episódio	- mudanças freqüentes de sujeito
- distribuição de foco não-marcada, pressuposição do sujeito e asserção no verbo e seus complementos imediatos (ou outro foco não-marcado)	- distribuição marcada de foco: sujeito, instrumento, adverbiais
- tópicos humanos	- variedade de tópicos (incluindo fenômenos naturais)
- eventos dinâmicos, cinéticos	- situações estáticas, descritivas
- FIGURA: eventos indispensáveis à narrativa	- FUNDO: estados ou situações necessárias para a compreensão das atitudes, dos motivos, etc

Convém lembrar mais uma vez que Hopper enfatiza que as línguas vão diferir entre si quanto à intensidade com que vão gramaticalizar estas distinções.

E- MANDARIM

Li, Thompson e Thompson (1979) partem da proposição de Friedrich (1974) segundo a qual os sistemas de ASPECTO podem ser

divididos em três 'categorias aspectuais básicas', que são:

- a) durativa, continuativa;
- b) pontual, completiva, perfectiva e
- c) estativa, perfeita.

Mostram que a explicação para a distinção entre a categoria durativa (Imperfectiva) e a pontual (Perfectiva) foi dada por Hopper em termos das funções discursivas destas categorias. Acreditam estes autores que a terceira delas, a estativa ou perfeita, também pode ser compreendida em termos de seu papel no discurso. A essência desta categoria é sua função de relacionar eventos/ estados a um Tempo Referencial, seja ele o momento da narrativa ou do ato de fala.

Na narrativa então, esta categoria serve para inserir comentários de fundo, passados, que são de alguma forma relevantes à situação em determinado ponto da estória. Em conversação, o Tempo Referencial é o momento da fala.

Os autores mostram como a partícula *le* do mandarim é um expoente do ASPECTO Perfeito(*o), apesar de ela não ser uma partícula verbal, e sim de final de sentença. Quanto a isto, os autores argumentam:

"... o que determina que uma construção ou morfema em uma dada língua possa ser uma manifestação de uma categoria gramatical específica é sua expressão de certos significados centrais que sejam típicos daquela categoria gramatical. Pelo fato de ela expressar estes significados centrais podemos prever que também expressará outros sentidos relacionados (e mais periféricos), mas não necessariamente todos aqueles que o 'Perfeito' expressa numa outra língua. Nossa posição é que podemos nos aproximar mais de uma compreensão do aspecto tomando uma perspectiva cross-lingüística; a questão que importa não é se uma dada categoria

gramatical numa língua pode ser rotulada de 'Aspecto Perfeito', mas sim até que ponto que o espaço semântico que ela ocupa coincide de forma parcial e significativa com aquele ocupado por uma dada categoria gramatical em outra língua."(*10)

F- INUKTITUT

Ivan Kalmár(1982) também desenvolve um trabalho muito interessante sobre os 'verb modes' do inuktitut, um dialeto do oeste da Groenlândia. Ele se recusa a chamar estas categorias de 'moods' (modos) por elas não refletirem a atitude do falante quanto ao seu compromisso com o grau de realidade daquilo que está dizendo. Em textos narrativos o autor mostra que a função delas é a de situar cada predicação no contexto global do texto. Isto é, permite a distinção da informação essencial, daquela de fundo; a separação entre eventos que desenvolvem a mensagem daqueles que são simples elaboração dela; diferenciam também entre as sentenças com foco no predicado, daquelas onde o foco se encontra nos argumentos.

Os 'modes' primários da língua, expressos por sufixos verbais, analisados por Kalmár, foram agrupados, quanto ao que concerne a sua função na estrutura do texto, em:

- a) MOI- (principal [main], optativo, imperativo) - corresponde à informação essencial da estória.
- b) APP- (aposicional não-futuro, aposicional futuro, aposicional negativo) - corresponde à informação de fundo.
- c) REL- (relativo) - corresponde à elaboração de determinados pontos da narrativa.
- d) P- (particípio) - corresponde aos comentários do resultado dos eventos nos participantes.

Assim, cada sentença pode então ser classificada, quanto ao seu lugar no discurso, em três dimensões:

- 1- informação essencial X informação de fundo;
- 2- desenvolvimento X elaboração e
- 3- foco no evento X foco no participante.

G- CRIOULO

Alguns traços do sistema gramatical do crioulo, em termos semânticos e pragmáticos, são comuns a muitas outras línguas. Segundo Givón(1982), este sistema constitui, em certo sentido, um protótipo lingüístico universal. Os traços que o crioulo apresenta podem não estar presentes todos, ao mesmo tempo, numa determinada língua, como ali, mas são os mais comuns encontrados cross-lingüisticamente.

Givón descreve o sistema crioulo de TEMPO/ASPECTO/MODO (TAM) já traçado por Bickerton(1975) e o compara a outros sistemas TAM, comentando as similaridades e diferenças.

Os dados analisados são do crioulo- Havai, porém, todo sistema TAM crioulo exibe o mesmo esquema de três elementos pré-verbais marcando as mesmas funções semânticas (e pragmáticas). Segundo Givón estes marcadores apresentam as funções:

<u>Marcador</u>	<u>Função semântica</u>	<u>Função pragmática narrativa</u>
Ø	- ação passada, estado presente	- linha central de ação na narrativa; eventos em sua sequência natural de ocorrência
'stay'	- não-pontual, contínuo, habit., iterativo	- material de FUNDO, descrição de estados passageiros ou habituais, explicação ou fundo temporal para os even-

		tos centrais
'go'	- futuro, condicional, irrealis imperativo	- asserções probabilísticas laterais onde a continuidade de ação é quebrada muito freqüentemente em discurso indireto ou na reprodução da fala de participantes.
'bin'	- anterior, perfeito, mais-que-perfeito	- função retrospectiva; reverte a ordem temporal dos eventos; muito freqüente em sentenças subordinadas tais como V-compl., REL-oracões e ADV-oracões. (Givón 1982:119)

As oposições semântico-pragmáticas do crioulo têm como elementos não-marcados aqueles `seqüenciados, pontuais, e `realis´ e marcados os `anteriores, não-pontuais e irrealis´. Não será fácil encontrar nas línguas humanas muitas que não apresentem estas características em seu sistema TAM.

Assim, os membros não-marcados no crioulo (Ø) são usados nas sentenças que formam a espinha dorsal da narrativa, isto é, expressam a FIGURA, enquanto aqueles marcados estão em sentenças que exatamente quebram esta continuidade, este fio de eventos. Representam a digressão na narrativa.

Givón compara o sistema TAM do crioulo, prototípico, com o hebraico bíblico antigo e diz serem inerentemente o mesmo, em termos semântico-pragmáticos. Em hebraico, a oposição básica é entre um determinado aspecto, pontual, `realis´, seqüencial, que traz o fio da narrativa, e três outros aspectos, que trazem o FUNDO e os `asides´, que são:

- a) o `perfeito` (função anterior);
- b) o `particípio` (função não-pontual) e
- c) o `imperativo`, `jussivo` e outras categorias morfológicas (funções `irrealis`)

O autor analisa ainda duas outras línguas não-contato com o crioulo, que são Bemba e Chuave. Givón menciona que em Bemba, uma língua Bantu falada na Província do Norte da Zâmbia, há um sistema de TEMPO/ASPECTO extremamente complexo e que as correspondências semânticas e pragmáticas deste sistema com as do crioulo são muito grandes. Mesmo para Chuave, uma língua da Nova Guiné, de um tipo aparentemente muito distinto do crioulo e das línguas em geral, as características no modo de processamento da informação refletem as do crioulo prototípico. Neste tipo de língua, a informação é apresentada em cadeias longas de sentenças (`clause-chaining language`), das quais somente a última é marcada por MODO (declarativo, interrogativo, comando) e TEMPO (futuro, não-futuro).

Esperamos ter dado um idéia da relevância das noções de FIGURA e FUNDO, que a nosso ver fica clara em estudos como os relacionados acima. Tais noções foram básicas para a manipulação do material com que trabalhamos, como veremos posteriormente.

CAPÍTULO 2- AS CATEGORIAS VERBAIS DE MODO, TEMPO E ASPECTO

No capítulo anterior apresentamos as noções discursivas básicas com que trabalharemos, que são exatamente as de FIGURA, correspondendo no texto narrativo à parte essencialmente da seqüência dos eventos, e o FUNDO, local no texto onde aparece toda a sorte de informação complementar, que ajuda na precisa caracterização desses eventos e onde o narrador emite suas opiniões acerca do que está narrando.

É objetivo desta dissertação mostrar que no português, a estruturação e organização de um texto narrativo em FIGURA e FUNDO é feita em grande parte através do uso específico das categorias de TEMPO, MODO e ASPECTO.

Passaremos agora à tarefa de caracterizar estas categorias. Basear-nos-emos em estudos já realizados por diferentes autores, sob diferentes perspectivas. Estas categorias verbais estão intimamente relacionadas a várias noções, tais como as de `telicidade`, `pontualidade`, `duração`, `habitualidade, e outras. Tentaremos formar um quadro o mais abrangente possível das questões ligadas às categorias que enfocaremos. Isso vai nos auxiliar no trabalho posterior com os dados.

As gramáticas tradicionais dedicaram, de um modo geral, pouco espaço ao problema do ASPECTO, concentrando maior atenção ao sistema dos tempos e modos. Mas já há trabalhos muito valiosos que visam especificamente a esta categoria lingüística na língua portuguesa. Cabe aqui mencionar aqueles que consultamos de forma mais detalhada e os quais serviram de base para este trabalho. São eles os estudos de Ataliba T. de Castilho(1968); Maria Aparecida

B. P. Soares(1984); Luiz Carlos Travaglia(1985) e Sônia B. B. Costa(1990), todos tratando do ASPECTO na nossa língua. Pode-se ainda mencionar o estudo de Comrie(1976), que aborda esta categoria de forma bem ampla e geral, sem se deter em uma língua específica.

O elemento verbal na língua portuguesa, apresenta uma estrutura composta por dois morfemas flexionais. Um deles designa as categorias de PESSOA e NÚMERO, que são comuns aos nomes. O outro morfema denota TEMPO, MODO e, secundariamente, valores aspectuais. Esta variedade de informações contidas neste morfema resulta numa dificuldade para a delimitação clara de suas áreas de significação.

Iniciaremos abordando a categoria de MODO, em seguida as de TEMPO e ASPECTO.

2.1- O MODO VERBAL

Ao fazermos um enunciado expressamos o nosso ponto de vista subjetivo em relação ao que dizemos. Podemos considerar que o conteúdo de nossa fala é real, ou seja, tem existência objetiva. Por outro lado, podemos vê-lo como fruto de um determinado processo mental nosso. No primeiro caso, afirmamos ou negamos algo que acreditamos ter ocorrido, estar ocorrendo ou que virá a ocorrer efetivamente; no segundo, os fatos são pensados como uma possibilidade ou como algo que se espera, se deseja ou se teme, ou seja, são fatos verbais aos quais não se atribui realização efetiva.

A língua portuguesa apresenta alguns recursos para a expressão desta atitude do falante em relação à veracidade do fato que está narrando. Um deles é o sistema dos modos. As conjugações tradicionalmente conhecidas como `indicativo`, `subjuntivo` e `imperativo` revelam o tipo de comprometimento do falante quanto à realidade de seu enunciado. Exemplos:

- (07)(a)- As crianças aqui *brincam* de roda.
Soube que vocês *trouxeram* o que encomendamos.
As matas *vão* continuar sendo queimadas.
- (b)- Temo que as crianças aqui não *brinquem* de roda.
Duvido que eles *tenham* trazido o que pedimos.
É possível que as matas *continuem* a ser queimadas.

Os fatos verbais(*11) presentes nas sentenças em (07)(a) estão expressos nas formas do `modo indicativo` enquanto os fatos verbais das orações subordinadas em (b) trazem o `modo subjuntivo`.

Em geral, como nestes exemplos, as orações que aparecem no `subjuntivo` vêm subordinadas a elementos que já indicam, por seu próprio conteúdo semântico, que os fatos verbais a eles dependentes são temidos, possíveis, duvidados, desejados, etc. A própria significação etimológica do termo `subjuntivo` revela este caráter de subordinação (lat. *subjungere* = subordinar). A estrutura mais comum com `subjuntivo` é, então:

oração principal - verbo com valor semântico de dúvida, desejo, temor, possibilidade ou necessidade
oração subordinada - verbo no `subjuntivo`

Acontece que este modo também ocorre em orações independentes que expressam desejo, como em (08), ou com um elemento adverbial de dúvida como em (09):

(08) - Tomara que *chova!*
Deus te *acompanhe!*
Que *venha!*

(09) - Talvez eu *vá.*

2.1.1- O 'SUBJUNTIVO' E SUAS VARIAÇÕES

Segundo Gili y Gaia (1969), já foram utilizadas noções da lógica para explicar a diferença entre o 'indicativo' e o 'subjuntivo'. Assim:

Domínio do 'indicativo'

'Juízos assertórios' - afirmam ou negam uma realidade

Domínios do 'subjuntivo'

'Juízos problemáticos' - expressam uma possibilidade
(dúvida) e

'Juízos apodícticos' - expressam uma necessidade
(desejo)

Estes conceitos interessam à lingüística no que concerne ao seu caráter subjetivo, tendo-se claro que a diferença entre os valores que expressam se dá no sentido da atitude assumida pelo falante ante o fato e não no seu conteúdo lógico intrínseco.

A língua grega usava, para os juízos problemáticos da

lógica, o 'modo subjuntivo', e, para os fatos sentidos como necessários ou desejados (juízos apodícticos), o 'modo optativo'. O latim não apresentava este último, podendo o 'modo subjuntivo' trazer qualquer dos dois valores. Apesar de algumas gramáticas do latim distinguirem entre 'subjuntivo comum' e 'subjuntivo optativo', eles apresentavam uma única forma.

Gili y Gaia também separa os domínios do 'subjuntivo' espanhol, empregando os termos 'potencial' e 'optativo', da seguinte maneira:

Subjuntivo Potencial - expressão de:

- a) dúvida ou desconhecimento
- b) temor ou emoção
- c) possibilidade

Subjuntivo Optativo - expressão de:

- d) necessidade subjetiva
- e) necessidade objetiva

Este esquema não pretende que os limites sejam rigorosamente claros.

O autor chama a atenção para alguns detalhes importantes de estruturas com estes subjuntivos, e colocaremos aqui, resumidamente, o que sentimos ocorrer também com estruturas semelhantes às nossas.

- a) 'Subjuntivo' em subordinadas a verbos de dúvida ou desconhecimento

A gradação da noção de incerteza pode ser percebida como um contínuo, da seguinte maneira:

NEGAÇÃO—negação débil—dúvida atenuada—dúvida e
 ignorância—dúvida atenuada—afirmação débil—AFIRMAÇÃO

Nestes casos, o emprego do `subjuntivo´ ou do `indicativo´ reforça ou atenua o caráter de dúvida. Parece que em português, em ambientes onde qualquer dos dois modos é possível, o emprego do `subjuntivo´ pode realmente acentuar a incerteza:

- (10)(a)- Imagino que ele *viajou* / ... *vem* amanhã.
 (b)- Imagino que ele *tenha* viajado / ... *venha* amanhã.

Observemos ainda exemplos, em português, para ilustração do contínuo, semelhantes aos apresentados por Gili y Gaia:

(11)-NEGAÇÃO (certeza)	Sei que não <i>volta</i> / (*)... <i>volte</i> .
negação débil, dúvida atenuada	Creio que não <i>volte</i> / ... <i>volta</i> . Não creio que <i>volte</i> / (?). <i>volta</i> . Não sei se <i>volta</i> / (?)...que <i>volte</i> .
ignorância, dúvida	Ignoro que <i>volte</i> / ...se <i>volta</i> . Duvido que <i>volte</i> / ... <i>volta</i> .
afirmação débil, dúvida atenuada	Suspeito que <i>volte</i> / ... <i>volta</i> . Presumo que <i>volte</i> / ... <i>volta</i> .
AFIRMAÇÃO (certeza)	Sei que <i>volta</i> / (*)... <i>volte</i> . Afirmo que <i>volta</i> / (*)... <i>volte</i> .

É interessante notar que o `indicativo´ pode aparecer, em geral, em todos os contextos que a rigor trariam um `subjuntivo´. Porém, o `subjuntivo´ não pode ocupar o espaço da

certeza.

Há ainda que se notar certas nuances de significação que o `subjuntivo` confere a algumas estruturas, como, por exemplo, em sentenças com relativo (*Farei o que você queira/ ...quer*), o `indicativo` expressa que o desejo do ouvinte é conhecido, o que não ocorre com o `subjuntivo`.

Expressões como: *que eu saiba/ ...me lembre / ...tenha visto*/ etc, reduzem a responsabilidade do falante quanto àquilo que enuncia.

b) `Subjuntivo` em subordinadas a verbos
de temor ou emoção

Quanto a esta classe de sentenças, podem ocorrer dois casos. Primeiro:

(12)(a)- Temo que chegue.

(b)- Sentiria se o visse chorar.

a expressão do temor (com este verbo da oração principal em qualquer tempo) (12)(a) ou a expressão da emoção/ afetividade (verbo principal no `futuro`) (b). Em ambos os casos, não se afirma a realidade do fato (*chegar* em (12)(a) e *ver chorar* em (12)(b)). Segundo:

(13)- Fico feliz... / Alegro-me que tenham vindo.

Me entristece que só façam isso.

a expressão da emoção (verbo principal no `presente` ou no

'passado') ante um fato que se afirma.

A explicação dada por Gili y Gaya para o fato de sentenças que exprimem realidade ocorrerem no 'subjuntivo' é a de ser este um caso de analogia destas estruturas do segundo caso (ex.(13))às do primeiro caso (ex. (12)).

c) 'Subjuntivo' em subordinadas a verbos
de possibilidade

A noção de probabilidade é uma sub-parte da noção de possibilidade. Assim temos expressões como: *é possível/ é impossível; é provável/ é improvável; pode ser (ocorrer)/ pode ser (ocorrer) que não*; etc; introduzindo 'subjuntivo'.

d) 'Subjuntivo' em subordinadas a verbos
de necessidade subjetiva

Outra área onde a delimitação dos sentidos é difícil é aquela entre a necessidade que é interiormente sentida e a necessidade imposta por circunstâncias do exterior. Se digo- *É preciso que eu vá.*- não se saberá com precisão, a menos que outros elementos do contexto o indiquem, de onde vem esta exigência. Esta frase pode tanto ser a expressão de um desejo quanto de uma obrigação. Considera-se então, como pertencentes a esta classe, verbos que denotam ordem, pedido, permissão, conselho, desejo e, contrariamente, proibição, oposição, aversão, etc:

(14)- Pediu-me que viesse.
Gostaria que ele falasse.

Expressam ainda desejo ou aversão verbos como- *lograr, conseguir, alcançar, esperar/ esperar que não, aprovar/ desaprovar, confiar, apetecer.*

As orações finais, não reduzidas, trazem em geral o 'subjuntivo', pois tipicamente expressam o desejo de que se realize o fato verbal subordinado:

(15)- Trouxe o poema para que vejam.

e) 'Subjuntivo' em subordinadas a verbos de necessidade objetiva

Esta classe de enunciados traz os juízos apodícticos da lógica propriamente, isto é, dizem de uma necessidade de caráter absoluto, independente de nossa experiência. ("*É necessário que todo efeito tenha uma causa.*")

Há ainda aqui a noção de necessidade relativa ou histórica. ("*Era preciso que o Império Romano decaísse.*")

Outros verbos e estruturas que propiciam o 'subjuntivo' subordinado são os da expressão da conveniência, do tipo de *convir, importar, ser útil/ ser bom/ ser ruim.*

2.1.2- ESTUDO CROSS-LINGUÍSTICO DO MODO VERBAL

Bybee(1985) mostra os resultados de uma pesquisa sobre a morfologia verbal, em 50 línguas, numa busca de sistematização das diferenças encontradas entre elas. (*12) É interessante olharmos esta análise, em relação à categoria de MODO, onde os dados são observados sob duas perspectivas, a visão interior a uma língua e

a perspectiva cross-lingüística.

A definição de MODO assumida pela autora, que é a de *'um marcador no verbo que assinala como o falante escolhe colocar a proposição no contexto do discurso'*, distingue esta categoria do conceito de modalidade, que é mais amplo. Nem todas as modalidades são MODO. Modalidade pode ter vários tipos de expressão lingüística, enquanto MODO designa a expressão flexional de uma subdivisão deste domínio semântico. Os marcadores de MODO têm toda a proposição em seu escopo.

Segundo Bybee, as modalidades *'epistêmicas'* estão incluídas na definição de MODO. Estas são as que assinalam o grau de comprometimento que o falante tem com a veracidade da proposição (certeza, probabilidade, possibilidade).

As outras modalidades como as *'deônticas'*, de permissão e obrigação (ex: estruturas com *may*, permissão e *must*, obrigação, do inglês) estão excluídas, pois elas descrevem certas condições impostas ao agente, com respeito à predicação principal (agente da subordinada, no caso de subordinação). Também excluídos da definição de MODO, dada acima, estão os marcadores de habilidade, desejo e intenção, pela mesma razão). Todas estas são referidas como modalidades *'agente-orientadas'* (*'agent-oriented modalities'*).

Na definição de MODO como uma categoria flexional, com que a autora trabalha, está implícita a hipótese de que as modalidades epistêmicas ocorrerão nas línguas como flexões verbais, enquanto que as do outro tipo não. Ela diz que esta hipótese se confirma com a análise dos dados:

"Centenas de marcadores flexionais que se enquadram na definição de modo foram encontradas nas línguas examinadas. Na verdade, tais marcadores são os tipos de flexão mais comuns nos verbos. Entretanto, marcadores flexionais de obrigação, permissão, habilidade ou intenção são extremamente raros nos dados e ocorrem somente sob condições específicas." (*13)

Estão ainda classificadas como MODO as proposições tidas como `optativas` ou `hortativas` que assinalam um ato de fala através do qual o falante dá permissão a uma segunda ou terceira pessoa como em "*let him come in*" (deixe-o entrar) ou expressa um desejo do tipo "*would that he were here*" (se ele estivesse aqui!) ou ainda uma ordem indireta.

Estas formas são consideradas MODO, de acordo com a definição dada, pois a flexão verbal denota um tipo de ato de fala. Quando a fonte da obrigação ou permissão é outra que não o falante (modalidades `agente-orientadas`), a forma não se enquadra na definição de MODO. Explicando melhor: MODO é a gramaticalização, através de marcadores flexionais, do fato de o falante dar uma permissão, em oposição a fazer uma asserção a respeito de que o agente verbal tem esta permissão/ obrigação.

Os marcadores das modalidades `epistêmicas` (MODO) se dividem então em dois grupos que são conceitualmente distintos:

Força de elocução (ato de fala) - `imperativo`, `optativo`, `admonitivo`, `proibitivo`, `interrogativo`.
Comprometimento quanto à veracidade - `subjuntivo`, `dubtativo`, `provável`, `potencial`, `condicional`.

Este estudo é interessante no sentido de fazer um corte dentro da categoria que é considerada comumente como MODO.

Este corte é justificado tendo em vista a marcação flexional em diversas línguas que distingue formalmente uma diferença conceitual.

Recapitulando, vimos que MODO é a expressão da atitude do falante perante o fato enunciado. Esta atitude diz respeito ao nível de um comprometimento quanto à veracidade ou realização efetiva deste fato; Gili y Gaya ressalta as divisões semânticas internas ao 'subjuntivo' e, Bybee enfatiza a separação dos domínios de significação modal em diferentes tipos de modalidade, sendo MODO, para ela, um tipo específico de modalidade.

O sistema de 'modos' verbais da língua portuguesa, juntamente com alguns outros recursos como sintagmas adverbiais, algumas expressões, perífrases e entonação, serve a este propósito. São eles o 'indicativo', o qual, a rigor, serviria para a afirmação de um fato; o 'subjuntivo' (ou conjuntivo), que denota a incerteza quanto à realização do fato e o 'imperativo', com o qual expressamos que queremos que o fato se realize ou não.

A utilização do subjuntivo, em geral, requer estruturas subordinadas com o seguinte carácter - Verbo principal semanticamente ligado ao desejo, possibilidade, dúvida, etc + oração subordinada no 'subjuntivo' - onde a atitude do falante, mencionada, vem expressa neste conjunto, ou seja, na estrutura como um todo.

Em nossa língua os três 'modos' não são igualmente utilizados. O 'modo indicativo' tem forte predominância sobre os demais, pois é empregado em lugar dos outros modos. Assim, para a

expressão de valores próprios ao 'subjuntivo' e ao 'imperativo' usamos formas do 'indicativo' aliadas a advérbios, a outras expressões, a determinados tempos verbais ou à entonação. Ex:

- (16)(a)- *Acho que vou amanhã.*
(b)- *Você carregaria estes pacotes?*
(c)- *Peço o seu consentimento.*
(d)- *Vocês entregam o barco agora!*

O modo 'imperativo' tem muitas semelhanças com o 'subjuntivo'. Também traz a expressão do desejo, só que num grau intensificado. Formalmente, também há identidade de vários dos elementos de sua conjugação com elementos do 'subjuntivo'. Estes dois modos são empregados em certos contextos e são mais freqüentes na linguagem culta e o 'imperativo' pode, às vezes, conferir ao enunciado uma conotação de agressividade.

Como o 'indicativo' substitui os outros modos, acontece de alguns de seus tempos perderem a denotação temporal e assumirem valor modal.

Segundo Câmara Jr.(1985) ocorrem as seguintes oposições, contrastando valores modais, entre os tempos do 'indicativo':

1. 'presente' (expressa segurança) X 'futuro do presente' (expressa dúvida) - "Só *há* um homem capaz disso./ Só *haverá* um homem capaz disso."

2. 'presente' (expressa realidade) X 'pretérito imperfeito' (expressa irrealidade); em condicionais - "Infiel, *grande era* o preço que *davas* por uma filha da serva raça dos godos. (Herculano, Eurico, 194)/ Infiel,

grande é o preço que *dás* por uma filha da serva raça dos godos."

3. 'futuro do presente' (expressa possibilidade) X 'futuro do pretérito' (expressa impossibilidade) - "...opinião que *será* muito difícil de sustentar.../...opinião que *seria* muito difícil de sustentar...")

E ainda:

O 'futuro do presente' pode ter valor de 'imperativo' - "*Honrarás* pai e mãe."

Ocorre a expressão de modalidade através de perífrases como 'ter de / ter que + infinitivo', em qualquer tempo verbal, como expressão de obrigação, ou de 'haver de + infinitivo', principalmente no 'presente', indicando a vontade do falante sobre o sujeito. (Câmara Jr.1985:169)

Apesar desta predominância do uso do 'indicativo' na expressão dos valores modais, a presença do 'modo subjuntivo' na linguagem coloquial é ainda significativa. Eunice Pontes, em seu livro *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*, trabalhando com dados concretos da língua, atesta este fato:

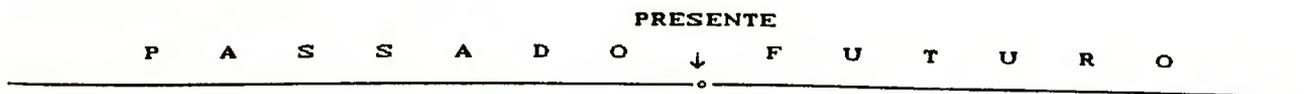
"Podemos notar, em resumo, um contraste básico entre as formas do subjuntivo, que indicam desejo, dúvida, hipótese, incerteza ou simplesmente indefinição (que podemos resumir na significação geral de 'irreal') e as do indicativo, que indicam o fato simplesmente sem conotação de 'irreal'. Afirmamos que há esta distinção modal na morfologia do verbo Português, com base na existência do contraste, tanto em orações independentes como dependentes." (Pontes 1972:70)

2.2- O TEMPO VERBAL

Enquanto o MODO diz respeito a uma atitude do falante relativa à realidade de seu enunciado, o TEMPO verbal desempenha uma função de localização. Situa o fato verbal temporalmente em relação a um outro momento, geralmente aquele em que ocorre o ato da fala, isto é, o presente. Esta é uma categoria dêitica.

O TEMPO é uma atualização lingüística do fator tempo. É uma realização, na língua, desta dimensão natural que sentimos perpassar nossa existência, e que é percebida através do movimento, da sucessão, da mutação incessantes.

Todos temos uma vivência desse fluir do tempo, e, em geral, o visualizamos como algo mais ou menos assim:



O momento presente ocupa um espaço muito pequeno no desenho acima. É praticamente um ponto, em oposição aos espaços extensos do passado e do futuro.

A expressão lingüística desta representação se dá de forma variada nas línguas e não espelha exatamente esta tripartição. O TEMPO verbal, segundo Lyons(1968), diz respeito às relações temporais expressas por contrastes gramaticais sistemáticos. Este autor apresenta o seguinte esquema das formas de categorização do TEMPO:

a) com referência à direcionalidade do tempo:

Futuro X não-Futuro - momento da fala + Passado compõem a categoria não-Futuro;

Passado X não-Passado - momento da fala + Futuro compõem a categoria não-Passado.

b) sem referência à direcionalidade do tempo:

Presente X não-Presente.

c) com ou sem referência à direcionalidade do tempo:

Próximo X não-Próximo ou Agora X Próximo X Remoto - considerando-se a proximidade ao momento da fala.

Lyons(1968:305/306)

E estas oposições podem ainda se combinar de diversas maneiras.

Provalvemente todas as línguas apresentarão formas de expressão do fator tempo, só que nem sempre o meio é a gramaticalização. A referência temporal pode ser lexicalizada, e ser feita, por exemplo, por meio de orações ou sintagmas adverbiais.

No português, a distinção principal ocorre entre Passado e não-Passado. O Passado se refere a situações ocorridas antes do momento da fala e o não-Passado (‘presente’), com frequência, se refere a fatos futuros (*Te vejo amanhã*) e a fatos atemporais, como é o caso do ‘presente gnômico’ (*Os rios correm para o mar*).

Jespersen(1925) apresenta um esquema de sete ‘tempos’, como categorias temporais possíveis de serem realizadas nas línguas, sem a pretensão de esgotá-las. Assim:

P A S S A D O				F U T U R O		
A				C		
PASSADO ANTERIOR	PASSADO	PASSADO POSTERIOR	PRESENTE	FUTURO ANTERIOR	FUTURO	FUTURO POSTERIOR
Aa	Ab	Ac	B	Ca	Cb	Cc
ANTE PRETÉRITO	PRETÉRITO	POST PRETÉRITO	PRESENTE	ANTE FUTURO	FUTURO	POST FUTURO
Jespersen(1925:257)						

Este esquema considera sub-divisões subordinadas do tempo, isto é, pontos no tempo `anterior` ou `posterior` a um outro ponto (passado ou futuro) mencionado ou implícito.

São utilizados aí dois sistemas de terminologia: acima da linha do tempo os termos se referem aos conceitos nocionais ou naturais e, abaixo dela, aos conceitos gramaticais ou sintáticos. A figura indica o valor relativo dos sete pontos. Os tempos subordinados (Aa e Ac) têm a referência no passado (Ab) e os subordinados (Ca e Cc) no futuro (Cb), enquanto os principais (A e C) se orientam com referência ao momento presente (B).

2.2.1- ESTUDO CROSS-LIGUÍSTICO DO TEMPO VERBAL

Outro estudo que vale a pena mencionar é a pesquisa já citada de Bybee. A autora considerou como categorias temporais as funções de Presente, Passado, Futuro e Anterior.

Fez as seguintes observações:

Presente (tempo simultâneo ao evento da fala) e Passado (tempo anterior ao evento da fala): Esta distinção foi encontrada em 36% das línguas examinadas.

Desvios do sentido `simultâneo ao evento da fala` são encontrados quando os morfemas de Presente são utilizados com sentido genérico, de futuro imediato e de narrativas no passado (`presente histórico`). Os morfemas de Passado podem ser encontrados em contextos não-Passado quando usados em orações condicionais.

É interessante observar que na grande maioria dos casos o tempo Presente é a forma não-marcada. Muito pouca gradação foi encontrada no Passado. E as gradações mais sutis na referência temporal podiam, em geral, ser derivadas da interação com marcadores aspectuais ou da combinação do Anterior com outros tempos.

Futuro (tempo subsequente ao evento da fala):
Encontrado em 44% das línguas examinadas (flexões mais freqüentes que as do Passado).

Estas marcas de Futuro são muito usadas com funções atemporais ou ligadas a modalidades.

Os dados revelam que as flexões de Futuro são independentes das de Presente e Passado, pois há línguas que apresentam as de Futuro e não as outras. Devido a esta independência, a autora levanta a questão de o Futuro pertencer ou não à mesma categoria gramatical que o Presente e o Passado. Um fato a favor da exclusão do futuro é o de que ele cobre sentidos não estritamente temporais.

O Futuro é então marcado nessas línguas diferentemente dos outros tempos? Os dados não indicaram isto. Ao contrário, mostraram que ele constitui, em geral, com o Presente e o Passado, uma categoria formal coerente, ou seja, é marcado por flexão

morfológica semelhante à dos outros tempos, formando com eles um sistema.

A autora comenta que já foi mostrado, por alguns autores, um caráter de instabilidade no tempo Futuro. Ela observou que em alguns casos, a etimologia do afixo Futuro era ainda identificável, enquanto as de Passado eram obscuras, no sentido de serem impossíveis de serem traçadas. Isto sugere que os Futuros são de formação mais recente, o que converge com a idéia de que são, muitas vezes reformados. Isto também explica as várias ocorrências de formas perifrásticas neste tempo.- Veremos posteriormente a discussão deste tema em Câmara Jr.(1985) e Coseriu(1980), que reflete este caráter de instabilidade e a estreita vinculação deste tempo com a categoria de MODO.

A autora diz que o status do tempo Futuro como membro da categoria de tempo é ambíguo.

Anterior ou Perfeito (situação ou evento relevante a outra situação ou evento)(*14)

Segundo Bybee em muitas línguas o Anterior (ou Perfeito) é descrito como assinalando um evento passado cujo resultado persiste no presente. Quando o Anterior se combina com o Passado, o resultado é um Anterior-Passado, chamado por vezes 'mais que perfeito' (expressa um fato relevante a outro fato no passado).

Essa autora toma o Perfeito (ou Anterior), como pertencente à categoria de TEMPO e dá dois argumentos para isto. Primeiro, ele diz respeito ao tempo e não afeta os contornos temporais internos do fato verbal. Não é portanto ASPECTO. Segundo, sua ocorrência flexional está condicionada à ocorrência

de outros tempos flexionais em uma língua. Ela diz que o fato de o Anterior não ser sempre mutuamente exclusivo com outros tempos (pode combinar-se com o Passado, por exemplo) não o exclui necessariamente da categoria TEMPO.

A autora conclui suas observações afirmando que a marcação do fator tempo através de flexão verbal é um fato muito significativo nas línguas. Pode acontecer de não haver um sistema formal coerente (uma marcação morfológica unificada) nesta expressão, numa determinada língua, mas isto não significa a inexistência desta distinção a nível conceitual. O que ocorre é que vários marcadores de tempo de uma mesma língua podem ter se desenvolvido de fontes distintas.

2.2.2- 'FUTURO': Valor Modal e Instabilidade Formal

Convém vermos com Câmara Jr.(1985) como se deu a formação do tempo futuro, que desde o latim apresenta uma alternância entre forma sintética e forma perifrástica, interpretada por muitos autores como devida à vinculação deste tempo verbal a valores essencialmente modais.

Segundo este autor, o futuro com significação exclusivamente temporal não é próprio da linguagem coloquial. Nestes contextos ele vem associado à idéia da dúvida, do desejo ou da imposição da vontade. O futuro puramente temporal é, em geral, fruto de um processo intelectual, uma elaboração secundária e ocorre sob circunstâncias mais específicas de interação lingüística.

O latim vulgar, com língua do povo, não favorecia este uso e, mesmo os futuros do latim clássico provêm de formas volitivas, levadas a este sentido estritamente temporal pela disciplina gramatical, baseada na língua escrita e literária.

Assim, fixou-se em grande parte da România a combinação do `infinitivo imperfeito` com o `presente` do verbo *habere* (haver), de caráter volitivo (a vontade no presente que algo aconteça - *cantar habeo*). Paralelamente, na Gália e na Ibéria forma-se a mesma locução passada (o falante, situado no presente, considera a ação posterior a um momento no passado - *cantar habebam*). Daí decorrem processos formais de aglutinação dos dois vocábulos que resulta, no português, nas formas *cantarei* e *cantaria*).

Ocorre, no português, que o uso do tempo `futuro simples` é mais próprio do padrão escrito ou de situações de comunicação oral mais formais e tem em geral conteúdo modal de desejo, intenção ou possibilidade. Nosso `presente` indica também fatos futuros e o `pretérito imperfeito` aparece em ambientes onde, em registros formais, se usa o `futuro do pretérito`. Ex:

- (17)- Acho que ele *virá* / ...*vem*.
Achei que ele *viria* / ...*vinha*.

Outro autor que discute a questão da substituição do futuro sintético latino por formas perifrásticas no latim vulgar e romance é Coseriu(1973). Este autor analisa duas explicações que são dadas usualmente para esse fato.

Chama a primeira delas de explicação `morfológica`. Segundo esta, a substituição se deu "devido à heterogeneidade e às deficiências materiais das formas sintéticas; deficiências que se tornaram intoleráveis mormente depois de certas mudanças fônicas ocorridas no chamado `latim vulgar`".

De acordo com a segunda explicação, que chama de `estilística` ou `semântica`, as formas perifrásticas resultaram do predomínio de uma "particular atitude mental contrária à idéia meramente `temporal` do futuro e favorável, em troca, a outros valores modais e afetivos."

Para ele, ambas as explicações são pouco fundamentadas e parciais. É parte do problema da concepção do tempo como caminho para se explicar este fato.

Adota então uma concepção do tempo baseada nas idéias de pensadores como P.Carabellese e M.Heidegger. O tempo interiormente `vivido` é `compresente` em suas três dimensões. O passado não está antes do presente, mas corresponde à atividade da consciência relativa ao `conhecer`; o presente corresponde ao `sentir` e o futuro não é o que está `depois` do presente, porém corresponde ao `querer`. Neste contexto, o futuro "é necessariamente um tempo modal: não é que interfiram nele valores modais".

Dentro ainda desta concepção, a existência humana é a permanente antecipação do futuro, como intenção, obrigação ou possibilidade. Por outro lado, é necessário um afastamento, o sentimento da `exterioridade` deste tempo, até para que possa ser trazido, fazer-se `compresente`. "Por isso não é de se estranhar que em muitas línguas o futuro seja materialmente `frágil` e seja expresso pelo presente ou seja feito periodicamente

mediante formas de valor modal, pois o sentido da existência, em maior ou menor medida, é próprio de todos os homens; e não é de se estranhar que as formas modais se `temporalizem`, pois a dispersão dos momentos do tempo é o corolário de seu modo de se tornarem presentes" (Coseriu 1973: 147)

Esta seria a concepção universal. Há ainda que se investigar, em cada caso, as razões históricas que atuam. Em relação ao latim vulgar, o advento do cristianismo, dando à existência um sentido ético, explica o porquê desta razão universal se tornar operante naquela época. O futuro nesse contexto tem uma orientação diferente daquele do latim clássico: expressa agora uma noção de responsabilidade, intenção e obrigação moral.

2.2.3- A HERANÇA LATINA

Antes de passarmos à categoria ASPECTO, é interessante observarmos que o sistema dos tempos verbais do português teve origem em formas verbais latinas, onde as noções aspectuais estavam presentes de forma bem marcante. Baseamo-nos para esta observação também em Câmara Jr.(1985).

Os gramáticos latinos desde Varrão (século I a.C.) tinham percebido a distinção existente entre um evento `concluso`, que chamavam `perfectum` (`perfeito`, feito cabalmente) e um evento `inconcluso`, que chamavam `infectum` (`imperfeito`, não feito cabalmente). Estes gramáticos não haviam depreendido a categoria gramatical chamada ASPECTO de uma forma geral e sistematizada, porém, perceberam a realidade desta oposição.

Apresentamos agora um quadro dos tempos verbais simples do português, focalizando a origem latina de cada um deles, da seguinte maneira: mostramos o tempo verbal latino que deu origem ao tempo no português e o ramo aspectual ('perfectum' ou 'infectum') ao qual pertencia este tempo originário.

Português	Latim	Ramo aspectual
I n d i c a t i v o		
presente	- presente	- infectum
pret. perfeito	- (pres.→) pretérito	- perfectum
pret. imperfeito	- pretérito	- infectum
pret. + q perfeito	- (pret.→) + q perfeito	- perfectum
futuro do presente	- infinitivo + pres. <i>habere</i>	- infectum
futuro do pretérito	- infinitivo + pret. <i>habere</i>	- infectum
S u b j u n t i v o		
presente	- presente	- infectum
pret. imperfeito	- (pret.) chamado + q perfeito	- perfectum
futuro	- pres. chamado pretérito	- perfectum
I m p e r a t i v o		
afirmativo	- imperat. pres. (ind. e subj.)	- infectum
negativo	- imperat. pres. (subj.)	- infectum
F o r m a s N o m i n a i s		
infinitivo	- infinitivo	- infectum
infinitivo pessoal	- pret. subj. ou infin.+ desin.	- infectum
gerúndio	- gerúndio ablativo	- infectum
particípio	- particípio passado	- perfectum

Um quadro como este nos dá uma visão dos valores aspectuais existentes nas formas que originaram os tempos verbais em nossa língua, o que pode ajudar na maior compreensão de como estes valores se apresentam hoje. Não queremos dizer que haja necessariamente, no plano sincrônico, uma correspondência direta entre determinado tempo com determinado aspecto só porque historicamente esta ligação se dava. Mas veremos que há algumas relações interessantes de se observar - nota-se, por exemplo, que, em geral, os tempos verbais com valor aspectual 'perfectivo' do português, vieram de formas do perfectum latino, assim como as de aspecto 'perfeito' também vieram deste ramo. (Os termos e conceitos ligados a ASPECTO ficarão claros mais adiante, ao tratarmos desta categoria.)

Resumindo, temos que TEMPO é uma categoria que tem a função específica de situar o fato verbal temporalmente em relação a um outro momento, que é, quase sempre o momento em que ocorre a fala. Esta categoria verbal é a gramaticalização do fator psicológico tempo que pode aparecer, nas línguas, expresso de muitas maneiras.

Esta expressão do fator tempo nem sempre reflete a tripartição em presente, futuro e passado e, mesmo no português temos que a oposição central do sistema de tempos verbais acontece entre Passado e não-Passado (estando o momento da fala incluído numa categoria com o futuro).

Vimos, com Bybee, que a forma de Passado é mais comumente a forma marcada, nas línguas por ela examinada. Esta autora também mostra que as flexões de Futuro são independentes

das de Passado e apresentam, ligados a elas valores modais. Esta ligação entre tempo Futuro e valores modais e a relação disto com o caráter de instabilidade deste tempo foi mostrado através de Câmara Jr. e Coseriu (op. cit.)

Apresentamos um quadro que relaciona os tempos verbais simples do português aos tempos latinos que os originaram, apontando as relações destes tempos latinos com as categorias aspectuais de 'perfectum' e 'infectum' (apud Câmara Jr. 1985).

Vamos, a seguir, entrar nos domínios da categoria verbal de ASPECTO; tentar compreendê-la conceitualmente e em suas formas de expressão.

2.3- O ASPECTO VERBAL

O ASPECTO, diferentemente do TEMPO, não é uma categoria dêitica, isto é, não tem a função de localização do momento do fato verbal com referência a outro momento. Esta categoria lida com a temporalidade de uma forma diferente: focaliza o interior do fato verbal, ou seja, as diferentes maneiras de se considerar a constituição temporal interna deste fato. Vejamos o exemplo:

(18)- Mirtes *tocava* piano quando Dino *chegou*.

Temos aí duas situações. A segunda delas, a 'chegada de Dino', é apresentada em sua totalidade, não decomposta em suas possíveis fases constitutivas. Já a primeira situação traz um fato do qual podemos visualizar fases distintas; do fato de 'Mirtes

tocar piano´ há referência expressa a uma de suas fases, que é aquela em que `Dino chega´, não se fazendo referência ao início e ao final.

Dizemos então que *chegou* em (18) tem sentido `perfectivo`, pois vemos o fato de fora, não compartimentalizado, enquanto *tocava* tem sentido `imperfectivo`, pois aí focalizamos o fato de dentro. A distinção entre perfectividade e imperfectividade se dá da seguinte maneira (Comrie 1968):

Perfectividade - indica a visão do fato verbal como um todo, sem distinção das fases que o compõem e
Imperfectividade - diz respeito à referência à estrutura interna do fato.

Algo importante a ser lembrado é que a diferença entre perfectividade e imperfectividade não tem um caráter objetivo, nem mesmo é apresentada pelo falante como sendo objetiva. Tomando-se um único fato, ele pode ser dito, por um mesmo falante, uma vez com sentido `perfectivo´ e outra vez com sentido `imperfectivo´. Digamos que o mesmo falante que nos tivesse fornecido o exemplo anterior no dia seguinte dissesse:

(19)- Mirtes *tocou* piano bem ontem.

Tocou aqui e *tocava* lá se referem ao mesmo fato. Em (19) ele é apresentado como um todo completo, enquanto em (18), com a possibilidade de sub-divisão.

Convém mais uma vez nos referirmos aqui à questão da

falta de uniformidade terminológica, em se tratando de ASPECTO. Um mesmo termo, às vezes, é empregado, por linguistas diferentes, com sentidos distintos. Por outro lado, termos distintos vêm convergir a um mesmo significado, se se compara diferentes estudos. Aqui, perfectivo e perfeito têm sentidos muito diferentes um do outro. Perfectivo se refere à visão do fato verbal em sua totalidade e se opõe a imperfectivo. Já o termo perfeito denota a visão de um fato passado que tenha relevância num momento posterior a ele. (Trataremos do perfeito mais adiante.)

2.3.1- ASPECTO E MODO DE AÇÃO

Assim como uma referência temporal pode ser ou não gramaticalizada numa língua, originando os tempos verbais, a referência aspectual também o pode.

À referência aspectual, de uma forma geral, vamos chamar de aspectualidade. Um dos meios de expressão da aspectualidade é através da categoria de ASPECTO. Esta categoria está presente nas línguas que 'gramaticalizam' os valores aspectuais, por meio de flexões e perífrases verbais.

Aktionsart é uma palavra alemã que significa tipos ou 'modos de ação' e é uma categoria que apresenta as distinções semânticas no campo da aspectualidade, não através de flexão verbal ou perífrases, porém através da 'lexicalização'. Os eslavistas, que lidam com línguas onde os valores aspectuais estão muito presentes, consideram esta categoria como a lexicalização através da 'morfologia derivacional'. Aktionsart pode no entanto

se referir ainda à lexicalização sem a observação de como essa lexicalização se dá, tendo neste caso aktionsart um valor similar ao de 'sentido inerente' do fato verbal.

O ASPECTO está então no plano da morfo-sintaxe e o AKTIONSART ou MODO DE AÇÃO, pertence ao plano semântico. Segundo Soares(1984) a tendência de se separar as duas categorias se iniciou com Sigurd Agrell, em 1908, que foi quem sugeriu a distinção para o polonês e as demais línguas eslavas.

As línguas eslavas, dentre as do ramo indo-europeu, foram as que conservaram de forma mais significativa as distinções de ASPECTO. Nestas línguas qualquer verbo pode ser, em tese, 'perfectivo' ou 'imperfectivo'.

O ASPECTO foi mais recentemente definido, por ramos mais 'psicológicos' dos estudos lingüísticos, como um tipo de 'tempo metafísico', um tempo não medido cronologicamente, de caráter interno e subjetivo, como expõe Castilho(1968).

2.3.2- ASPECTUALIDADE

Explicando melhor o termo aspectualidade, já mencionado, temos que foi A. V. Bondarko, lingüista soviético, quem, segundo Soares(1984), o propôs. Este termo serviria, não somente para a referência às "características qualitativo-cronológicas e quantitativas do evento expresso pelo verbo", como ainda se estenderia a estas noções, mesmo que expressas por outros

elementos do discurso. Aspectualidade, então, é um conceito bem amplo, que não se restringe ao verbo.

Soares(apud Maslov (1973)), divide este conceito amplo em dois domínios:

aspectualidade qualitativa - lida com as oposições: verbos de ação/ estado; verbos télicos/ atélicos; ações completas/ incompletas.

aspectualidade quantitativa - diz respeito às seguintes características: fato repetido ou não; repetição constante, limitada, regular ou não; duração longa ou breve.

Com relação a estes valores aspectuais é importante fazer algumas observações para percebermos, mais precisamente, o significado das categorias básicas de perfectivo e imperfectivo:

Devemos observar, por exemplo, que duratividade não é o mesmo que imperfectividade. Verbos como *viajar*, *pesquisar* são semanticamente durativos, podendo, entretanto serem apresentados pelo falante, tanto perfectiva, quanto imperfectivamente. O exemplo abaixo mostra como formas perfectivas (20)(a) ou imperfectivas (20)(b) podem ser usadas para a referência a uma única extensão de tempo:

(20)(a)- Ele *reinou* por trinta anos.

(b)- Ele *reinava* por trinta anos.

O conceito de perfectividade expressa a ausência de referência explícita à constituição temporal interna e não que esta constituição seja inexistente. É possível então que se usem

formas perfectivas para fatos verbais que se estendem por um período de tempo ou apresentam fases internas distintas. O que fica definido pela escolha da forma perfectiva é a visão do fato todo como uma unidade. (A estrutura interna de tais fatos será referida por meios lexicais, outras oposições aspectuais ou o contexto, não por sua forma perfectiva.) Veja o exemplo de Comrie que combina perfectividade e progressividade (valor imperfectivo):

(21)- As visitas *estiveram chegando* a tarde toda.

O exemplo acima também serve para mostrar que as formas, muitas vezes, não se apresentam puramente 'perfectivas' ou 'imperfectivas'. Os valores aspectuais se combinam de várias maneiras. Acontece de formas verbais, que têm valor aspectual 'perfectivo' apresentarem, em seus contextos, outras nuances aspectuais ligadas à imperfectividade. Veremos mais adiante uma série de outras combinações de valores aspectuais.

Em russo, pelo que mostra Soares(1984), a oposição básica perfectivo/ imperfectivo é expressa pela categoria verbal ASPECTO, ou seja, recebe expressão gramatical. Outros valores, como, por exemplo, os da aspectualidade quantitativa estão presentes como "significados secundários destes dois aspectos" ou se apresentam como conteúdos da categoria MODO DE AÇÃO (pertencem ao léxico ou são expressos através de morfologia derivacional).

No português, como são expressos os valores aspectuais semânticos?

As línguas românicas, diferentemente das eslavas, não apresentam a categoria ASPECTO tão fortemente marcada. Relativo a este fato, foi ainda nesse trabalho de Soares que encontramos uma colocação interessante a respeito do lugar ocupado pela categoria de ASPECTO em relação à categoria de TEMPO. A autora se baseia nas idéias de Eugênio Coseriu(1980). Citamos o seguinte trecho:

"O Aspecto pode apresentar-se numa língua antes, com ou depois do Tempo e, neste último caso, Tempo e Aspecto constituem um contínuo que é necessário considerar como um todo. Nas línguas eslavas o Aspecto apresenta-se antes do Tempo, com a própria categoria do verbo. Desde que haja noção verbal, ela está determinada como 'perfectiva' ou 'imperfectiva'. Em outras línguas, como o grego antigo, a noção aspectual vem COM os tempos verbais, ou mais exatamente, com as diferentes raízes verbais, que exprimem simultaneamente oposições de tipo temporal e aspectual. Finalmente há línguas, como as românicas em que a noção aspectual vem depois da de Tempo, como efeito secundário desta."(Soares 1984:28-29)

Ainda esclarecedora é a distinção entre valor de língua e valores secundários, do estruturalismo funcional. Para que uma forma lingüística tenha valor de língua é necessário que apresente "significado próprio e meios formais" para a expressão deste significado, pertencendo ao "sistema de oposições básicos da língua". Isto significa não haver dependência de contexto para a atualização do significado. Já os valores secundários se distinguem deste, pois são aqueles valores que existem na forma lingüística como potencialidade, isto é, precisam de contexto especiais para que se realizem.

Então, para Coseriu (opinião da qual participamos, com relação à nossa língua), nas línguas românicas, as oposições

aspectuais do tipo "acabado/ não-acabado", por exemplo, são efeitos secundários das oposições temporais, nos tempos verbais simples (não têm 'valor de língua').

Estes estudos deste autor sobre as línguas românicas resultaram na proposta de um quadro contendo um sistema temporal, que serve, em geral, para todas elas. Neste sistema, a categoria TEMPO é básica, a categoria ASPECTO é secundária nos tempos simples.

O sistema por ele proposto, como mostra Soares, distingue dois tipos de dimensões no verbo românico: as dimensões temporais e as aspectuais, sendo as segundas decorrentes das primeiras.

De seu sistema, tem-se que várias das formas temporais apresentam valor aspectual secundário aos valor temporal básico. Estes valores aspectuais são:

- *faço, fazia, faça* - "cursivo"
- *fiz, farei, fizera, fizesse, fizer* - valor "complexivo" (fato verbal apresentado globalmente) e "factuais" (neutras quanto a "acabamento")
- formas com auxiliar *ter* - Indicação de "acabamento"

Vale a pena mostrarmos o que este autor considera as dimensões aspectuais que têm expressão gramatical: - expressas por "perífrases constantes com significado aspectual". Essas são:

VISÃO - dimensão onde a ação é apresentada como "parcializada" ou como "não-parcializada" (ou global)

A visão globalizante é marcada como "não-cursiva"; não

leva em conta a constituição interna da ação. Segundo Coseriu, a visão globalizante está presente em expressões do tipo: *pego e faço, a(garrou) e fez, foi e disse*.

A visão parcializante tem todas as suas formas marcadas como "cursivas". Sua expressão em nossa língua, ocorre por meio de verbos auxiliares de estado ou movimento (*estar, andar, viver, vir, ficar, ir, seguir, continuar, prosseguir*) + gerúndio de verbo principal.

FASE - dimensão aspectual que diz respeito às fases objetivas da ação. São elas:

- iminencial - (*estar por fazer*)
- inceptiva - (*por-se a fazer*)
- progressiva - (*ir fazendo*)
- continuativa - (*continuar a fazer*)
- conclusiva - (*acabar de fazer*)
- egressiva - (*vir de fazer*)

A última dimensão aspectual é:

COLOCAÇÃO - situa o fato verbal em relação a outros fatos (normalmente apenas implícitos). Ex: *começar fazendo, começar por fazer, ficar fazendo, acabar fazendo, vir a fazer, acabar por fazer, e outros*.

2.3.3- O PERFEITO

O Perfeito é às vezes considerado TEMPO, às vezes considerado ASPECTO. Talvez não se enquadre exatamente na definição de ASPECTO, que diz respeito à referência à constituição temporal interna de um fato verbal, nem na de TEMPO, como

categoria dêitica.

O perfeito é a expressão de uma relação entre dois tempos. Há um fato anterior que resulta num determinado estado posterior. Em outras palavras, denota a relevância presente de um fato ocorrido, ou esta relação pode envolver dois outros momentos da linha temporal.

Observando os estudos de Givón(1984) vemos que este autor descreve bem os valores ligados ao perfeito, tido por ele como o mais complexo de todos os "tempo-aspectos em língua humana". Esta complexidade está no fato desta categoria envolver elementos temporais e aspectuais, cada um se sobrepondo até certo ponto com outro sub-componente do sistema de TEMPO-MODO-ASPECTO.

Segundo Givón, as diversas línguas enfatizam diferentes elementos do perfeito sendo, porém, alta a incidência de codificação, de todos os seus quatro maiores sub-componentes em uma categoria morfêmica. Estes sub-componentes são:

perfectividade (ou realização) - presença de um limite temporal (definido num tempo anterior ao eixo temporal)

relevância corrente (ou prolongamento) - associado a este elemento está a noção de 'motivação comunicativa' (só se menciona um fato tardiamente na cadeia do discurso se há uma demanda do contexto).

anterioridade (ou precedência) - o que interessa aqui é a lacuna existente entre o fato precedente mencionado e o eixo, a referência temporal.

contra-sequencialidade - o perfeito codifica um evento 'fora-de-sequência'. Contraria a ordem mais natural, icônica(*15), de se narrar. Apresenta 'depois' um fato que é anterior ao momento de referência.

Observemos como, no exemplo abaixo, um evento no tempo verbal 'pretérito mais que perfeito' (com valor aspectual perfeito), apresenta estes elementos, todos, de certa forma conectados:

- (22) - Depois de um mês ou ma- ou mais um pouco de um mês
(+) nós fomo abrí o piano (...)
Cê acredita, Adriana, que a madeira
tinha voltado pro lugar? [Pi-72e75]

Analisando o exemplo, vemos que encontramos na forma expressa pelo 'mais-que-perfeito', de valor aspectual 'perfeito', todos os subcomponentes descritos, interrelacionados: o fato representado por 'a madeira voltar' está 'completado' (perfectividade), acontece anteriormente a 'abrir o piano' (anterioridade) e é apresentado no discurso posteriormente (contra-seqüencialidade). Além disto foi extremamente relevante mencioná-lo naquele momento do texto (relevância corrente).(*16)

Há uma identidade maior entre perfeito e perfectivo do que entre perfeito e imperfectivo. É mais natural que fatos verbais que sejam completos (perfectivos) tragam um resultado, tenham conseqüências para um fato posterior. Assim, são mais propícios à relação com o perfeito, que exatamente vê o fato verbal em termos destas conseqüências. Isto não quer dizer, porém, que seja barrada a combinação perfeito e imperfectivo.

Em português, o perfeito é expresso pelas formas com auxiliar *ter*. Todas relacionam dois momentos da linha temporal, um

anterior ao outro.

A expressão do perfeito pode ser determinada ainda contextualmente, por exemplo, na forma do 'pretérito perfeito'. Ocorrências deste tipo foram freqüentes nos dados analisados. No trecho abaixo, *viajô* tem sentido 'perfeito' semelhante a *tinha viajado*:

(23)- bateu na porta...(+)
 já tava tudo fechado
 daí cê vê (+) tanto
 que *viajô*. /M:É/

{IpC-112/115}

2.3.4- ASPECTO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a aspectualidade é um conceito amplo que admite diversas formas de expressão, como através do ASPECTO e do MODO-DE-AÇÃO (meios morfo-sintáticos e lexicais respectivamente).

As flexões verbais na nossa língua denotam, além de outras categorias, as de TEMPO, MODO e secundariamente ASPECTO.

A definição de aspectualidade engloba um número extenso de noções semânticas relacionadas ou relacionáveis umas com as outras. Há a oposição básica, central, que é aquela entre perfectividade e imperfectividade, e muitas outras oposições de segunda ordem, que tornam difícil a tarefa de formulação de um quadro que esgote todas as possibilidades de combinações destes valores.

Por exemplo, o perfectivo está em oposição ao imperfectivo, mas se combina também com ele. Sabemos que valores como habitual, iterativo, contínuo e progressivo são, em

princípio, imperfectivos. Porém, em contextos específicos, encontramos alguns deles, como o progressivo, o iterativo e o habitual, expressos perfectivamente.

O discurso é riquíssimo e os conteúdos semânticos aspectuais se misturam, muitas vezes, inusitadamente. As formas podem ir além do que esperamos delas.

É necessário ainda dizermos algo acerca dos verbos que são, em geral, classificados como aspectuais, nas gramáticas tradicionais, por trazerem afixos com valores relativos à aspectualidade.

De acordo com os princípios que vimos seguindo, somente os afixos que são produtivos na língua, isto é, que constituem recursos gramaticais dos quais os falantes se utilizam, podem ser considerados como expressivos da categoria de ASPECTO.

Quanto aos prefixos com conteúdo semântico ligado à aspectualidade parece não haver muitos, no português (Costa 1990):

re- - refazer, redescobrir.

Este prefixo, apesar de indicar repetição e ser utilizado pelos falantes, é controverso. Os autores em geral concordam que ele não expressa exatamente valor aspectual, alguns por considerar que uma única repetição não constitui iteração, como é o caso de Castilho. Costa(1990), por sua vez, já desconsidera a própria iteração como valor aspectual.

São os seguintes os sufixos com conteúdo aspectual (Costa 1990):

-*ear* - cabecear, folhear
-*ejar* - gotejar, branquejar
-*icar* - bebericar
-*itar* - saltitar
-*ilhar* - dedilhar
-*ecer* - amanhecer
-*ificar* - falsificar, petrificar
-*izar* - utilizar, beteenizar (relativo à sigla financeira BTN)

De todos estes, os que são realmente produtivos no português atual são *-ecer*, *-ificar* e *-izar*. Todos, segundo a autora, trazem uma noção de processo, de passagem gradativa de um estado a outro; noções portanto imperfectivas.

Assim temos que o nível de produtividade caracteriza o afixo como expressivo de ASPECTO.

Os demais afixos relacionados, não produtivos, trazem também noções ligadas à aspectualidade, como iteração, no caso dos sufixos *-itar* e *-icar* e talvez duratividade em *-cear*, *-ear*, *-ejar* e *-ilhar*. Pode-se considerar, porém, que estas noções, nestes casos, estejam expressas através da categoria de MODO DE AÇÃO.

Esperamos ter dado uma visão geral, tanto a nível conceitual quanto a nível da expressão na nossa língua, do que seja a categoria de ASPECTO e ainda MODO DE AÇÃO, a ela relacionada, bem como das outras categorias verbais de TEMPO e MODO. Estamos cientes de que passamos por cima de algumas questões complexas, que exigiriam maior reflexão de nossa parte como, por exemplo, o problema da auxiliaridade, e outros. Por outro lado, talvez tenhamos nos estendido demasiadamente em alguns tópicos.

Procuramos, entretanto, nos ater àquilo que nos ajudou no entendimento do objeto que decidimos investigar, e das questões a ele relacionadas de forma mais vital.

O próximo passo agora é partirmos dos dados e vermos a realidade que mostram, em termos destas categorias apresentadas.

P A R T E II

CAPITULO 3- TRATAMENTO DOS DADOS

Este capítulo dedicaremos aos esclarecimentos quanto à coleta e manipulação dos dados que analisamos para este trabalho. Gravamos conversas informais e aproveitamos as narrativas espontâneas que surgiram daí. Não houve especificação temática alguma. Os narradores contaram fatos dos quais, em geral, participaram e que julgaram importante narrar em determinados contextos destas conversações livres.

Os narradores têm perfil variado. São todos falantes do português do Brasil, originariamente de estados diferentes como Minas Gerais, Mato Grosso, Espírito Santo e Rio de Janeiro, mas a maioria residente em Belo Horizonte. Têm níveis de escolarização indo de primário a universitário e idades também variadas, sendo três deles do sexo feminino e três do sexo masculino. Fizemos esta escolha aleatória dos falantes pois estudos pilotos que realizamos anteriormente apontaram para o fato de que o problema a ser investigado não está condicionado por fatores como regionalismos, sexo, idade ou grau de escolaridade.

3.1- A TRANSCRIÇÃO

Depois de gravadas as conversações, isolamos os trechos que constituíam unidades narrativas e passamos à sua transcrição. Deparamo-nos com várias questões que tal tarefa suscita e observamos que uma forma definitiva para o texto não se apresenta de imediato. Este é um trabalho que vai constantemente sendo reformulado à medida que outras decisões vão sendo tomadas e que o

próprio corpus vai nos mostrando caminhos.

Procuramos transcrever o material usando convenções ortográficas, sem especial atenção à questão fonética, porém revelando, com mais realidade, certos padrões comuns da pronúncia, utilizados pelos narradores, como, por exemplo, a ausência da fricativa glotal surda, representada pela letra `r` (em posição final nos infinitivos verbais); ausência do morfema de plural (fricativa pós-dental surda, representada pela letra `s`), em determinados contextos; certas reduções como `tá` para `está`, etc e outras modificações menos comuns, porém que pertençam ao registro de um determinado narrador.

Ex: *ficô* (ficou); *enfeitá* (enfeitar); *cê* (você); *zanzano* (zanzando), *ês* (eles), *`quês bocão des`tamãe`* (aqueles `bocões` deste tamanho), etc.

O que queríamos com isto é que as narrativas, quando lidas por aqueles que não tiveram acesso à fita gravada, possibilitassem uma reconstrução fonética próxima da original.

Usamos poucos sinais, que são os seguintes:

-
- . indica entoação descendente, geralmente associada ao ponto final
 - , entoação ascendente, comumente associada à vírgula (subida leve)
 - ? entoação ascendente, comumente associada ao ponto de interrogação (subida rápida)
 - ... alongamento, próprio de hesitação;
 - (+) indica pausa, sem especificação de duração
 - estrutura abandonada pelo falante;
 - /MAIÚSCULAS/ fala do ouvinte;
 - (riso)
-

3.2- A CATALOGAÇÃO

Tendo como objeto específico de análise as categorias verbais, dividimos o texto em 'unidades oracionais'. Estas 'unidades oracionais' foram numeradas e posteriormente dispostas visualmente na página em cinco níveis correspondentes ao que chamamos de 'categorias discursivas'. Cada nível se distingue do outro do ponto de vista das noções de FIGURA e FUNDO (Hopper 1979).

Há, entretanto, uma série de problemas relativos a estas divisões. O texto oral é muito diferente do texto escrito e a tradição gramatical foi construída sobre a língua escrita. Ao empregarmos um termo já existente, quando lidamos com a língua falada, temos que observar cuidadosamente até que ponto os fenômenos se equivalem.

3.3- A DIVISÃO DO TEXTO EM ORAÇÕES

A questão central com a qual nos deparamos ao separarmos as 'unidades oracionais' foi a da própria definição de 'oração'. Como trabalhar o texto oral, com este termo, da forma como o concebemos usualmente? O que considerar um 'elemento verbal'? Encontramos na língua oral, por exemplo, várias formas aparentemente verbais que, se observadas com um pouco mais de atenção, não se comportam como verbo. Há ainda o problema das locuções, perífrases e outros. Descreveremos abaixo estas questões e as soluções que demos a elas.

3.3.1- FORMAS APARENTEMENTE VERBAIS:
MARCADORES DISCURSIVOS

Observe os seguintes exemplos:

- (24)(a)- e eu passei mão num pedaço de pau, (+) sabe? [J(A)-29]
- (b)- Ele vinha outra vez pra saí, né? (+) [J(A)-35]
- (c)- pra nada num mexê, (+) tá entendeno? [J(B)-56]
- (d)- num sô nada seu, (+) viu? [G-47]
- (e)- agora cê tá perdendo seu tempo comigo, tá? (+) [G-48]
- (f)- ...prá fazê casa, (+) /UHN/ entendeu? [J(A)-1]
- (g)- olha ô cara, (+) cê tá me achando
que eu sô gringo? [G-15/16]

Olha; né?; viu?; tá?; entendeu?; tá entendeno?; sabe?; são aí formas que têm muito mais uma função discursiva de estabelecer um contato entre falante e ouvinte do que propriamente de veicular uma proposição. Pode-se argumentar ainda que se apresentam em formas geralmente fixas, admitindo pouca ou nenhuma flexão. Às vezes aparecem em formas reduzidas como sa?; sam? (sabe?); tende? (entende?); tendeu? (entendeu?), ó (olha). Não consideramos então estes elementos como `verbais`, não sendo portanto indicadores de unidades oracionais.

3.3.2- OUTROS MARCADORES DISCURSIVOS

Vamos discutir outras ocorrências interessantes de elementos que, como aqueles dos exemplos (25)(a) a (g), também podem ser considerados como portadores de uma função mais

discursiva que proposicional. São estes:

acho (que); lembro (que); acontece (que) parece
(que); sei/ num sei/ só sei (que); quer dizer
(que); diz que

A eventual catalogação destes elementos como `verbais` ou como `marcadores discursivos` dependeu de alguns fatores, por exemplo, posição na frase e se se apresentam ou não flexionados:

Veremos a seguir os exemplos de cada um dos elementos acima. Dividimos estes exemplos da seguinte forma:

Ocorrências de `Tipo I` - Discursivas
Ocorrências de `Tipo II` - Proposicionais

Ocorrências Discursivas - Isto significa que, na nossa análise, estas estruturas não constituem, elas próprias, `elementos verbais` com seus significados plenos. Consideramos que, no contexto onde aparecem, constituem recursos utilizados pelo falante para a organização de seu discurso.

Ocorrências Proposicionais - Aqui, estes elementos verbais traduzem claramente uma noção de predicado.

A- Acho (que)

Exemplos:

(25) Tipo I (a)- Não. Aí ela me deu acho que um telefone (+)
(+) num sei.

Tipo II (b)- Eu acho
que eu devo tê gastado o resto da fita (...)

IFS-264/265

- (c)- Aliás eu achei o melhor livro
que ele escreveu. (+) [FS-905/906]
- (d)- achei aquilo (+) tão diferente, tudo
bonito, né? [IPC-105]

Se comparamos (25)(a) e (25)(b) observamos que, no segundo caso, (b), acho que está no início da frase e tem toda a proposição em seu escopo, enquanto que em (a) a expressão modifica um sintagma menor que o oracional, isto é, um SN que é o objeto direto do verbo principal nessa oração. Nestes casos acho que têm status diferentes um do outro, têm funções distintas. Em (25)(a) comporta-se mais como um índice de incerteza ou dúvida, com função semelhante à desempenhada pelo advérbio *talvez*. Nos outros dois exemplos, (c) e (d), há ainda uma flexão temporal, o que acentua o caráter verbal deste elemento. Vemos claramente que aí se trata de um verbo com seu significado pleno, centralizando uma proposição.

Parece (que) apresenta comportamento semelhante a acho (que). Em posição inicial, revela mais um caráter proposicional. Quando tem em seu escopo sintagmas menores que oracionais, tende a perder este caráter.

Todo parece (que) encontrado em nossas narrativas estava em posição inicial. Vejamos:

- (26) Tipo II (a)- Parece
que o Fernando Sabino num ía não, [FS-27/28]
- (b)- Porque ele ficô- parece
que ele tinha (+) muitos graus assim, né?
[FS-104/105]

86. Era um tema assim meio (+) complicado
um negócio meio estranho.
87. Nem lembro direito o tema. (+)
88. Eu sei que ele começô a lê aquilo
e numa voz monótona, né? aquela
coisa assim,
Olhano pro papel, tal.
89. Aí de repente tinha um (+) um- levantô no no no fim
90. assim do auditório (+) um desses poetas de cordel,
(+) /UHN/
Levantô
91. e começô a falá os cordéis dele, sabe? /UHN/
92. E o cordel dele- eu lembro do cordel
93. mais ou menos,
falava
94. que (+) que a (+) língua não estava
95. nos dicionários. (+)
Não. A língua não era uma prisioneira
96. dos dicionários e tal. (+)
97. Eu lembro que ele é- esse poeta de cordel levantô
(+) assim muito abruptamente (+)
98. e o Homero Homem (+) levô um susto tão grande.

[FS-79/98]

Os elementos sublinhados acima têm a função discursiva de 'retomada da FIGURA', isto é, sinalizam para o ouvinte que o narrador está retomando os eventos da narrativa, voltando à FIGURA, depois de ter entrado no FUNDO para alguma explicação, comentário, etc. Estes recursos são:

1. a repetição, usada como volta à linha dos eventos
2. marcadores como aí; então; bom; sei que; acontece que; lembro que
3. estruturas do tipo de pegou e fez; foi e disse.

O trecho acima é especialmente rico nestes recursos de 'retomada da FIGURA'. É interessante notar como o falante combina estes recursos num mesmo ambiente. (Obs.: as repetições estão em *italico*).

Vimos, no exemplo acima, diferentes maneiras de o falante mostrar ao ouvinte que está retomando a seqüência dos eventos narrativos. Dentre estas está a utilização de lembro (que) 'discursivo' (orações 79 e 97)

Contrastando com estas ocorrências 'discursivas' temos, no mesmo trecho, no FUNDO, casos em que *lembrar* têm mais nitidamente sua função 'proposicional' (orações 84, 87 e 93).

D- Acontece/ aconteceu (que)

Observe:

(29)

Tipo I (a)-

E (+) eu lia muito Carlos Drummond e
(+) Mário de Andrade (+) e Manoel
Bandeira e Fernando Sabino.
Eram os escritores /UHN/
que eu mais lia. (+)

E (+) aconteceu que (+) teve um congresso de (+) até
de lingüística (+) lá no Rio de Janeiro... (+)
Era um congresso de lingüística e de
literatura. [FS-21/25]

(b)-

Falava um um- mais ou menos uns trinta
segundos /UHN/
e depois ele falava assim
'isto é uma gravação', né? /UNHUM/

Acontece quando eu (+) (riso) aten- coloquei o
telefone
e o cara falô (...)

[FS-162/166]

Tipo II (c)-

Mas (+) o que acontece é o seguinte (+)
que eu escrevia, né? (+) (FS-6/7)

(d)-

Aí o que acontece é que-
que eu tinha- nessa época eu tava com
uma relação muito forte (+) com (+) um
determinado livro (+) do (+) Fernando
Sabino, (FS-39/40)

Como lembro que no exemplo (28), em (29) (Tipo I) acontece tem a função discursiva de retomada ou mesmo introdução da narrativa. Nas ocorrências (Tipo II), estes elementos aparecem em estruturas onde acontece é verbo principal de um tipo de interrotiva, portanto, catalogadas como orações.

E- Sei/ Só sei (que)

Estes também são marcadores discursivos e podem desempenhar a função narrativa discutida para lembro (que) e acontece (que) (itens C e D). A seguir, apresentamos um outro trecho bem ilustrador do retorno à narrativa por este recurso:

(30)-

100. Eu sei que nós chegamos lá em Cuiabá de noite. (+)
101. As luz tava toda acesa, né?
102. e eu achei aquilo (+) tão diferente, né?
103. /CÊ NUNCA TINHA IDO À CUIABÁ?/
104. Nunca tinha ido a Cuiabá, né?
105. achei aquilo tão diferente, tudo bonito, né?
106. As casas já estavam tudo fechado também, lá em Cuiabá, /UNHUM/
107. quando nós chegamo. (+)
108. Eu sei que o marido da Ada pegô- (+) pegô na minha

So sei (que) pode também ocorrer num outro papel discursivo, tipicamente como elemento resumidor:

(31)

Tipo I (a)- Aí eu peguei e escrevi um um um texto (+) /UHN/
pra (+) pra colocá na na na secretária dele.
/UNHUM/ Mas um texto enorme, (+)
/AH, MEU DEUS/ (riso)
falando- nossa, mas eu nem lembro
direito.
So sei que falava
que vinha de Belorizonte, [FS-189/190]

Neste exemplo so sei que tem valor resumidor, semelhante à valor de *enfim*.

F diz (que)

Consideramos as ocorrências destes elementos como 'discursivas', pois não flexionam, ocorrem como forma fixa.
Exemplos:

(32)

Tipo I (a)- Diz que lá no interior tinha um um
sujeito assim também
que (+) ele num sabia lê não,
mas ele (+) comprava aquelas caneta
Parker de ouro, né? [BdL-1/4]

(b)- Aí eu vi
minha mãe passá pimenta (+) no bumbum da
galinha, né? (+)

Diz que fica ardeno
A galinha acha
que vai botá

[S(B)-10/14]

G- Quer dizer

Quer dizer (qué dizê) introduz uma explicação ou elaboração de um tema que está sendo desenvolvido. Ocorre geralmente no FUNDO:

(33)

Tipo I (a)- então (+) eu aproveitei, (+)
fui lá pra casa da tia Margarida. (+) /UHN/
E- (+) qué dizê, eu arrumei esse
pretexto, né?
Eu falei com tia Margarida
que eu queria
vê o congresso. (+)

[FS-31/36]

(b)- Porque parece
que tinha uma (+) uma história assim
como que o Drummond nunca participava de
nada, né? (+)
Qué dizê se ocê fazia uma homenagem ao
Drummond
ele num ia, né? /UHN/

[FS-120/124]

É interessante observar que um fator que ajuda na caracterização destes marcadores discursivos é a entonação. Estes elementos apresentam uma entonação típica, não sendo acentuados e sendo, às vezes, até quase inaudíveis.

3.3.3- FORMAS ENFÁTICAS E/OU CLIVADAS

Um outro tipo de elemento muito presente no corpus que analisamos, e que precisa ser observado com atenção para sabermos se tem ou não caráter verbal pleno, são as formas:

é (que); foi (que); era (que)

Encontramos várias ocorrências de é, foi e era que, por funcionarem como marcadores enfáticos, não foram catalogados como elementos 'verbais':

- (34) Tipo I (a)- Porque ele anda é assim, Adriana (+) (M-35)
(b)- Nunca ele falô- tocô em em- nunca ele tocô em-
pra mim,
do que eu falei foi pra irmã
que num ia dá a santa ceia. (IdC-148/150)

Já nos exemplos que se seguem, a ocorrência destes formas foram catalogadas como 'verbais':

- (35) Tipo II (a)- E lá em casa papai tinha tinha (+) empresa
funerária,
tinha (+) casa de molduras, (+) (...)
Era uma porção de coisas, né? (IdC-41/44)
- (b)- /MAS TEVE UM CASO TAMBÉM
QUE OCÊ FALÔ
QUE CÊ TEVE QUE SUBÍ EM CIMA DA ÁRVORE./
Esse foi o jacaré também. (J(B)-1/4)
- (c)- E aconteceu que (+) teve um congresso de (+)

até de lingüística (+) lá no Rio de Janeiro...
Era um congresso de lingüística e literatura.

[FS-24/25]

É importante observar que nem sempre é muito tranqüila a opção entre uma interpretação e outra.

Quanto a é que; foi que e era que, são muito encontrados na língua oral, às vezes em construções complexas e, certamente, de difícil catalogação. A interação entre construções tipicamente enfáticas como "Ela tá é mentindo" e construções clivadas como "Foi Ana que fez o bolo" está além do escopo deste trabalho. (*17)

3.3.4- FORMAS CRISTALIZADAS

Encontramos no nosso corpus formas 'cristalizadas' em certas expressões que também não foram consideradas, para este trabalho, como elementos 'verbais'. São assim, por exemplo, é em (36)(a) e mamá em (b):

(36)(a)- e represa *pra tudo quanto é canto* [J(A)-7]
(b)- dá de *mamá* pra ele. [IpC-97]

Em (a) interpretamos a expressão em *itálico* como similar a outras existentes, mais ou menos fixas em nossa língua, que são *pra todo canto/ pra todo lado/ por toda parte*. Em (b), a expressão em *itálico* forma um todo semântico que equivale a *amamentar*.

3.3.5- OUTRAS FORMAS NÃO CATALOGADAS COMO VERBAIS

Há ainda a serem mencionadas três outras coisas que aparecem no texto oral, com forma apenas aparente de verbo e que, por isso, não foram catalogadas como tal. São elas;

A- é (é é).. - que constitui hesitação. Ex:

(37)- Ele é... anda assim, (+) entendeu? (M-96)

B- é - como resposta, significando 'sim':

(38)- /ENQUANTO ELA TÁ VIVA?/
É, enquanto ela tá viva. (J(B)-96/97)

C- Formas verbais em estruturas abandonadas:

(39)- que elas estavam- (+) já tinham construído o colégio pra elas mudarem. /UNHUM/ (IdC-93/94)

No exemplo acima, o narrador abandonou estavam, preferindo estruturar sua idéia em uma outra construção, com outro elemento verbal.

3.3.6- PERÍFRASES E LOCUÇÕES

Ao separarmos as estruturas oracionais das narrativas, um problema importante que surgiu foi o da decisão, nos casos onde

há dois verbos, se se trata de uma ou duas estruturas oracionais.

Há casos em que as seqüências verbais formam claramente um todo como, por exemplo, tempos compostos com *ter* (*tenho feito/ teria feito*); algumas locuções com valores aspectuais de inepção ou terminação (*comecei a/ terminei de fazer*); etc.

Por outro lado, encontramos uma série de construções onde se torna difícil a delimitação das unidades oracionais:

**A- Construções com verbo principal
no 'infinitivo'**

*querer fazer/ mandar fazer/ precisar (de) fazer/
poder fazer/ ter (que/de) fazer/ etc.*

Como saber, para cada frase onde ocorram dois verbos, estando o principal no 'infinitivo', se temos uma ou duas estruturas oracionais?

Adotamos então o critério de inserção de sujeito para a catalogação destes casos: *Inserção de um sujeito para o segundo verbo, distinto do sujeito do primeiro verbo, com flexão do segundo verbo.*

Aplicando o critério descrito, se o resultado gera agramaticalidade, como em (41), temos a indicação de que os dois elementos verbais juntos formam um todo, uma unidade oracional. Se for gramatical, como em (40), consideramos haver duas proposições distintas no conjunto. Observe os exemplos:

(40)- Depois a menina não quis mais
continué o estudo

(Pt-5/6)

- inserção de sujeito -

Depois a menina não quis mais
que seu irmão continuasse o estudo.

(41)- e falô (+)
se eu num podia vim pra dona Palmyra, (+)/UNHUM/ né?
[IPC-22/23]

- inserção de sujeito -
e falô
se eu num podia
(*)que ele viesse pra D. Palmyra

B- Perífrases de 'futuro'
(ir + V 'nfinitivo')

É interessante observar a importância da relação icônica(*20) entre estes elementos. Quando o verbo 'ir' vem seguido imediatamente por um outro verbo no 'infinitivo', prontamente interpretamos o conjunto como uma perífrase com valor de 'futuro'. Exemplos:

- (42)(a)- `Agora cê vai procurá o prato (+) [S(A)-26]
(b)- A galinha acha
que vai botá [S(B)-13/14]
(c)- Então eles ele- o Drummond íá fazê uma palestra.
[FS-126]

Quando, entretanto, um verbo está separado do outro, isto é, quanto mais material lingüístico se interpõe entre eles, mais tendemos a separá-los em orações distintas. Assim, em nossos dados, optamos por dispor estes verbos em estruturas oracionais distintas, em construções como a seguinte:

- (43)- eles- (+) elas fam lá em casa
pedí (+)
pra ajudá (+) [IDC-6/7]

D- Verbos de movimento

como ir/ vir/ sair + 'gerúndio' e
verbos com sentido ligado à temporalidade
como passar/gastar + V 'gerúndio'

Estes dois tipos de estrutura, quando apresentam os dois verbos que as compõem relativamente próximos um do outro, formam uma locução. O 'gerúndio', nestes casos desempenha função semelhante à adverbial. Por exemplo (45)(a a c):

- (45) I (a)- Eu desci correndo as escadas (+) (Pr-311)
(b)- e saí arrastando ele (+) até em casa.(+) (J(A)-471)
(c)- Nesse tempo cê passava dia inteiro viajando (IPC-361)

Já em (d), abaixo, o gerúndio não modifica o verbo anterior; temos duas orações:

- II (d)- chegô uma moça lá com uma cartinha do Drummond
falando que ele (...) (FS-131/132)

3.3.7- REPETIÇÃO COM FUNÇÃO ASPECTUAL

Outro fenômeno que não justifica a catalogação de um elemento verbal como pertencente a uma estrutura oracional independente é o da repetição com valor aspectual, como as seguintes:

- (46)(a)- E as irmãs iam lá
cada vez mais pedí, cada vez mais pedí (IPC-69/70)
(b)- pediu isso, pediu aquilo (IdC-87)

(c)- papai foi dano, foi dano.

{11c-88}

Apesar da repetição, não há nestes casos a veiculação de duas proposições. Existe aí um recurso para a expressão de valores como duração ou repetição, valores estes ligados à noção de aspectualidade.

Há ainda um último tipo de estrutura em que dois elementos verbais traduzem uma única proposição. São estes:

3.3.8- FOI/ VIROU/ PEGOU e V (pret. perf.)

Vejamos:

(47)(a)-

Uma coisa às vezes que ele queria

ele dava. (+)

Não falava não.

Aí (+) a madre foi e bateu o olho assim na santa ceia
assim. (+)

{11c-98/101}

(b)- que (+) ele levô um texto enorme.

eram páginas e páginas.

Ele pegô e comecô a lê aquilo. (+) /UHN/

FS-81/83}

Muito freqüentes no texto oral, tais construções podem, à primeira vista, parecer um caso simples de coordenação. Porém, logo percebemos que o primeiro elemento vem destituído de seu significado pleno de verbo de ação, formando, com o verbo que o segue, um recurso narrativo de concatenação.

Assim, temos que, a nível do discurso, desempenha a função de sinalização de uma retomada da FIGURA, ou seja, da

seqüência de eventos. Como marcador aspectual, reforça a noção da visão do evento como um todo. Segundo Soares(1984 apud Coseriu1980), este tipo de estrutura desempenha a função aspectual, chamada por aquele autor, de 'globalizante'.

Estas duas funções, entretanto, não estão dissociadas uma da outra. Elas estão de alguma forma ligadas. O valor aspectual 'globalizante', ou seja, da visão do fato verbal como um todo, relaciona o evento assim marcado mais naturalmente à FIGURA narrativa. Neste caso, com a função discursiva específica de evidenciar uma retomada da FIGURA.

Semelhante à relação icônica discutida anteriormente para perífrases e tempos compostos (itens B e C, págs. 92 e 93), quando uma certa quantidade de material lingüístico se interpõe entre *virô* e *falô*, se torna menos clara a interpretação da estrutura como um todo proposicional. Apesar disso, foi assim que a catalogamos. Veja o exemplo abaixo:

(c)- Eu virei pra irmã. eu (+) perto de papai, (+)
/UNHUM/ falei assim [110-110]

3.4- DIVISÃO EM FIGURA E FUNDO

As noções discursivas de FIGURA e FUNDO que discutimos no capítulo 1 refletem muito bem a realidade de um texto narrativo. Porém, esta divisão é bem genérica e as narrativas contém seqüências em que não se pode dizer se são propriamente seqüências de FIGURA ou não. Então, além de utilizarmos estes dois níveis discursivos, propusemos outros três níveis, para darmos

conta de estruturas que apresentam características formais e discursivas que as distinguem daquelas encontradas na FIGURA e no FUNDO. São exemplos disto o discurso direto, tão freqüente, alguns tipos de subordinadas a orações da FIGURA, as interrupções do ouvinte e alguns elementos não relacionados com o tema narrado.

Assim, nossos textos foram divididos em cinco partes, correspondendo a cinco categorias discursivas:

- Categoria 1- Discurso Direto
- Categoria 2- FIGURA
- Categoria 3- Categoria Intermediária
- Categoria 4- FUNDO
- Categoria 5- Fundão

Deste quadro temos:

Categorias `Majores` ou `Principais`- FIGURA e FUNDO
Categorias `Menores` ou `Secundárias`- Discurso direto,
Categoria Intemediária e Fundão

3.4.1- AS CINCO CATEGORIAS DISCURSIVAS

A- Categoria 1 - Discurso Direto

Às vezes, grande parte da estória é narrada em discurso direto. O narrador `encena` os diálogos acontecidos. Este material é formalmente muito diferente do material da FIGURA propriamente dito (categoria 2). Esta categoria permite uma variação maior em termos de tempos verbais, por exemplo, do que a categoria 2, onde o `pretérito perfeito` é praticamente exclusivo. Aqui o `presente` (com valor temporal presente ou atemporal) predominam.

Exemplo:

(48) -

31. Chegou pra mim
`Q sir, I speak English.`
32. Eu falei
33. `Olha, cê tá muito enganado comigo,
34. (...) num sô gringo não. (+) (...)
41. Quê cê tá quereno, ô rapaz?`
42. `Ah, desculpe, tal, né, eu... tio.`
43. Aí me chamô de tio.
44. Falei
45. `Olha, (+) eu num sô seu tio coisa nenhuma, (+)
46. Num sô seu parente,
47. num sô nada seu, viu? (+)
Mas tudo bem. Tudo bem. (+)
48. Agora cê tá perdeno seu tempo comigo, tá? (+)
49. Eu tô quase te mandano à merda, rapaz.`
50. Falei pra ele. (+)
51. Falô
52. `Q que é que há?
53. Num vai brigá comigo não.`

(G-91/53)

As estruturas sublinhadas estão no discurso direto. Observe como é possível haver narrativas com muita informação nesta forma, inclusive com seqüências em outra língua perfeitamente acomodadas ao texto em português.

B- Categoria 2 - FIGURA narrativa.

Esta categoria traz a `seqüência de eventos`, isto é, os eventos são apresentados na seqüência cronológica em que supostamente ocorreram (Labov 1972). Há também traços gramaticais distintivos desta categoria. Como mencionamos acima, o `pretérito

perfeito é praticamente o único tempo verbal que ocorre nestas estruturas, assim como o aspecto `perfectivo` e o modo `real`. Mostraremos mais adiante como procedemos estas análises. Observe um trecho narrativo, tipicamente de FIGURA. Somente a última oração pertence a outra categoria (Intermediária).

- (49) - Aí chega chega a madre , (+) a ma- (+)
E ele pegô o o- (+) a santa ceia (+)
e botô num canto assim lá na oficina
e pediu pro Chico, o empregado nosso (+) /UHN/ de
papai,
que enca- que ele embalasse a santa ceia

[IdC-77/81]

C- Categoria 3 - Categoria Intermediária

Esta categoria é intermediária entre as duas principais. São estruturas substantivas, relativas, finais, construções com gerúndio, etc, ligadas a orações da FIGURA, que entretanto não se encaixam perfeitamente naquela categoria e que também não podem ser consideradas muito facilmente como pertencentes ao FUNDO.

- (50)(a) - Aí chegou um... daqueles malandros lá de praia. (+)
aqueles caras lá
que eu manio. (+) [G-8/9]
- (b) - E eu saí
pra pegá lenha pra minha mãe. (+) [J(A)-17/18]
- (c) - E o meu irmão falô
que eu tinha passa- passado pimenta no rabo
dela (+) [S(A)-49/50]

Temos aqui alguns exemplos de subordinadas (sublinhadas) a estruturas da FIGURA.

D- Categoria 4 - FUNDO

Esta é a categoria mais vasta e portanto mais complexa. Aqui encontra-se todo material de suporte à linha dos eventos. São as descrições, explicações, comentários, julgamentos, elaborações, repetições e sub-enredos (mini-narrativas situadas num eixo temporal distinto do da narrativa central, que tem alguma relevância para esta.).

O FUNDO é então extremamente variado. Como reflexo disto, temos que há uma variação formal também grande. Na nossa análise isto foi observado em relação às categorias de MODO/ASPECTO/TEMPO. Exemplos:

(51) descrição (a)-

Mas na minha rua não havia lampião de gás e nós tínhamos que passar primeiro por uma ponte. (+)

E a ponte era do lado do cemitério, bem ao lado do cemitério. (+) [Po-7/9]

seqüências (b)-
temporais tipicam.
de FUNDO

E eu gostava demais de tomá ovo (+) de manhã assim ó (+) galinha levantava prá espreme e eu enfiava minha mão assim e o ovo caía quentinho aqui. (+) /UNHUM/ E eu batia no pau, escorria a clara e engolia a gema. (+) [S(B)-18/26]

sub-enredo (c)-

Ela comprô este piano pra filha estudá. Depois a menina não quis mais continuá o estudo e o piano ficô parado. (+) [Pi-3/7]

repetição (d)- /MAS PORQUE CÊ TAVA AQUI EM
esclarecedora BELORIZONTE, UNS DIAS, (+)
TAVA BRANCO?/

Passei aqui umas férias. /AHN/
Estava (+) branco, sem praia. /ANHAM/
Cheguei lá branquinho (+) /ANHAM/
E fui pra praia,
sentei ali na minha toalha, direitinho,
(G-17/23)

juízo/julgamento/ (e)- achei aquilo tão diferente, tudo bonito,
juízo julgamento né?
(IPC-105)

E- Categoria 5. Fundão.

Estão aqui os elementos que se encontram mais à margem da estória. São as interrupções do ouvinte; é quando o narrador fala do que está narrando, numa espécie de meta-discurso; ou ainda, quando interrompe com algum elemento periférico, não relacionado com a narrativa.

(52) meta-discurso (a)- Eu vô contá é o caso (+) caso lá do
do Rio, né? (+)
(FS-3)

periférico (b)- O relógio vai batê.
(Pr-8)

ouvinte (c)- /SEU IRMÃO ERA MUITO
PEQUENININHO AINDA?/
(M-1)

3.4.2- DISPOSIÇÃO VISUAL DAS CATEGORIAS

Na prática, nosso texto foi disposto visualmente na página em cinco níveis (ou colunas) a partir das quais as estruturas oracionais se iniciam. Da esquerda para a direita temos:

(53)-

CAT.:	1	2	3	4	5
01.	↓	↓	↓	↓	↓
					Tô contano- (+) eu tava contano pra você que
02.					há uns anos atrás, (+)
03.					eu (+) passei umas férias em Belorizonte (+)
04.					e tava muito branco. (+) Branco, branquelo, né? (+)
05.					aí fui pro Rio. (+)
06.					Cheguei lá em pleno verão, todo mundo queimado de praia, (+) aquele negócio todo, aquele pique todo de praia e eu branquinho, né?
07.					E eu nesse dia eu tava sozinho lá na praia. (+) cabeça branca assim, (+)
08.					aí chegou um... daqueles malandros lá de praia, (+) aqueles caras lá, (+)
09.					que eu manjo, (+)
10.					falô assim 'sir, I speak English.' (+)

(G-1/10)

Todos os textos trabalhados foram organizados visualmente dessa forma: as estruturas alinhadas sob a seta da Cat. 1 estão no discurso direto; sob a seta da Cat. 2 encontra-se o esqueleto da narrativa, isto é, os eventos seqüenciados, a FIGURA; sob a Cat. 3, estão as subordinadas a orações da FIGURA e

estruturas nominais (no exemplo acima temos uma relativa); sob a seta da Cat. 4, encontramos descrição, julgamento, comentário, enfim, o FUNDO (neste exemplo, basicamente descrição) e alinhados sob a Cat. 5, estão o meta-discurso, a fala do ouvinte e os elementos pouco ou nada relacionados com o tema narrado (temos acima uma ocorrência de meta-discurso, onde o falante introduz sua narrativa).(*18) As orações foram ainda numeradas à esquerda da margem.

Procuramos neste capítulo mostrar como procedemos para a divisão do material narrativo em 'estruturas oracionais' e para a catalogação destas estruturas em 'categorias discursivas' baseadas nas noções de FIGURA e FUNDO. Discutimos também as dificuldades apresentadas nessa tarefa.

CAPITULO 4- RESULTADOS

4.1- HIPÓTESES

Baseados no fato exposto pela teoria Gestalt de que, ao percebermos o mundo à nossa volta, o fazemos ressaltando certos aspectos em relação a outros, e que esta percepção cognitiva tem conseqüências lingüísticas, refletindo-se nas gramáticas das línguas, levantamos a hipótese de que, no português, e nas línguas românicas de uma maneira geral, o sistema verbal, com suas variações de TEMPO, MODO e ASPECTO é usado sistematicamente em textos narrativos para estabelecer tal distinção cognitiva.

Levantamos então algumas hipóteses como previsão do que encontraríamos após a análise dos dados, em relação ao material verbal de cada uma das categorias discursivas, em especial das categorias básicas da FIGURA e do FUNDO.

Essas hipóteses eram baseadas na definição de oração narrativa de Labov(1972), nos critérios de identificação da FIGURA propostos por Reinhart(1982), nos trabalhos de Hopper e de outros autores mostrando a relevância gramatical das noções de FIGURA e FUNDO, e de nossa observação dos dados de que dispúnhamos. Assim, levantamos as hipóteses:

4.1.1- CATEGORIAS MAIORES

A- FIGURA (Categoria 2)

Esperávamos encontrar uma grande incidência de pretérito perfeito, uma vez que havíamos separado o 'discurso direto' (cat.

esperávamos a presença do modo `irreal`, em toda sua gama de significações dentro campo da subjetividade (expressão da opinião ou ponto de vista do falante), possibilitando a ocorrência do tempo `futuro`, do `subjuntivo` e do `imperativo`.

4.1.2- CATEGORIAS MENORES

Contávamos para as três categorias menores também, com a possibilidade da ocorrência de aspecto `imperfectivo`, modalidade `irreal` e tempos verbais variados; com a presença significativa de:

A- Discurso Direto (Categoria 1)

`Presente` e `imperativo`

B- Intermediária (Categoria 3)

Formas nominais do verbo

C- Fundação (Categoria 5)

Variedade temporal, com a possibilidade, dentre outros, de `futuro`.

4.2- RESULTADOS

Aqui expomos um quadro dos percentuais mais significativos encontrados. Ele permite a visualização da realidade narrativa em termos das noções discursivas de FIGURA e FUNDO, focalizando as categorias verbais de TEMPO, ASPECTO e MODO.

CATEGORIA 1 - Discurso direto

<u>Orações</u> (em relação às outras categorias) - -----	8 %
<u>Tipo de verbo</u> - A -----	49 %
E -----	33 %
Outros -----	18 %
<u>TEMPO</u> - Presente -----	25 %
Presente atemporal -----	24 %
Infinitivo -----	14 %
Imperativo -----	12 %
Pretérito perfeito -----	10 %
Outros -----	15 %
<u>ASPECTO</u> - Iv -----	90 %
Pv -----	8 %
Outros -----	2 %
<u>MODO</u> - R -----	60 %
I -----	40 %

CATEGORIA 2 - FIGURA

<u>Orações</u> - -----	22 %
<u>Tipo de verbo</u> - A -----	81 %
E -----	6 %
Outros -----	13 %
<u>TEMPO</u> - Pretérito perfeito -----	97 %
Outros -----	3 %
<u>ASPECTO</u> - Pv -----	90 %
i Pv-----	9 %
Outros -----	1 %
<u>MODO</u> - R -----	99 %
I -----	1 %

CATEGORIA 3 - Intermediária

<u>Orações</u> - -----	4 %
<u>Tipo de verbo</u> - A -----	78 %
E -----	13 %
Outros -----	9 %

<u>TEMPO</u> - Infinitivo -----	47 %
Imperfeito -----	20 %
Gerúndio -----	9 %
Fut. do pret. perif. -----	7 %
Outros -----	17 %
 <u>ASPECTO</u> - Iv -----	 91 %
Outros -----	9 %
 <u>MODO</u> - R -----	 62 %
I -----	38 %

CATEGORIA 4 - FUNDO

<u>Orações</u> - -----	60 %
 <u>Tipo de verbo</u> - A -----	 45 %
E -----	34 %
Outros -----	21 %
 <u>TEMPO</u> - Imperfeito -----	 43 %
Pretérito perfeito -----	19 %
Presente atemporal -----	15 %
Infinitivo -----	9 %
Outros -----	14 %
 <u>ASPECTO</u> - Iv -----	 76 %
Pv -----	18 %
P -----	5 %
Outros -----	1 %
 <u>MODO</u> - R -----	 92 %
I -----	8 %

CATEGORIA 5 - Fundação

<u>Orações</u> - -----	6 %
 <u>Tipo de verbo</u> - A -----	 54 %
E -----	39 %
Outros -----	7 %
 <u>TEMPO</u> - Pretérito perfeito -----	 29 %
Presente atemporal -----	20 %
Imperfeito -----	16 %
Infinitivo -----	9 %
Presente -----	7 %
Fut. do pres. perif. -----	7 %
Outros -----	12 %
 <u>ASPECTO</u> - Iv -----	 70 %
Pv -----	26 %
Outros -----	4 %

MODQ - R -----	55 %
I -----	45 %

Exposto o quadro a cima podemos analisá-lo e comentá-lo.

4.3- ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.3.1- QUANTO AO NÚMERO DE ORAÇÕES

Das informações do quadro acima, focalizando o número de estruturas, podemos formar o quadro seguinte:

Categoria discursiva	Número de orações	%
1 - <u>Discurso direto</u> -----	104	8 %
2 - <u>FIGURA</u> -----	266	22 %
3 - <u>Intermediária</u> -----	45	4 %
4 - <u>FUNDO</u> -----	713	60 %
5 - <u>Fundão</u> -----	69	6 %
T O T A L -----	1197	100 %

Nas narrativas observadas, a parte que constitui o FUNDO foi numericamente bem maior do que aquela que constitui a FIGURA. Isto significa que este material foi bastante rico em elaborações, descrições, comentários, enfim, em informação de apoio à linha central dos eventos. Isto ocorreu, tanto observando a soma das narrativas, como, em geral, observando-as individualmente.

Se adotássemos uma visão mais abrangente, tanto da FIGURA, quanto do FUNDO, e considerássemos que estas categorias englobassem as categorias menores, poderíamos obter o seguinte quadro:

	Número de orações	%
Cat 1 + 2 + 3 -----	415	35 %
Cat 4 + 5 -----	782	65 %

Vemos, ainda assim, o mesmo resultado favorável, em termos numéricos ao FUNDO narrativo.

Este é um traço social interessante, das narrativas onde o narrador e o ouvinte são pessoas afetivamente próximas. Nestes contextos de envolvimento familiar, existe um clima propício para que o falante contribua com opiniões pessoais acerca da estória e que recheie esta estória com outros acontecimentos. (*19)

O fato de ter havido mais estruturas de FUNDO do que de FIGURA pode servir ainda para ilustrar, a afirmação de Reinhart de que não há uma relação a priori entre FIGURA e maior importância (ou maior número, acrescentamos) e FUNDO e menor importância (ou menor número). Isto ocorre apesar de uma narrativa ser definida, de acordo com Labov, pela presença das estruturas temporais, seqüenciadas (de FIGURA).

Em outras palavras, pode existir uma narrativa sem FUNDO, mas não sem FIGURA, entretanto isso não determina que a FIGURA seja mais relevante ou numerosa que o FUNDO.

4.3.2- QUANTO AO TIPO DE VERBO

Observemos ainda o quadro abaixo, especificamente dos tipos de verbo encontrados, extraído do quadro geral apresentado anteriormente:

TIPO DE VERBO	CAT. 1 %	CAT. 2 %	CAT. 3 %	CAT. 4 %	CAT. 5 %	TOTAL %
Ação -----	49	81	78	45	54	55
Estado -----	33	6	13	34	39	27
Outros -----	18	13	9	21	7	18

Os verbos de ação e estado são os mais numerosos, mas encontramos também outros tipos de verbos que diferem destes em certas características semânticas e sintáticas, se levados em conta traços como número de argumentos diretos, volição e animação do argumento sujeito e semântica do predicado. São eles os 'resultativos', 'não-volitivos', de 'cognição' e 'sentimento', todos, entretanto, pouco numerosos.

É interessante observar como a Cat. 2. apresenta o maior predomínio de verbos de ação e a menor incidência de estativos. Isto confirma as expectativas quanto ao tipo de verbo existente na FIGURA.

Na Cat. 4. como era de se esperar, foi onde apareceu a maior percentagem dos verbos de estado, sendo eles, apesar disto, ainda menos numerosos do que os de ação. Esta grande incidência de verbos de ação nesta categoria é compreensível se consideramos a variedade de tipos de informação presentes aí, principalmente com a possibilidade de elementos temporais. Isto vai explicar também a presença do 'pretérito perfeito' e do aspecto 'perfectivo' neste ambiente.

Voltando ao quadro, temos que na FIGURA narrativa há a predomonância de verbos de ação para a narração dos eventos e, no

FUNDO, aparece mais significativamente os verbos de estado, que vão compor as descrições e cenários.

4.3.3- QUANTO A TEMPO E ASPECTO

Abaixo temos um quadro que mostra o que caracteriza de forma mais marcante cada uma das cinco categorias discursivas, em termos de TEMPO e ASPECTO:

	CAT. 1	CAT. 2	CAT. 3	CAT. 4	CAT. 5
TEMPO	Pres.49%	Pt.Perf.97%	F.Nomin.54%	Imperf.43%	Pt.Perf.29% Ps.Atemp.20% Imperf. 16%
ASPECTO	Iv.90%	Pv.90%	Iv.91%	Iv.76%	Iv.70%

Para análise destes resultados vamos nos referir aos dados acima e também consultar o quadro geral, que é mais detalhado.

Cat. 1 - maior incidência de 'presente', 49% das ocorrências (sendo 'presente' 25% e 'presente atemporal' 24%). Este tempo vem seguido mais de longe por 'infinitivo' (14%) e 'imperativo' (12%). O 'pretérito perfeito' apareceu em 10% das estruturas. As formas verbais com valor 'imperfectivo' totalizaram 90% das ocorrências e as 'perfectivas' apenas 9%.

O Discurso direto se caracteriza, então, pelo 'presente' e pelo aspecto 'imperfectivo'.

Cat. 2 - Para a narração dos eventos da FIGURA, encontramos quase que exclusivamente (97%) o 'pretérito perfeito', de aspecto 'perfectivo'. O valor de 'imperfectividade' que surgiu foi a nível do discurso, e não na forma verbal. Ex:

(54) - Ela *chegô* lá na oficina
pediu isso, pediu aquilo.

(11c-86/87)

Neste exemplo, o verbo *chegar* foi apresentado no 'pretérito perfeito' com valor aspectual 'perfectivo', significando uma ação completa. Já a estrutura *pediu isso, pediu aquilo* apresenta, além desta mesma característica, um valor aspectual 'imperfectivo', devido à repetição do elemento verbal e dos elementos *isso* e *aquilo*, que têm um significado de repetição, duração.

Se os dois elementos da frase em (54) tivessem sido separados em duas orações distintas, este valor aspectual determinado pela repetição não apareceria. Isto é uma evidência de que de fato eles formam uma unidade.

Ainda quanto ao exemplo acima, é interessante ressaltar que o falante lança mão de recursos como este para acrescentar valores aspectuais de imperfectividade, como a duração, a seqüências da FIGURA, que são basicamente 'perfectivas'.

A FIGURA narrativa, o fio central dos fatos supostamente acontecidos, é a que apresenta maior uniformidade do ponto de vista das categorias verbais. Ela é marcada pelas formas de 'pret. perfeito'. Quanto ao aspecto, o predomínio é de 'perfectivo': e

nisso se opõe a todas as demais categorias.

Cat. 3 - A categoria intermediária também apresentou grande predominância de formas verbais 'imperfectivas' (91%). As formas nominais foram as mais numerosas, 54%, sendo, destas, 47% de 'infinitivo' e 9% de 'gerúndio'. O 'imperfeito' apareceu em 20% das orações e o 'fut. do pret. perifrástico' em 7%.

Notamos, na Categoria Intermediária, como esperávamos, a presença expressiva das formas nominais do verbo, nas estruturas subordinadas aí existentes e, a predominância do aspecto 'imperfectivo'.

Cat. 4 - O 'imperfeito' apareceu em 43% das estruturas, trazendo as descrições e os cenários, mais tipicamente compondo o FUNDO narrativo. O 'presente' e 'presente atemporal' também serviram a este fim. As formas 'imperfectivas' totalizaram 76% dos casos, contra 18% de formas com valor 'perfectivo', expresso no tempo verbal 'pretérito perfeito'. O 'mais que perfeito composto' determinou basicamente o aspecto 'perfeito', que apareceu em 5% das orações.

Estas formas 'perfectivas' ocorrem nas 'repetições', nos 'sub-enredos', ou seja, em seguimentos temáticos que, embora ocorram no FUNDO, não são tão freqüentes a ponto de o caracterizarem, como as descrições, por exemplo.

Assim, o FUNDO narrativo é marcado principalmente pelo 'imperfeito' e pelo aspecto 'imperfectivo'.

Cat. 5 - Esta parte da narrativa também é variada do

ponto de vista de TEMPO e ASPECTO verbais. Apresenta, como o FUNDO, uma predominância de 'imperfectivo' (70%), expresso nas formas de 'presente atemporal' e 'imperfecto', mais significativamente, e 'infinitivo', 'presente' e 'fut. do pres. perifrástico', menos significativamente. O aspecto 'perfectivo' (26%), é expresso tipicamente nas formas de 'pretérito perfeito'.

Esta categoria, o Fundo, é a que apresenta uma variação maior dos tempos verbais percentualmente significativos, sendo os principais o 'pret. perfeito', o 'presente atemporal' e o 'imperfecto'. Isto ocorre pois aqui há muitos elementos não-relacionados à narrativa propriamente dita, portanto inesperados. O aspecto predominante é o 'imperfectivo'.

Podemos afirmar que a distinção aspectual está em jogo nos textos narrativos na nossa língua é entre os valores 'perfectivo' e 'imperfectivo'. O 'perfeito', que confere ao fato verbal o valor da 'anterioridade' ou da relevância presente de um fato passado, ocorreu muito inexpressivamente nos nossos dados, sendo que a maior percentagem obtida a de 5% na Cat. 4. Este aspecto foi representado por formas de 'mais que perfeito composto' e 'pretérito perfeito'.

É importante dizer um pouco mais dos elementos observados para a contagem:

A- Elementos de TEMPO

Há formas verbais que, apesar de terem um determinado nome, apresentam, no contexto onde se inserem, um significado temporal distinto daquele expresso por este nome.

Por exemplo, a forma conhecida como 'presente do indicativo' muitas vezes veicula uma noção de tempo futuro ou tem mesmo um sentido atemporal. Além destes, encontramos ainda o 'presente' usado na FIGURA narrativa, para a própria apresentação seqüencial dos fatos acontecidos, tendo um valor de passado. Este é o chamado de 'presente histórico'. Em nossa contagem, então, consideramos os valores temporais reais de cada forma, isto é, contamos as ocorrências de cada uma destas variantes ('presente'; 'presente atemporal'; 'presente com valor de futuro' e 'presente histórico'). Acontece, entretanto, que elas são, em geral, pouco significativas numericamente e apareceram em nosso quadro de resultados, quase sempre, apenas sob o rótulo de 'outros'. São exemplos destas ocorrências:

(55)

'presente'

- (a)- 'O Fernando num tá aqui. (+) (FS-293)
 (b)- então ele num qué
 sê incomodado (FS-308/309)

'presente atemporal'

- (c)- 'Deus (+) é um espírito (+) perfeitissimo (Pr-56)
 (d)- Quando o rio enche
 sai
 e represa pra tudo quanto é canto, (JA)-5/7)

'presente c/ valor de futuro'

- (e)- 'Cuidado, um dia cê (+) perde prato aí. (SA)-15)

'presente histórico'

- (f)- Aí chega chega a madre, (+) a ma- (IDC-77)
 (g)- Aí telefonam pra mim (FS-280)

Da mesma forma temos: 'pretérito perfeito com valor de mais que perfeito' e 'imperfeito com valor de futuro do pretérito'. Exemplos:

(56)

'pret. perf. c/ valor de mais que perfeito'

- (a)- eu já tinha até- (+) tinha ido na praia depois, (+)
saí com com com a Marília (+) /UNHUM/
Tinha até esquecido (FS-276/278)
- (b)- daí cê vê (+)
tanto que *viagô* (IpC-114/115)

(57)

'imperfeito c/ valor de fut. do pretérito'

- (c)- pra vê
se o Fernando Sabino *aparecia* por lá. (FS-117/118)
- (d)- e falô
se eu num *podia* vim pra dona Palmyra, (+)
/UNHUM/ né? (IpC-22/29)

Estes exemplos mostram que é importante a observação do contexto discursivo do elemento verbal para que o valor temporal que ele expressa seja percebido. Muitas vezes o nome pelo qual uma determinada forma verbal é chamada, não revela a noção temporal efetivamente veiculada por esta forma no discurso.

B- Elementos de ASPECTO

Para esta categoria observamos uma série de valores. Cada elemento verbal foi analisado como:

'Perfectivo' - visão do fato verbal como um todo, completo - 'pretérito perfeito' e 'presente

histórico'. Exemplos:

- (58)(a)- Peguei o vidro de pimenta, (+)
enchi o rabo da galina de pimenta. (+) (S(8)-96/37)
- (b)- Aí minha mãe *passô* mão numa mão-de-pilão.
Minha mãe *foi* dentro da casa dele com a
mão-de-pilão. (+) (M-23/24)

'Imperfectivo' - visão do fato de uma perspectiva interna, fato inconcluso, em curso; habitual ou iterativo - 'imperfeito'. Exemplos:

- (59)- Diz que lá no interior *tinha* um um sujeito assim também
que (+) ele num *sabia*
lê não
mas ele (+) *comprava* aquelas caneta Parker de ouro,
né? (BdL-1/3)

Também sob o rótulo de 'imperfectivo' se agrupam formas de: 'presente'; 'presente atemporal'; 'presente com valor de futuro'; 'imperfeito com valor de futuro do pretérito'; 'gerúndio'; 'infinitivo'; 'imperfeito do subjuntivo' e 'imperativo'. Todas elas têm em comum o traço da não-conclusão. Isto vai de encontro ao que é dito por Givón(1984):

"Se um evento ainda não ocorreu, seu limite terminal não está ainda especificado, mesmo se seu limite inicial já foi visualizado.

Enquanto o inglês não tem uma categoria unificada de 'imperfectivo', pode-se ilustrar as várias categorias semânticas que mais comumente se encaixam no agrupamento imperfectivo, como a seguir:

- a. Durativo: *He is working* (presente)
He was working (passado)
- b. Habitual: *He always works*
- c. Repetitivo: *He works on and off*

d. Futuro: *He will work*(*20)

Foi observada ainda qualquer nuance aspectual presente em cada forma individual, nos níveis sintático, semântico ou discursivo. As estruturas foram classificadas como `iterativas`; `habituais`; `ingressivas`; `progressivas` e `terminativas`. valores estes ligados à imperfectividade.

Perfeito - visão de um fato passado com relevância presente, ou, melhor dizendo, um fato completado anteriormente a um determinado ponto no eixo temporal e relevante a este ponto - formas de `mais que perfeito composto`; `particípio passado` e `pretérito perfeito com valor de mais que perfeito`. Ver exemplo (56) na página 117.

C- Combinações de Valores Aspectuais

As estruturas oracionais nem sempre apresentam todos os seus valores aspectuais ligados apenas à imperfectividade, por exemplo. Os valores se combinam de muitas formas. Em geral, a iteração, a progressão, por exemplo, são imperfectivos, mas podem aparecer ligados a uma forma que é basicamente `perfectiva`. Isto é, uma forma `perfectiva` pode apresentar nuances aspectuais imperfectivas. As variações que encontramos foram as seguintes:

1. - Iv - Quando a forma apresentou apenas valores imperfectivos;
2. - Pv - Quando a forma apresentou apenas valores perfectivos
3. - P - Forma com valor aspectual básico perfeito;
4. - i Pv - Valor aspectual básico perfectivo com nuances aspectuais imperfectivas e

5. - Pv (Iv) - Valor aspectual básico perfectivo mais valor aspectual imperfectivo no discurso.

Destas, (1) e (2) são as mais numerosas nos dados. As outras são numericamente pouco significativas, mas constituem ocorrências muito interessantes. Veja os exemplos:

C.1- - Iv - VALORES IMPERFECTIVOS

Imperfectivo básico -

- (60)(a)- O piano *tava* lá na parede [Pi-71]
(b)- *falava*
que (+) que a (+) que a língua não *estava* nos
dicionários [FS-94/95]

Imperfectivo

Imperfectivo básico + nuances imperfectivas -

- (61)(a)- quando *chovia* [Pi-44]
Imperfectivo + habitual
(b)- E eu lavava- *acabava de ar- arrumá* a cozinha,
Imperfectivo + habitual, iterativo, terminativo [S(A)-11]
(c)- as galinha já *ia subino* pra pra pra cima, porco,
tudo, né? (+) [S(A)-9]

Imperfectivo + habitual, iterativo, inceptivo, progressivo

Iv. básico + nuances iv. + valor Iv. no discurso -

- (62)- Eu *lia* e *relia* várias vezes [FS-47]
Imperfectivo + habitual + iterativo, durativo

C.2- - Pv - VALORES PERFECTIVOS

Perfectivo básico -

- (63)- Ele *pegô* o jornal,
pegô o jornal de cabeça pra baixo, né? (+)
Diz que ele *afastô* assim
e *disse* [BdL-14/17]
Perfectivo

numericamente é aquela entre o 'valores perfectivos' e 'valores imperfectivos'. Em outras palavras, na maioria dos casos, cada forma verbal traz todos os seus valores aspectuais, ou ligados à 'imperfectividade' ou à 'perfectividade'. Então, estas outras combinações apareceram no nosso quadro de resultados, quase sempre, sob o rótulo de 'outros'.

4.3.4- QUANTO A MODO

Observe:

MODO	CAT. 1 %	CAT. 2 %	CAT. 3 %	CAT. 4 %	CAT. 5 %
Real	60	99	62	92	55
Irreal	40	1	38	8	45

O MODO verbal foi computado pela soma das estruturas marcadas como 'real' ou 'irreal'.

Em relação à distribuição destas estruturas entre as categorias discursivas propostas, tivemos, mais uma vez, a constatação do comportamento uniforme da Cat. 2. A FIGURA traz quase todas as suas estruturas marcadas como 'real'. Isto reforça a idéia de que os eventos seqüenciados aqui são apresentados pelo falante como tendo de fato ocorrido. Este é, no texto narrativo, o local da objetividade, da certeza; em oposição à subjetividade, que pode mais facilmente ocorrer em outro local do texto, em forma de opiniões, desejos, etc.

E constatamos no gênero narrativo, em geral, uma preferência pelo modo 'real'. O 'irreal', em nenhuma das

categorias, supera a quantidade de ocorrências `real`. Onde encontramos a maior tendência ao `irreal` foi na Cat. 5, o Fundão, onde a percentagem de `real` e `irreal` mais se aproximam (55% e 45%, respectivamente).

Explicando o que consideramos para nossa contagem:

Elementos de MODO:

Foram tomadas como `R` as estruturas apresentadas pelo falante como `certas` ou `acontecidas` (`real`). Como `I` consideramos aqueles fatos verbais marcados por valores de `incerteza/ dúvida; possibilidade/ probabilidade; necessidade/ desejo/ temor e ordem/ pedido/ sugestão`. Estes valores da modalidade `irreal` aparecem expressos por várias formas. Temos:

1- como `futuro do presente`: sua forma simples ou perifrástica (*vou fazer*) e o `presente` com este valor:

2- como `futuro do pretérito`: sua forma simples ou perifrástica (*ia fazer*) e o `imperfeito` com este valor. O futuro é o tempo da imprecisão, expressa `incerteza/ dúvida`; `possibilidade/ probabilidade`.

3- `imperativo` - expressão de `ordem/ pedido`.

4- `subjuntivo` - ocorrências na forma de `imperfeito` (subjuntivo); `gerúndio` ou `imperfeito` (indicativo) com este valor (ex: "se *pedia* ele dava/*pedindo* ele dava) - expressão de qualquer dos valores modais.

5- perífrases modais - expressão de qualquer dos valores modais. Exemplos: "*devia sê*"; "*teve que subí*";

"*podê sai*"; "*tentei subí*"; etc.

6- estruturas subordinadas a verbos do tipo:
resolver; achar que; mandar; pedir que/para; caçar jeito de; querer; precisar; convidar; parecer que; sentir que.

7- estruturas condicionais - expressão da 'dúvida/ incerteza' e 'possibilidade'.

8- estruturas alternativas - informação imprecisa, expressão de incerteza. Exemplos:

- (70)(a) - *Cê apanha*
ou *cê acha* o prato. (+) [S(A)-40/41]
- (b) - *Pus* dentro dum saco
ou *amarrei* num pano, sei lá, sabe? [IpC-77/70]

9- perguntas sim/ não - expressam um desconhecimento, uma incerteza ou dúvida perante o fato.

- (71)(a) - /ELE FICÔ TE VIGIANO?/ [J(B)-64]
- (b) - /DESLIGO E PRONTO, SEM NADA?/ [FS-949]

Encontramos ainda algumas estruturas com expressão de valores 'irreal', que não se enquadram nas formas descritas acima. Em (72)(a), o valor modal é devido ao advérbio e, em (b) e (c), pela interrogativa. Veja:

- (72)(a) - *Eu tô quase te mandano à merda, rapaz* (+) [G-49]
(incerteza/ dúvida)
- (b) - *quem sabe é, né?* (+) [FS-150]
(incerteza/ dúvida)
- (c) - *E agora pr'eu descê?* (+)
E agora pr'eu descê
(dúvida/ temor) [J(B)-61/62]

4.4. COMENTÁRIOS SOBRE OS RESULTADOS

1- Identificação da FIGURA

Voltando agora aos Critérios de Identificação da FIGURA Narrativa, estabelecidos por Reinhart, podemos comprovar sua adequação. Os critérios apontados foram, como exposto no início deste trabalho, os seguintes, os mais importantes:

A- Temporais

- Narratividade ou Continuidade Temporal - na FIGURA a ordem de apresentação corresponde à ordem em que os fatos ocorreram.
- Pontualidade - eventos pontuais servem mais como FIGURA do que os durativos, repetitivos ou habituais.
- Compleção - um evento 'completado' serve mais como FIGURA que um 'não-completado'.

B- de Dependência Funcional

- Modalidade - proposições modais e negativas são de FUNDO.
- Causalidade - a causa, numa junção de dois eventos assim relacionados pode ser apresentada como FUNDO, mas não o contrário.

A- Quanto aos Critérios Temporais

A relação entre 'pretérito perfeito' e seqüenciamento cronológico na FIGURA é muito importante. Este tempo verbal proporciona a continuidade temporal, a sucessão dos eventos, havendo correspondência entre ordem de apresentação e ordem de acontecimento.

O aspecto 'perfectivo' ligado a este tempo verbal ilustra o critério da compleção.

A pontualidade também mostrou ser mais característica da FIGURA (neste caso não apresentamos números, mas fizemos uma observação informal dos fatos pontuais e durativos).

C- Quanto aos Critérios de Dependência Funcional

A modalidade e a causalidade foram critérios também comprovados por nossos resultados. A modalidade 'irreal' e as proposições causais foram praticamente inexistente na FIGURA.

2- Interrelação TEMPO e ASPECTO

Pudemos compreender agora como as categorias verbais estão intimamente relacionadas umas às outras. Percebemos, em especial, que as formas temporais com que lidamos usualmente, ou seja, os chamados 'tempos verbais' também apresentam, ligados a eles, valores aspectuais. Estes valores vão depender, em grande parte, do contexto onde as formas verbais estão inseridas para se manifestarem.

As formas de 'pretérito perfeito' e 'particípio passado' trazem o sentido da 'compleção' do fato que representam e, portanto, podem ser consideradas como portadoras da perfectividade. A imperfectividade, por sua vez, aparece em maior quantidade de tempos verbais, como o 'presente', o 'imperfecto', o 'futuro' e outros. O traço comum a estas formas é, então, a 'ausência' do sentido de compleção. Também aparecem, muito mais freqüentemente ligados a estas formas, valores da duração, progressão, repetição e habitualidade, que são, por definição, nuances aspectuais imperfectivas.

O aspecto 'perfeito', como já definido, denota a

relevância presente de um fato passado, ou esta relação de anterioridade envolvendo dois outros momentos (ex: dois momentos passados, um anterior ao outro). No nosso corpus percebemos este aspecto nas formas de 'mais que perfeito composto' e em algumas de 'pretérito perfeito', com este valor.

3- Tempo passado, tempo 'marcado'

A FIGURA narrativa é a categoria discursiva que se caracteriza por uma maior unidade formal. O 'pretérito perfeito' é o tempo verbal que está presente, de forma quase que única, nesta categoria. Então, A FIGURA é a categoria mais fortemente identificável e é este tempo passado que a caracteriza. O 'pretérito perfeito' é a marca da seqüencialidade temporal, da FIGURA narrativa.

O passado como tempo marcado corrobora os resultados obtidos por Bybee(1985), que aponta que a distinção morfológica entre os tempos verbais mais encontrada nas línguas é aquela entre presente e passado, sendo, na grande maioria dos casos, o presente a forma 'não-marcada'.

4- Relação TEMPO e MODO

Na FIGURA, local da objetividade, percebemos o tempo passado ligado à modalidade 'real'. Os fatos são tomados como certos, acontecidos. O 'futuro', não encontrado nesta categoria, é expressão da modalidade 'irreal', juntamente com as formas de 'subjuntivo' e 'imperativo', bem como algumas interrogativas. Aqui a certeza dá lugar à dúvida, à possibilidade, ao desejo e denotam a subjetividade do narrador.

CONCLUSÃO

Afirmamos no início deste trabalho que não se pode descrever satisfatoriamente certos fatos da língua se não se souber como estes fatos ocorrem no discurso. Isto significa dizer que existe uma gramática que só pode ser descoberta se consultamos dados lingüísticos reais. Adotamos esta perspectiva do 'discurso' por ser necessária para o tipo de investigação que pretendíamos fazer e, no desenrolar de nossa pesquisa, percebemos a diversidade e riqueza das questões que surgiram em decorrência exatamente de termos adotado tal perspectiva.

Os dados se mostraram mais complexos que a princípio supúnhamos e tivemos que repensar conceitos gramaticais básicos, como, por exemplo, o de verbo, oração, tempo, modo e aspecto verbais, e as diferenças entre a natureza destes termos e os de modalidade, aspectualidade. E observamos, por exemplo, o uso da repetição, para a expressão de um valor aspectual; que a noção de modo não está apenas no verbo; que são muitas as combinações de valores aspectuais. Para tudo isto foi necessário a observação do contexto extra-sentencial.

Baseamo-nos, para este estudo, no fato de que apreendemos o mundo ressaltando certas coisas em relação a outras e que as gramáticas das línguas refletem sempre, de algum modo, esta pressão cognitiva. Nas línguas, o discurso apresenta níveis distintos que correspondem às dimensões de nossa percepção.

A hipótese central que levantamos foi a de que, no português, como nas línguas românicas em geral, o sistema verbal,

com suas distinções de TEMPO, MODO e ASPECTO, serve, lingüisticamente, para a expressão desta percepção do mundo.

Comprovamos a realidade das noções discursivas de FIGURA e FUNDO na estruturação dos textos narrativos com que trabalhamos. Estas noções espelham as duas dimensões cognitivas básicas. Houve, entretanto, a necessidade de detalharmos um pouco mais este quadro, ampliando-o para cinco níveis ou categorias que percebemos existirem numa narrativa.

Como resultado específico de nosso estudo, vimos que as características formais, encontradas em cada um destes cinco níveis discursivos, revelaram-nos que as categorias verbais de TEMPO, MODO e ASPECTO que focalizamos são de fato recursos utilizados pelo falante, no sentido de organizar seu texto e orientar o ouvinte para que este perceba, basicamente, aquilo que é material narrativo central, ou seja, a linha seqüenciada dos eventos (FIGURA) e aquilo que é informação que amplia estes fatos apresentados, com descrições, comentários, etc (FUNDO). Além destas duas dimensões, a narrativa apresenta ainda o Discurso Direto, elementos subordinados a estruturas da FIGURA (Categoria Intermediária) e um material que é mais periférico, menos relacionado diretamente ao tema narrado (Fundão).

A afirmação do parágrafo acima, de que nosso sistema de TEMPO, MODO e ASPECTO tem a função de marcar os vários níveis discursivos, pôde ser feita, pois estes cinco níveis do texto narrativo apresentaram material formalmente distinto um dos outros em termos destes valores verbais. A FIGURA narrativa apresentou a predominância quase exclusiva de 'pretérito perfeito', e do

aspecto 'perfectivo': esta foi a única categoria onde este valor aspectual predominou. Já o FUNDO se caracterizou pelo 'imperfeito', principalmente, mas apresentou uma variedade maior de tempos verbais, que a FIGURA. O aspecto predominante aí foi o 'imperfectivo'. Quanto às categorias menores, também com maior incidência de 'imperfectivo', observamos que o Discurso Direto é caracterizado pelo 'presente', a Categoria Intermediária, pelas 'formas nominais' e, o Fundão apresenta as percentagens significativas divididas entre 'pret. perfeito', 'presente atemporal' e 'imperfeito'.

Quanto à categoria de MODO, percebemos que, na FIGURA, local dos fatos supostamente acontecidos, o modo 'irreal' praticamente inexistente. Este modo, pela própria natureza da narrativa, não superou em nenhum dos níveis discursivos, a ocorrência de 'real'. A maior expressão de 'irreal' foi no Fundão.

Esperamos ter respondido nossas perguntas iniciais, relativas à hipótese das categorias verbais serem mecanismos discursivos reguladores do fluxo narrativo.

Mostramos que a marcação de TEMPO, MODO e ASPECTO é a maneira que o português tem para fazer a distinção, que é universal, entre o que é a representação seqüenciada de fatos que-supõe-se- terem acontecido, de um lado, e os elementos lingüísticos que recheiam estes fatos com informação suplementar, de outro. E apresentamos nossos resultados que ilustram que acontece uma marcação específica, em termos destes valores verbais, para cada uma das partes de um texto narrativo.

Mostramos que, se a distinção cognitiva é real, há a

marcação lingüística desta distinção. E que o sistema verbal do português, em termos das categorias que estudamos, possibilita a marcação, na nossa língua desta distinção cognitiva.

Finalmente afirmamos que a importância desta diferenciação cognitiva não teria sido possível ser descoberta se não tivesse sido utilizado o tipo de dados que utilizamos, ou seja textos reais de língua oral.

NOTAS

(*1) "We do not pull words out of a catalog because of their suitability for a particular syntactic construction, but rather the categorial form which a word assumes is a reflex of its function in a particular rhetorical context. To put it another way, categoriality does not pre-exist discourse, but is imposed on forms by discourse." (Hopper 1987:6) Obs: Todas as traduções destas citações são de minha responsabilidade.

(*2) "They point out, for example, that the Latin 'perfect' and Greek 'aorist' provide the basic narration, that is, the presentation of the central sequential events, whereas the 'imperfect' in these languages is the verb form of description of attendant circumstances. (Bennet 169-70; Googvin 268-72; Moore 74; Schvyzer 277)" (Wallace 1982:208)

(*3) Estaremos usando **FIGURA/FUNDO**, em maiúsculas, para as noções lingüísticas discursivas e **figura/fundo**, em minúsculas, para as noções espaciais, ou em seus sentidos generalizados, que abrangem os dois campos anteriores.

(*4) Todo o material com que trabalhamos foi disposto visualmente de forma a expressar a distinção entre **FIGURA** e **FUNDO**. Encontramos cinco níveis discursivos, que serão explicitados no momento oportuno. As sentenças de cada um destes níveis, ou categorias discursivas, aparece na página sempre a partir de uma determinada coluna, da esquerda para a direita. Neste momento, apenas mostraremos, em cada exemplo, onde estão os elementos que estamos discutindo.

(*5) Tanya Reinhart ressalta nesse, ponto de sua análise, que há outros tipos de **FUNDO**- dos quais trataremos também nesse trabalho- onde existe material temporal. E o caso de flashbacks e sub-enredos. Estes não se comportam desta maneira, isto é, não subjazem a **FIGURA**, pois as situações existentes ali estão localizadas num eixo temporal distinto daquele definido pelo enredo central; são geralmente eventos ocorridos anteriormente a este enredo mas que são, de alguma maneira, significativos a ele.

(*6) "If this distinction is indeed marked linguistically, this suggests that it is 'psychologically real' or that it reflects, indeed, properties of the organization and the perception of language." (Reinhart 1982:18)

(*7) "It's noticeable that the clauses not marked with *-lah* are incidental and supportive, or denote events which occur 'off-stage'; they are not skeletal, kinetic events, but are essentially subsidiary ones." (Hopper 1979:45)

(*8) "... the basic framework is quite possibly Universal, and languages differ among one another according to the degree of overtness with which the various functions are indicated, and the selection of one or more of the functions for special

morpho-syntactic marking. . . "(Hopper 1979:61)

(*9) O termo 'perfeito' aqui se refere a uma categoria aspectual e não deve ser confundido com o nosso tempo verbal 'pretérito perfeito'. Voltaremos a isto mais tarde, quando apontarmos a necessidade de estarmos atentos quanto à terminologia utilizada nos estudos das categorias verbais.

(*10) "... what determines that a construction or morpheme in a given language might be a manifestation of a given grammatical category is its expression of a certain 'core' meanings which are typical of that grammatical category. From the fact that it expresses these core meanings we can predict that it will also express other related (and more peripheral) meanings, though not necessarily all of the same ones as does the 'Perfect' in another language. Our position is that we can come closer to an understanding of aspect by taking a cross-linguistic perspective; the important issue is not whether a given grammatical category in a language 'should' be labelled 'Perfect aspect', but rather the extent to which the semantic space which it occupies overlaps in significant ways with that occupied by a given grammatical category in another language" (Li, Thompson e Thompson 1982:41)

(*11) Adotamos o termo 'fato verbal', de acordo com Costa(1990) e, às vezes, 'situação', de acordo com Comrie(1976) quando nos referimos ao elemento de natureza verbal, de uma forma indistinta, isto é, sem menção de seu caráter eventivo, estativo ou processual.

(*12) Para distinguir o processo flexional (objeto de sua análise) do derivacional a autora diz que o primeiro tem uma alta generalização lexical, ou seja, pode ser aplicado a praticamente todos os radicais das categorias maiores como nome e verbo, enquanto o processo derivacional é muito mais restrito semântica, fonológica ou arbitrariamente. Também, os grupos de contrastes gramaticais (flexionais) contém um número pequeno de membros e, só sob circunstâncias especiais, aceitam novos elementos, diferentemente dos grupos lexicais dos nomes e verbos, que são amplos e abertos a novos membros.

(*13) "Hundreds of inflexional markers that fit the definition of mood were found to occur in the languages of the sample. In fact, such markers are the most common type of inflection on verbs. However, inflectional markers of obligation, permission, ability or intention are extremely rare in the sample and occur only under specific conditions." (Bybee 1985:166)

(*14) Novamente esclarecemos que este termo não se refere ao nosso 'pretérito perfeito'. Perfeito é mais usualmente, não sempre, considerado uma categoria aspectual, juntamente com o perfectivo e o imperfectivo. (Nosso 'pretérito perfeito' tem, quase sempre valor aspectual 'perfectivo' e o 'aspecto perfeito' é representado mais significativamente em nossa língua pelo 'pretérito mais que perfeito', como veremos.

(*15) Identicidade no sentido de Haiman(1980)e (1983). (Givón(1985)

apud Harman(1980))

(*16) Na língua inglesa, a nuance significativa de 'relevância corrente' fica nítida quando observamos o 'present perfect' em oposição ao 'past simple'. Ex:

- a) I've broken my arm.
- b) I broke my arm.

Ambas as frases significam 'quebrei meu braço', entretanto (b), que tem a forma 'perfeita', traz a implicação de que 'meu braço ainda está quebrado', o que não acontece em (a). Nessa língua, uma frase no 'present perfect' só pode ter a especificação de tempo se esta referência incluir o momento presente, como com adverbiais do tipo 'recently', 'lately', 'this morning', etc ('recentemente', 'ultimamente', 'esta manhã').

(*17) Observemos alguns exemplos que ilustram esta dificuldade; desde interrogações como:

- (a) Bom, mas cum' é que eu vô descobri onde o Fernando Sabino mora, né? (FS-139/140)
- (b) O que é que há? (G-52)

até orações do tipo das seguintes, onde vemos mais claramente que estes elementos são enfáticos:

- (c) Um dia, (+) o que é interessante nessa história toda é que voltávamos do catecismo (+) mais tarde (Po-1/2)
- (d) O caso é que eu (+) fui- planejei (+) procurá-lo lá no Rio, né? (+) (FS-4/5)
- (e) Foi duas vezes que eu (+) tomei assim (+) (S(A)-1)
- (f) Foram as únicas coisas do congresso que eu fui (FS-78)
- (g) Única coisa que mamãe pediu que não deixasse em Cuiabá era a santa ceia (Idc-23/24)
- (h) Única coisa que nós trouxemos também foi a- foi o piano, (+) foram (+) as máquinas de costura, as duas máquinas, (+) /SEI/ o piano, (+) só. (Idc-27)

Esta é uma questão complexa, que exigiria todo um estudo à parte. Não podemos aqui nos aprofundarmos tanto na investigação destes casos. Optamos então por uma catalogação mais uniforme destes elementos como 'não-verbais'. Esta interpretação é discutível, principalmente quando se trata, não de é que, mas de suas variações flexionadas, ou quando há maior distância entre as palavras que formam esta expressão, isto é, quando material lingüístico se interpõe entre é e que. É que, quando ocorre junto, parece já mais cristalizado na língua como um elemento fixo.

(*18) Houve estruturas que apresentaram um pouco mais de dificuldade quanto a qual categoria pertenciam. Dentre estas estão:

1. Orações Temporais- Observamos que há dois tipos de temporais. Elas se distinguem do ponto de vista da estruturação da narrativa. Há aquelas que simplesmente localizam a predicação principal na linha do tempo e há as que avançam a estória, pois trazem um evento. Exemplos:

I. (a)- Quando eu tinha nove anos de idade (Pr-1)

(b)- Há uns anos atrás (G-2)

II. (c)- Aí na hora que ela bateu o olho assim na (+)
santa ceia (IdC-105)

As estruturas em (I) foram catalogadas como pertencentes ao FUNDO e as do tipo da de (II) como pertencentes à FIGURA. (Observe os tempos verbais característicos destas categorias).

2. Locuções Separadas por Material Lingüístico- Estando a primeira oração na FIGURA, catalogamos a segunda na categoria intermediária, onde há mesmo grande incidência de formas nominais do verbo. Assim:

Mas ele ficô assim totalmente atordoado, assim,
bateno a mão na mesa, assim, (FS-108/109)

3. Estruturas Resumidoras- Este tipo de estrutura busca resumir um trecho específico da narrativa ou, às vezes, toda a narração. Pode introduzir ou finalizar o trecho que resume. Ex:

Marta cerrute, (+) ela já morreu, (+)
me deu um beliscão aqui
de torcê meu braço. (+) (IdC-156/158)

Estas estruturas foram catalogadas como pertencentes ao FUNDO pois não correspondem cronologicamente à seqüência dos eventos. São semelhantes às 'repetições'.

4. Estruturas Alternativas- Indicam que o narrador não sabe com exatidão como se deu um dos eventos. Observe:

Pus dentro dum saco
ou amarrei num pano, sei lá, sabe? (IpC-77/78)

Apenas um destes eventos de fato ocorreu. Como não podemos saber qual deles, optamos por deixar a ambos na FIGURA.

(*19) Segundo Tannen(1985), nas conversações por ela analisadas, onde há este envolvimento, observou-se que:

1. mais estórias foram contadas;
2. as estórias eram mais prováveis de serem sobre

experiências pessoais;

3. o ponto central da estória é mais provável se referir a sentimentos sobre estas experiências;

4. tendência à representação, à dramatização.

(*20) "If an event has not yet occurred, its terminal boundary is not yet specified, even if its initial boundary is already envisioned"

While English does not have a unified morphological category of 'imperfective', one may illustrate the various semantic categories that most commonly fall into the imperfective grouping as follows:

- a. Durative: **He is working** (present)
He was working (past)
- b. Habitual: **He always works**
- c. Repetitive: **He works** on and off
- d. Future; **He will work.** (Givón 1984:277)

BIBLIOGRAFIA

- (01)- BYBEE, Joan L.. *Morphology*. John Benjamins P. Co., Amsterdam /Philadelphia, 1985.
- (02)- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
- (03)- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 1970.
- (04)- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora Ltda, 1985.
- (05)- CASTLHO, Ataliba T. de. *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília, Fac. de Filosofia, Ciência e Letras de Marília, 1968.
- (06)- CHATTERJEE, Ranjit. 'On Cross-Linguistic Categories and Related Problems'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 335-345. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (07)- CHVANY, Catherine V.. 'Backgrounded Perfective and Plot Line Imperfective: Toward a Theory of Grounding in Text'.
- (08)- _____. 'Foregrounding, "Transitivity", Saliency (in Sequential and Non-Sequential Prose)'. In: *Essays in Poetics*, Volume 10, Number 2, 1-27. G.B., University of Keele, 1985.
- (09)- _____. 'Verbal Aspect, Discourse Saliency, and the So-Called "Perfect of Result"'. In: *Slavic Verbal Aspect in Discourse (Pragmatics and Beyond)*. John Benjamins.
- (10)- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge, Cambridge University Press, 1976.
- (11)- COSERIU, Eugênio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1980.
- (12)- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O Aspecto em Português*. São Paulo, Contexto, 1990.
- (13)- DUTRA, Rosália. 'Algumas Considerações sobre o Estudo do Português Oral'. 1991. (Mimeo)
- (14)- _____. 'The Hybrid S-Category in Brazilian Portuguese: Some Implications for Word Order'. In: *Studies in Language*, 11.1, 163-180. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 1987.
- (15)- GILI Y GAYA, Samuel. *Curso Superior de Sintaxis Espanola*.

Barcelona, Bibliograf, S.A.. 1969. (1a ed. 1964)

- (16)- GIVON, T.. 'Iconicity, Isomorphism and Non-Arbitrary Coding in Syntax. In: *Iconicity in Syntax*, 187-219. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1985.
- (17)- _____. 'Tense-Aspect-Modality'. In: *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, 269-320. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1984.
- (18)- _____. 'Tense-Aspect-Modality: The Creole Prototype and Beyond'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 65-87. Ed. by Paul J. Hopper, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (19)- HOPPER, Paul J.. 'Aspect and Foregrounding in Discourse'. In: *Syntax and Semantics*, Vol. 12. N.Y./S.F./L., Academic Press, 1979.
- (20)- _____. 'Aspect between Discourse and Grammar: An Introductory Essay for the Volume'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 3-18. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (21)- _____. 'Emergent Grammar and the A Priori Postulate'.
- (22)- _____. 'Some Observations on the Typology of Focus and Aspect in Narrative Language'. In: *Studies in Language*, 3.1, 37-64. Amsterdam, John Benjamins B.V. Publisher, 1979.
- (23)- _____. 'The Emergency of Grammar'. Sunny Center at Binghampton, 1987. (Mimeo)
- (24)- _____ e THOMPSON, Sandra A. 'Transitivity in Grammar and Discourse'. In: *Language*, Volume 56, Number 2, 251-299. Published by The Linguistic Society of America. 1980.
- (25)- JESPERSEN, Otto. *The Philosophy of Grammar*. London, Unwin Brothers, Limited, 1925. (1st published 1924)
- (26)- KALMAR, Ivan. 'The Function of Iniktitut Verb Modes in Narrative Texts'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 45-64. Ed. By Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (27)- LABOV, William. 'The Transformation of Experience in

- Narrative Syntax'. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia, University of Pa. Press, 1972.
- (28)- LI, Charles N., THOMPSON, R. McMillan e THOMPSON, Sandra A. 'The Discourse Motivation for the Perfect Aspect: The Mandarin Particle *le*'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 19-44. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (29)- LYONS, John. *Introduction to Theoretical Linguistics*. C./L./N.Y./M., Cambridge University Press, 1977. (1st ed. 1968)
- (30)- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- (31)- MONVILLE-BURSTON, Monique e WAUGH, Linda R.. 'Aspect and Discourse Function: The French Simple Past in Newspaper Usage'. In: *Language*, Volume 62, Number 4, 846-877. Published by The Linguistic Society of America. Baltimore, Waterly Press Inc., 1986.
- (32)- OCHS, Elinor. 'Transcription as Theory'. In: *Developmental Pragmatics*. Ed. by Elinor Ochs and Bambi B. Schieffelin. N.Y., Academic Press, 1979.
- (33)- PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis, Editora Vozes LTDA, 1973. (1a ed. 1972)
- (34)- _____. *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo, Ática, 1986.
- (35)- RAFFERTY, Ellen. 'Aspect in Conversational Indonesian'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 65-87. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (36)- REINHART, Tanya. 'Principles of Gestalt Perception in the Temporal Organization of Narrative Texts'. A paper for *Synopsis No 4: "Representation in Fiction"*. Telaviv, 1982.
- (37)- SCHIFFRIN, Deborah. 'Tense Variation in Narrative'. In: *Language*.
- (38)- SOARES, Maria Aparecida B. P.. *A Semântica do Aspecto Verbal em Russo e em Português*. Rio de Janeiro, UFRJ; 1984. (Mimeo) - Tese de doutorado.
- (39)- TANNEN, Deborah. 'Relative Focus on Involvement in Oral and Written Discourse'. In: *Literacy, Language, and Learning*:

The Nature and Consequences of Reading and Writing, 124-147. Cambridge/London/N.Y./N. Rochelle/Melbourne/Sidney. Cambridge University Press, 1985.

- (40) - TIMBERLAKE, Alan. 'Invariance and the syntax of Russian Aspect'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 305-331. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- (41) - TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O Aspecto Verbal no Português: A Categoria e sua Expressão*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985. (1ª ed. 1981)
- (42) - WALLACE, Stephen. 'Figure and Ground: The Interrelationships of linguistic Categories'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 201-223. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.

APENDICE

NARRATIVA No 1 - GRINGO

01. Tô contano- eu tava contano pra
você que
02. há uns anos atrás. (+)
03. eu (+) passei umas férias em Belorizonte (+)
04. e eu tava muito branco. (+) Branco.
branquelo, né? (+)
05. Aí fui pro Rio. (+)
06. Cheguei lá em pleno verão,
todo mundo queimado de praia, (+)
aquele negócio todo, aquele pique todo
de praia e eu branquinho, né? (+)
07. E eu nesse dia eu tava sozinho lá na
praia, (+) cabeça branca assim. (+)
08. Aí chegou um... daqueles malandros lá de praia. (+)
aqueles caras lá, (+)
09. que eu manjo, (+)
10. falô assim
`sir, I speak English.` (+)
11. Vô falá palavrão, ein? (+) /UHN/
12. Vai sai palavrão. (+)
13. /NUM TEM IMPORTÂNCIA./ (riso)
14. Eu falei
15. `olha ô cara, (+) cê tá me achano
16. que eu sô gringo? (+)
negócio de speak English pro meu lado?` (+)
17. /MAS PORQUE CÊ TAVA AQUI EM
BELORIZONTE, UNS DIAS. (+)
18. TAVA BRANCO?/
19. Passei aqui umas férias. /AHN/
20. Estava (+) branco, sem praia. /ANHAM/
21. Cheguei lá branquinho. (+) /ANHAM/
22. E fui pra praia,
23. sentei ali na minha toalha, direitinho.
24. tava ali quieto, no meu canto.
aqueles malandros lá de praia, aqueles

- caras que ficam cercan-
25. /QUE FICAM SÓ SACANO O POVO.NÉ?/
 26. É, eles sacam
 27. que é gringo. né?
 28. e aí (+) veio lá querer
 29. vender coisas
 30. que sei lá têm milhões de mutretas. né?
 31. Chegou pra mim
 'Ó sir, I speak English.'
 32. Eu falei
 33. 'olha, (+) cê tá muito enganado comigo,
 34. num sô gringo não.
 35. Cê tá me achano com gringo,
 36. eu tô branquinho assim,
 37. mas eu num sô gringo não.
 38. Eu sô daqui (+)
 39. e tenho muito mais idade que você
 40. e sei de todas essas malandragens daqui.
 41. Quê que cê tá quereno, ô rapaz?' (+)
 42. 'Ah, desculpe, tal, né, eu... tio.'
 43. Aí me chamô de tio.
 44. Falei
 45. 'olha, (+) eu num sô seu tio coisa nenhuma, (+) (riso)
 46. num sô seu parente,
 47. num sô nada seu, (+) viu? (+)
 Mas tudo bem. Tudo bem. (+)
 48. Agora cê tá perdeno seu tempo comigo, tá? (+)
 49. Eu tô quase te mandano à merda, rapaz.'
 50. Falei pra ele. (+)
 51. Falô
 52. 'o que é que há?
 53. Num vai brigá comigo não.'
 54. E saiu aquele -quele jeitinho de malandro pilantra
 né? (+)
 55. /UNHUM (+) E ELE NUM FEZ MAIS
 NADA COM CÊ NÃO.
 56. FOI EMBORA?/
 57. Não. Saiu. Saiu. Saiu.

58. Agora quando cheguei lá no Rio,
 59. tava branquinho, né?
 60. que tô aqui em Mi- Belorizonte,
 /UNHUM/ branquinho,
 61. cheguei lá
 todo mundo queimado de praia, todo
 mundo naquele- (+)
 62. Ai cheguei no meio de meus amigos lá, né? (+)
 Ai Arlete, uma grande amiga minha, (+)
 63. que Nilce até conhece, (+)
 `ô Antônio,`
 64. me abraçô,
 65. me beijô, (+)
 66. falô
 67. `ô gente, tô beijando,
 68. abraçando um gringo (+) mineiro, um gringo mineiro.`
 (+) (riso)
 69. Falei
 `olha...`

NARRATIVA No 2 - JACARÉ (A)

01. ...pra fazê casa, (+) /UHN/ entendeu?
 /SEI/
 02. fazê casa. (+)
 03. Então quando eles tiram (+) o adobo
 04. fica aquele buraco (+) grande, né?/AHN/
 muito grande.
 05. Quando o rio enche (+)
 06. sai
 07. e represa (+) pra tudo quanto é canto,
 cê sabe disso, né? (+)
 08. Depois (+) ele esvazia,
 09. vai esvaziando,
 10. e aquelas é... onde enche
 11. fica cheio, (+)
 12. porque num esvazia, né ?
 13. continua cheio. (+)

14. E uma dessa (+) um jacaré (+) sai assim zanzano. né?
15. andano assim na água. (+)
16. ficô ali dentro (+) do poço.
17. E eu saí (+)
18. pra pegá lenha pra minha mãe. (+)
19. E lá meu padrasto lá tinha dois
cachorro grande. (+)
20. Eu saí
21. eles saíram atrás de mim. (+)
22. Quando- a eles viram né o ja- os dois olho do jacaré
assim, a cabeça dele pra fora, dentro do do poço, só
a cabeça.
23. A eles (+) foram em cima. (+)
24. E o jacaré fundô,
25. mas ele num tinha
26. por onde fundá.
27. pra onde í. (+)
28. Aí ele vinha outra vez,
29. e eu passei mão num pedaço de pau. (+) sabe?
30. Quando ele vinha outra vez
31. eu metia o pau nele.
32. Aí ele ía pra saí,
33. o cachorro ía em cima dele.
ele em cima d'água (+)
34. e eu metia o pau.
35. Ele vinha outra vez pra saí. né? (+)
36. o cachorro ía em cima (+)
37. e eu metia o pau.
38. Aí eu acabei matano o jacaré.
39. /CÊ MATÔ, LILA?/
40. Matei. (+) Jacaré grande. sam? (+)
Quês bocão des'tamãe!
- Aí peguei-
41. /GENTE, MAS O PAU DEVIA SÊ
GROSSÃO./
Ele grande mesmo.
42. Mas o cachorro também, os dois né era

21. que é a coisa mais bonita.
22. Lá o povo lá é ig- ignorante.
23. então costumava pegá
24. pra enfeitá a casa.
- (interrupção)
25. Bom, aí (+) eu vi-(+) quando eu vi aquele pé, Adriana,
26. que tava branquinho...
27. que lá eles costumam pegá o cacho (+)
- da uva /M: DA FRUTINHA/
- Não, cacho da fruta, né? tudo
28. leva pra dentro de de de-
29. pra enfeitá.
30. Dependurá assim na parede.
31. porque é cacho, né? (+) /SEI/
32. Dependura assim (+)
33. pra enfeitá.
34. /ELA SECA?/
35. Não, ela é muito bonita
36. /ENQUANTO ELA TÁ VIVA?/
37. É, enquanto ela tá viva. (+)
38. Pra enfeitá. (+)
39. Aí eu fui cega, mia filha, no no no pé.
40. Quando eu vi, (+)
41. Eu vi só aquele negócio
42. que vinha assim sh sh sh sh sh sh sh,
43. que eu olhei,
44. era o jacaré, (+)
45. que vinha atrás de mim...(+)
46. porque ele tinha botado...
47. Porque o o o jacaré ele bota na areia.
48. (Diz que) lá o pessoal fala assim
49. `fulano fica de olho assim
50. pareceno um jacaré`.
51. Porque ele fica vigiano, né? /UHN/
52. Agora a areia que- (+) o calor da
- areia que choca, né?
53. /QUE CHOCA O OVO./

54. que vira os filhote.
55. E ele fica vigiano
56. pra nada num mexê, (+) tá entendeno?
57. E eu fui daquele lado. né? (+)
58. e ele pensô
59. que eu ía pra lá.
60. Ah mia filha, eu joguei a lata lá longe
e ó...(gesto) no pé.
61. E agora pr'eu descê? (+)
62. E agora pr'eu descê
63. porque ele ficô lá, né? (+)
64. /ELE FICÔ TE VIGIANO?/
65. ficô lá de baixo (+) um tempão. (+)
66. Aí eu comecei quebrá (+) galho de coisa
67. e jogá por cima dele (+) né? (+)
68. pra ele podê saí, né? (+)
69. /É A JACARÉ FÊMEA, NÉ LILA?
70. É A MÃE, NÉ?/
- Com muito custo- ein?
71. É aquela de- aquela
72. que tem- que eles falam
73. que é o jacaré de papa amarela. (+)
entendeu? /UHN/
74. Porque tem um
75. que é tudo escuro de uma vez
76. e tem um
77. que é papa amarela, né? (+)
78. é desse daí. (+)
79. Com muito custo ele saiu. (+)
80. Aí também num quis mais
81. sabê de de de uva mais não.
82. Fui direto na água, né?
83. Cheguei em casa
84. Ainda tomei uma surra. (+) (riso)
85. /PORQUE CÊ ATRASÔ MUITO?/
86. Porque eu fiquei toda vida lá, né?

NARRATIVA No 4 - SURRA (A)

01. Foi duas vezes que eu (+) tomei (+)
assim.
- Uma vez-
02. que lá nós lavávamos prato na beira do
rio, né?
16. Foi um belo dia, mia filha, o rio encheu,
17. tava correno a água (+)
18. e a corrente da água levou o prato mesmo. (+)
Criso) E eu...
19. /MAS FORA ALI ONDE QUE ERA PRA
LAVÁ?/ Ein?
20. /SE NUM LAVASSE ALI,
21. ONDE QUE LAVAVA?
22. A gente lavava em casa, numa gamela, né?
23. /AHN. LEVAVA A ÁGUA, NÉ?/
24. Panhava água no rio,
25. é, lavava em casa, na cozinha, na
gamela grande. (+) /UNHUM/
26. Ah Adriana, ela me pôs dentro da água, dentro do rio,
da água (+)
27. /M: PRA PEGÁ O PRATO/
28. pra ca- procurá o prato. (+)
/QUÊ ISSO? RIO CHEIO?/
o rio cheio. (+)
29. Falô
30. `Agora cê pe- vai pegá o prato.`
31. /M: ERA UM PRATO SÓ?/
32. Era um prato só. Desses prato de
antigamente.
33. Era aqueles prato de alumínio, né?
34. que num tinha louça, né? (+)
35. Era aqueles prato de- leve. (+) /UNHUM/
né? (+)
36. `Agora cê vai procurá o prato.` (+)
37. E ela na beira do rio me esperano lá.

- (+) chicote na mão.
38. `Vai procurá o prato.
39. Cê tem que achá o prato.
40. Cê apanha
41. ou cê acha o prato.' (+)
42. Aí eu resolvi
43. apanhá
44. porque num achava o prato mesmo, né? (+)
45. e eu num aguentava,
46. já tava ficano roxa (+)
47. de ficá alí, né? (+)
48. A água co- correno
49. e eu tava ficano roxa
50. de ficá segurando no no (+) naquelas
arvorezinha
51. que tem na beira do rio. /SEI/ saran,
aquelas coisa
52. pra (+) num rodá também, né? (+)
53. /M:PROCURÁ O PRATO./
54. E eu já tava ficano roxa. (+)
55. Aí eu saí, né? (+) de dentro da água, né? (+) (riso)
56. Entrá no bolo (+) também.
57. /FOI COM A VARA TAMBÉM. LILA?/
58. Foi com a vara.

NARRATIVA No 5 - SURRA (B)

01. Da outra vez, Adriana, (+) eu tomei uma
surra, sabe com o quê? de galinha
morta. (+) (riso)
02. Lá em casa minha mãe tinha muita
galinha de angola (+)
03. e galinha de angola eles falam
04. que bota seis meses (+)
05. e seis meses num bota, (+) né? (+)
06. num põe. (+)
07. E abandona o ninho. (+)
08. E ês num põe em casa não.

41. fiquei com nojo. (+)
 42. E ela num guentô,
 43. morreu. (+) /NOSSA, LILA!/
 44. E isso meu irmão viu, né? (+)
 45. Aí ela falô
 46. 'ó gente, essa galinha tava boa, (+)
 47. cantando aí agora mesmo.
 48. Essas galinha de lá canta, né? (+)
 49. E o meu irmão falô (+)
 50. que eu tinha passa- passado pimenta no rabo
 dela. (+)
 51. Ela pegô a galinha pelos pés, (+)
 52. virô assim, pelos dois pés, (+)
 53. e eu corria na frente e ela atrás de
 mim com a galinha. (+)

(interrupção)

54. Ah mia filha do céu, (+) aonde pegava a
 cabeça da galinha assim nas minhas
 costas, né? (+) aqui assim, aqui assim.
 55. ficô tudo cheio de (+) calombo.

NARRATIVA No 6 - IDA PRA CUIABA

01. Então, (+) quando minha mãe ficô com ele, (+)
 02. ele num quis eu (+) /É?/
 03. Nós éramos um casal, eu e o menino. /SEI/
 04. O menino ficô, (+)
 05. ajudô, né? (+) mas eu não.
 06. Falô
 07. que num queria eu. (+)
 08. Aí eu fiquei com minha vó. (+)
 /SUA VÓ LÁ MESMO EM BROTAS?/
 Minha vó- é, em Brotas.
 09. E minha mãe morô em Quatro Vintém com ele.

(interrupção)

10. Mas nessa época, sabe, Adriana, (+)
 a a (+) Anita (+) e Alice já eram
 professoras lá em Brotas

11. há ó... muito tempo.
12. Depois (+) veio Dona Amelinha.
13. Aí Alice casô. (+)
14. Aí ficô Carmem no lugar da Alice. (+)
15. /CARMEM FORMÔ
16. E FOI PRA LÁ./
17. Pois é. a Anita ainda foi minha professora,
18. ainda es- estudei um pocadinho com Anita. (+)
19. Eu sei que foi uma- (+) um troço.
20. Aí o dia que (+) minha vó- (+) dona Amelinha mandô
21. chamá minha vó
22. e falô (+)
23. se eu num podia vim pra dona Palmyra. (+)
24. /UNHUM/ né?
que D. Palmyra tava precisano, né?
(+) duma pessoa em casa, né? uma menina em casa, uma mocinha. (+)
25. Aí ficamo combinado assim
26. pra mim vim. (+)
27. Aí minha vó foi pra roça
28. e eu fiquei lá. (+)
29. Eu tava esperando.
30. Porque (+) Ada (+) casô
31. e morava pr'aquele lugar
32. e o marido dela tinha um caminhão (+)
33. que fazia navegação. (+)
34. Ele passava por Brota, né?
35. ía pra Cuiabá.
36. Nesse tempo cê passava dia inteiro (+) viajano
37. pra chegá de Brota-
38. /M: DE BROTAS A CUIABÁ ERA O DIA TODO./
39. Era o dia inteiro.
40. Saía ônibus de manhã, aquele ônibus

- correio, né? (+)
41. Saía acho que seis , sete hora,
42. que passava lá por Brotas seis hora.(+)
43. /M: HOJE EM MENOS DE UMA HORA
VOCÊ VAI./
- Ah, mas o dia inteiro.
44. Eu sei, mia filha que o caminhão- escuta só, o
caminhão passô por lá... (+)
45. Bom, mas lá a gente num tem hora,
né? (+) /UNHUM/
46. Calculava assim é pelo sol. (+) ta
entendeno? /UNHUM/
47. Quando o sol tava bem aqui
48. era meio dia. (+)
49. Não, fora de brincadeira, bem aqui e
meio dia,
50. aí aqui é num sei que hora,
51. aí aqui- tava começano a entrá,
52. aí pronto, era seis hora.
53. /M: A SOMBRA- (+) A GENTE PISANO
NA SOMBRA DA GENTE
ERA MEIO DIA./
54. O sol tava começano a entrá,
55. pronto, já é seis hora,
56. todo mundo já ia caçano jeito
57. de janta,
58. ficava sentado na porta
59. conversando, né? com o vizinho,
60. pra fazê hora
61. pra dormí,
62. porque luz num tinha mesmo. né? /UNHUM/
63. Era luz de querozene, luz de (+)
64. azeite. (+)
65. Punha aquele paviozinho dentro do
azeite,
66. cendia, né?
67. ficava ali. (+)

(interrupção)

68. Aí Adriana. (+) esse dia o marido da Ada passô por lá. (+)
69. Dona Amelinha mandô
70. me chamá. (+)
71. Aí eu fui,
72. fechei a casinha toda lá pra vó, né?
73. e fui. (+)
74. Peguei minhas roupinha
75. que tinha,
76. nem mala num tinha, coitada, pobre! (+)
77. Pus dentro dum saco
78. ou amarrei num pano, sei lá, sabe?
79. fui embora (+) c'ô marido da Ada. (+)
80. Fui cedo ainda. (+)
81. O caminhão tava cheio de gente, né?
82. Então tinha uma (+) meio tantan com o marido. (+)
83. a criança chorava
84. ele falava assim
85. `olha, (+) ele qué
86. mamá, (+)
87. dá de mamá pra ele.´ (+)
88. Aí ela tirava, né?
89. arrumava a criança,
90. a criança mamava
91. até largá. (+)
92. Aí largava.
93. Aí ele falava assim
94. `ó, cabô,
95. põe pra dentro.´
96. Aí - (riso) Foi sim.
97. /M: ESQUECIA
98. DE GUARDÁ./
99. que ela pegava e...
100. Eu sei que nós chegamos lá em em Cuiabá de noite. (+)
101. As luz tava toda acesa, né?

102. e eu achei aquilo (+) tão diferente, né?
 103. /CÊ NUNCA TINHA IDO A CUIABÁ?/
 104. Nunca tinha ido a Cuiabá, né?
 105. achei aquilo tão diferente, tudo bonito, né?
 106. As casas já estavam tudo fechado também, lá em Cuiabá, /UNHUM/
 107. quando nós chegamo. (+)
 108. Eu sei que (+) marido da Ada pegô- (+) pegô na minha mão, imagina. (+)
 109. Parô o caminhão assim na porta,
 110. pegô na minha mão,
 111. me levô lá, (+)
 112. bateu na porta...(+)
 113. já tava tudo fechado
 114. daí cê vê (+) tanto
 115. que viajô. /M: É/
 116. Já tava tudo fechado, né? (+)
 117. Bateu na porta,
 118. seu Antônio veio,
 119. abriu,
 120. mandô
 121. chamá dona Palmyra,
 122. veio.
 123. eles me pegaram lá.
 124. Aí que ele foi pra casa dele. (+)
 125. Assim- /UHN/ assim que eu fui.

NARRATIVA No 7 - MALDADE

01. /SEU IRMÃO ERA MUITO PEQUENININHO AINDA?/
 02. Além de sê pequeno, Adriana,
 03. ele era (+) uma criança- ele era defeituoso da perna.
 04. Ele custô muito prá andá
 05. e ele ficô com a perna assim. (+) no joelho, (+) em cima né? /SEI/

06. E aqui em baixo ele não assenta o
calcanhá no chão.
07. Ele anda só com a ponta do pé,
assim. (+) entendeu (+) /UNHUM/ com'ê
que é? (+)
- Tanto que uma vez-
08. Porque lá qualquer criança de sete anos
nada (+)
09. um um um filho de um senhor (+) lá do correio pegô
ele,
10. pôs na canoa
11. e soltô ele lá no rio, (+) lá no meio. (+)
12. Mas nesse meio tempo chegô um senhor na beira do rio
13. e conheceu ele.
14. Falô
15. 'gente, aquele é filho de dona Maria.' (+)
16. entrô na canoa,
17. foi lá,
18. buscô- tirô ele d'água, né?
19. chegô e virô ele de cabeça pra baixo. (+)
20. Aí levô ele lá em casa (+)
21. e ele falô
22. que foi ele.
23. Aí minha mãe passô mão numa mão-de-pilão.
24. Minha mãe foi dentro da casa dele com a mão-de-
pilão. (+) /É. LILA?/
25. Falô
26. 'se meu filho morresse,
27. eu matava ou você ou seu filho aqui. (+)
28. /NOSSA! ELA É BRAVA, EIN?
29. ELA É BRAVA./
30. /M: FEZ DE PREPÓSITO (+)
31. PRA CANOA VIRÁ./
32. Fez de propósito, Adriana,
33. porque ele sabia
34. que o menino era aleijado. (+)
- / GENTE! / /M: POIS É./

35. Porque ele anda é assim. Adriana. (+)
 assim. esses dois joelhos... (+) /SEI/
 36. Ele é... anda assim. (+) entendeu? (+)
 37. Os dois joelho é grudado.
 38. então o calcanhá num assenta.
 39. Ele anda é com a ponta do dedo. (+)
 40. Isso ele num faz movimento.
 41. /É MALDADE, NÉ?/
 42. Fez por maldade.
 43. /M: É MALDADE./

NARRATIVA No 8 - PIANO

01. Quando eu fui à Cuiabá- (+) quando eu fui à Cuiabá
 esta esta última vez. (+) /UHN/
 02. eu fui em casa de minha prima. Mimi. né? (+) /UHN/
 e o piano de lá (+) estava- (+)
 03. Ela comprô este piano
 04. pra filha estudá.
 05. Depois a menina não quis mais
 06. continuá o estudo
 07. e o piano ficô parado. (+)
 08. E o piano estava (+) empenado a parte
 da frente (+)
 09. onde tampa, né? /SEI/
 aquela par- aquela madeira assim de-
 10. passa bem na frente. (+)
 11. a madeira tava assim. (+) torta, toda
 empenada. (+) /UNHUM/
 12. Tanto que na hora que fechava o piano,
 13. num num segurava direito o fecho. (+)
 14. O tampo do piano num segurava na
 madeira.
 15. A madeira tava tava indo pra frente (+)
 16. e as teclas do piano. todas. (+) tocava.
 17. abaixava,
 18. num levantava, sabe? (+) /UNHUM/
 19. Uma ou outra só que tava- que

- levantava.
20. mas a maioria das teclas, todas, (+)
baixas, num levantava, né? (+)
21. Aí a Mimi- eu experimentei, (+)
22. o piano tava péssimo. (+)
23. Aí a Mimi falô comigo
24. que (+) ela ía chamá um carpinteiro
25. pra arrumá (+) a madeira do piano. (+)
26. ía chamá gente
27. prá afiná
28. pra consertá as teclas e tudo. (+)
29. Aí eu dei o palpite. (+)
30. Eu lembrei de mamãe, sabe?
31. que mamãe ensinava muito esses negócio
de piano. (+)
32. A eu lembrei
33. e falei
34. "Mimi, vamos trocar (+) esse essa- o piano de lugar?" (+)
35. Porque o piano estava numa numa parede
da sala (+)/UNHUM/
36. que atrás da parede passava um
quintalzinho, (+) /SEI/ sabe?
37. Atrás da casa era o quintal grande. (+)
38. Pra quem num quisesse
39. entrá pela sala, na casa,
40. entrava por esse quintalzinho,
41. dando a volta, (+)
42. entrando pela cozinha, sabe? /SEI.ANHAM/
43. E atrás é... a o o piano recebia nessa
parede toda a humidade(+)/SEI/de chuva,
44. quando chovia.
45. Apesar que lá em Cuiabá faz muito sol
quente e tudo,
46. mas mas era uma parede externa (+)
/UNHUM/ da casa, né? (+)
47. que vinha- recebia toda a humidade de
fora, a parede. (+)

48. E tinha uma janela grande perto do
piano também
49. que era da parede,
50. que recebia a mesma humi- humidade. (+)
51. Falei
52. `Mimi, vamos trocá essa essa- (+) esse piano de posição?
53. Cê experimenta. (+) uma experiência. (+) /UNHUM/
54. Vamos tra- botá esse piano na parede ex- interna (+)
deste outro lado da sala,
55. que é parede interna,
56. que dá pro seu quarto? (+) /UNHUM/
57. É pro piano num ficá recendo essa humidade,
58. pra vê
59. se conserta, (+)
60. se tem algum concerto,
61. antes de você chamá o carpinteiro, (+)
62. antes de chamá coisa- alguma pessoa
63. pra (+) mexê nele?` (+)
64. E nós trocamo- na mesma hora nós trocamos o piano,
65. piano pequeno, sabe? a- era (+) piano
brasileiro pequeno. (+)
66. Nós trocamos o piano de lugar. (+)
67. Passamos pra outra sa- pra outra parede. (+)
Depois de um mês-
68. que eu a- eu passei quatro meses em
Cuiabá, (+)
69. tava sempre com ela, né? (+) /UNHUM/
70. mas nós num mexíamos no piano.
71. o piano tava lá na parede
72. sem mexê. (+)
73. Depois de um mês ou ma- ou mais um pouco de um mês
(+) nós fomo abrí o piano
74. pra vê
75. como que estava. (+)
76. Cê acredita. Adriana, que a madeira
tinha voltado pro lugar?! (+) /OLHA!/
77. Não precisô

78. de chamá o carpinteiro, nada
79. pra pra mexê na madeira. (+)
/OLHA, QUE BARATO!/
80. E as teclas subiram?!

NARRATIVA No 9 - IRMÃ DE CARIDADE

01. Eu sei que (+) es- essas irmãs de
caridade num saíam lá de casa.
02. Elas eram muito amigas de mamãe, de
papai, tudo.
03. E papai servia muito elas, em tudo
04. que precisasse, sabe?
05. Tudo que precisava
06. eles- elas iam lá em casa
07. pedi
08. pra ajudá. (+)
09. Papai tinha carro, /UHN/
10. elas precisavam (+)
11. í de carro em qualquer lugar,
12. papai levava elas de carro
13. e sempre sempre (+) ajudando muito lá o
asilo. (+)
14. Ajudando com dinheiro, com o
15. que precisasse
16. ele ajudava muito lá /UNHUM/ as irmãs,
sabe?
17. Aí papai tava vendendo tudo
18. e mamãe tinha uma uma santa ceia (+)
grande, maior que essa
19. que tem aqui, (+)
20. que é a que é a a coisa mais linda,
Adriana, a santa ceia, o o Cristo com o
o todos os apóstolos,
21. todos eram em prata, (+) /UNHUM/ tudo
em prata, em alto relevo, (+) em alto
relevo assim, né? (+) /SEI/ e a moldura
larga assim (+) de um um (+) quase um

- palmo de largura. preta, (+) em volta. (+)
22. A santa ceia era linda, (+)
aquela coisa prateada em alto relevo e a moldura preta, (+) o quadro, lindo o quadro. (+)
23. Única coisa que mamãe pediu
24. que não deixasse em Cuiabá era a santa ceia. (+)
25. Que ela queria
26. que trouxesse a santa ceia. (+) /UNHUM/
27. Única coisa que nós trouxemos também foi a- foi o piano. (+) foram (+) as máquinas de costura, as duas máquinas, (+) /SEI/ o piano, (+) só.
/E QUEDÊ A SANTA CEIA?/
28. Pois isso que eu vô contá pra você, a história da santa ceia.
29. O que que a irmã de caridade me fez (+) (riso) por causa dessa santa ceia. (+)
- Aí a madre (+) a madre Marta Cerrute-
30. não me esqueço o nome dela.
31. ficô gravado na minha cabeça o nome da Marta. (+) da madre (+) Marta. (+)
32. E quando nós es- estávamos de de vinda,
33. elas estavam (+) já (+) mudando pro colégio Coração de Jesus. (+) /UHN/
34. que elas estavam- (+) já tinham construído o colégio
35. pra elas mudarem. /UNHUM/
36. Aí foram com o livro de ouro
37. pra papai assiná. (+)
38. Todo mundo em Cuiabá assinô no livro de ouro (+) do colégio (+)
39. pra co- pra cooperá com elas, né? /UNHUM/
40. Papai assinô (+) no livro de ouro. (+)

41. E lá em casa papai tinha tinha (+)
empresa funerária,
42. tinha (+) casa de molduras, (+)
43. punha punha molduras em quadros, vi-
casa de vidros. (+) /UNHUM/ espelhos,
(+) molduras... (+)
44. Era uma porção de coisas, né?
45. Papai tinha até (+) linha de ônibus na
rua. (+)
46. Tudo foi vendido.
47. foi vendeno. (+)
48. E ele tava desfazendo de tudo. da
oficina... (+)
49. Na oficina tinha muitos armários cheio
de panos de (+) de panos de coisa de
(+) de trabalho mesmo, /SEI/
50. que precisava, né? (+) /UNHUM/
aqueles vidros, aquelas coisas todas,
aqueles espelhos enormes, aqueles
quadros de espelho.
51. Na sala de casa tinha dois quadros de
espelhos lindíssimos, (+) enormes, com
madeira dourada assim, (+) na sala lá
de casa. (+) /UNHUM/
52. Um desses espelhos (+) papai deu (+)
pro colégio. (+)
53. Deu pro colégio o espelho. (+)
54. E o outro espelho, como quebrou o
espelho,
55. ele deu a moldura, (+) /UNHUM/ viu?
56. Quer dizer que o colégio levou o
espelho grande da sala
57. e levou a moldura do outro espelho, (+)
58. que quebrou o espelho.
59. E bo- e mont- e os armários? (+) os
armários grandes que tinha lá? (+)
60. Ele mandô

61. envernizá.
62. mandô
63. botá vidro no- em algum vidro quebrado.
64. mandô
65. arrumá os armários todos
66. e fez presente pro colégio. (+)
67. Fez presente de muita coisa
68. que era lá de casa pro colégio. /UNHUM/
69. E as irmãs íam lá
70. cada vez mais pedi. cada vez mais pedi.
71. Bom, aí quando foi um dia eu estava lá
na oficina com papai. (+)
72. E ele mexendo lá. (+)
73. e eu também tava sempre perto dele ali.
74. ele ía mexê
75. eu ía atrás, né?
76. Fiquei sozinha com ele ali, e Lila. né?
(+) /UNHUM/
77. Aí chega chega a madre, (+) a ma-
78. E ele pegô a o o (+) a santa ceia (+)
79. e botô num canto assim lá da oficina
80. e pediu pro Chico, o empregado nosso (+) /UHN/ de
papai,
81. que enca- que ele embalasse a santa ceia
82. pra viajar. (+) /UNHUM/
83. Fazer embalagem de viagem
84. pra pra mandá pra mamãe, né? (+) /SEI/
85. Mamãe já tava aqui em Belorizonte. (+)
86. Ela chegô lá na oficina, (+)
87. pediu isso, pediu aquilo.
88. papai foi dano, foi dano.
89. Papai num falava `não´ (+) pra ninguém.
90. pelo contrário, ele até dava (+) tudo.
91. O que precisasse
92. dá
93. ele dava.
94. Se pedia,

95. ele- (+) principalmente pedindo,
 96. nunca ele falô `não`. (+) /UNHUM/
 97. Ele num falava `não`.
 98. Uma coisa às vezes que ele queria
 99. ele dava. (+)
 100. Não falava `não`. (+)
 101. Aí (+) a madre foi e bateu o olho assim na santa ceia
 assim. (+)
 102. Já tinha ganho uma porção de coisa ali.
 (+) cadeira giratória, (+) cadeira
 giratória
 103. que era do escritório dele. a mesinha
 do escritório com a cadeira giratória.
 104. tudo deu pra irmã. (+)
 105. Aí na hora que ela bateu o olho assim na (+) na santa
 ceia
 106. ela virô pra papai e falô assim (+)
 107. `ô seu Tenuta, (+) e essa santa ceia, (+)
 o senhor num vai me- o senhor num vai oferecer pro
 colégio essa santa ceia?' (+) (riso)
 108. Hora que ela falô assim, pronto! (+)
 109. /NUM TEVE JEITO./
 110. Papai falô assim
 111. `Pois não, irmã, (+) com muito prazer, eu mando
 112. levar pra senhora.`
 113. Santa ceia de mamãe, que ele mandô
 114. embalá
 115. pra mandá pra mamãe. (+)
 116. Ele ele falô- ele num negô pra irmã. (+) /UNHUM/
 117. Ele ía dá pra irmã,
 118. como deu, né? (+)
 119. Eu virei pra irmã, eu, (+) perto de papai, (+) /UNHUM/
 falei assim
 120. `ô irmã, (+) a senhora já ganhô tanta coisa aqui, (+) (riso)
 121. papai já deu muita coisa pra senhora,
 122. já assinô no livro de ouro, (+)
 123. já deu isso, já deu aquilo.`

124. enfileirei de coisa
125. que tinha- que papai tinha dado nessa hora. (+)
126. `a senhora ainda qué a santa ceia
127. que é de mamãe?` (+)
Essa santa ceia não. (+)
128. Essa santa ceia aí vai pra Belorizonte. (+)
129. Essa santa ceia é de mamãe. (+)
130. Ela pediu
131. pra não deixá. (+)
132. Essa santa ceia num- essa santa ceia não pode não.` (+)
sabe?` /UNHUM/
133. Papai num falô nada comigo.
134. só me olhô assim. (+)
135. Ele- aí ela falô assim
136. `não, essa santa ceia seu pai já me deu. menina, olha aqui,` (+)
137. torceu meu braço.
/QUÊ ISSO?/ (riso)
um beliscão duro aqui em mim, (+)
torcido. (+)
138. falô pra mim assim (+)
139. `menina, (+) você- (+) seu pai num é pão-duro,
140. você é meia pão-dura, né menina?
141. Seu pai num é pão-duro assim como você.`
142. E torceu meu braço assim na frente dela.
143. que eu dei um grito, sabe? (+)
144. Falei
`Ai meu braço.`
145. Gritei com ela ainda.
E papai- na vista- tudo isso na vista
de papai
146. e ele ficô quieto.
147. Ele num falô nada comigo. (+)
148. Nunca ele falô- tocô em em- nunca ele
tocô em- pra mim,
149. do que eu falei foi pra irmã
150. que eu num ía dá a santa ceia, /UNHUM/

151. Papai num falô nada comigo. (+)
 152. /MAS DEU A SANTA CEIA?/ Ein?
 153. /EMBALÔ A SANTA CEIA
 154. E MANDÔ PRA ELA?/
 155. Mandô pra irmã de caridade (+) a santa ceia.
 156. Marta Cêrrute, (+) ela já morreu. (+)
 157. Me deu um beliscão aqui
 158. de torcê meu braço. (+)

NARRATIVA No 10 - PRESENTE

01. Quando eu tinha nove anos de idade. (+)
 02. Nós mudamos de casa
 03. e minha mãe adoeceu gravemente. (+)
 04. E ficou doente mais de um ano. (+)
 05. Uma doença sem cura. (+)
 06. sofrendo
 e às vezes até gritando. (+)
 08. O relógio vai batê.
 09. /É, NUM TEM IMPORTÂNCIA NÃO./
 10. E (+) morávamos (+) num lugar distante
 do centro, (+) distante de médico, de
 farmácia, (+) distante dos parentes,
 distante dos amigos. (+)
 11. Então um tio meu achô melhor (+)
 12. que mudássemos para o centro da cidade. (+)
 13. Papai não podia mudar
 14. porque tinha os interesses do sítio (+)
 15. e ele não podia deixar de uma hora pra
 outra.
 16. Mudamos, (+) os pequenos, (+) um irmão mais velho. (+)
 17. Mudamos para uma casa, para um sobrado, (+) no centro
 da cidade, em frente à prefeitura, (+) ao lado da
 casa paroquial (+) e a poucos passos da igreja
 matriz. (+)
 18. Foi uma alegria
 19. porque morar na cidade, numa casa de
 sacada

20. onde a gente ficava (+) lá em cima a
(+) a ver as pessoas
21. que subiam (+)
22. e desciam
23. e foi uma experiência maravilhosa. (+)
24. Um belo dia (+) eu estava na sacada (+)
25. e debaixo (+) passou o padre, (+) o (+) capelão-
capelão não, o vigário da paróquia. (+)
26. Era um homem gordo, vermelho (+) e já
de meia idade (+)
27. que eu nem havia conhecido ainda. (+)
28. E ele me (+) abanô a mão
29. e falou
30. `vem cá, menininha.`
31. Eu desci correndo as escadas (+)
32. e ele meteu a mão no bolso (+)
33. e me tirou um livrinho (+)
34. e me deu. (+)
35. `toma esse livrinho (+)
36. para você aprender
37. a rezar.` (+)
38. E eu olhei o livro-
39. já sabia
40. ler,
41. estava com nove anos,
42. mas já sabia
43. ler bem (+)
44. e li no livrinho assim `Catecismo da Doutrina
Cristã.` (+)
45. Era um livrinho, (+) uma brochura, (+)
uma capa de papel (+) de embrulho,
verde claro, (+) com letras douradas-
`Catecismo da Doutrina Cristã`. (+)
46. Eu achei aquilo uma coisa linda,
uma coisa do outro mundo,
47. que até aquela data nunca (+) havia
ganho um presente (+)

48. que me foi tão precioso. (+)
49. Daí eu comecei a folhear o livro
50. e a ler (+)
51. e a decorar as primeiras lições. (+)
52. E me lembro muito bem.
53. a primeira pergunta era esta (+)
54. 'Quem é Deus?' (+)
55. E vinha logo a resposta
56. 'Deus (+) é um espirito (+)
perfeitíssimo. (+) eterno. (+) criador
e senhor (+) do céu e da terra.' (+)
57. Eu, até então. (+) eu nunca tinha
propriamente ouvido falar assim
58. 'Deus, quem era Deus,
59. o quê que Deus era.'
60. Nunca tinha me passado pela mente. (+)
61. Aprendi
62. a rezar,
63. mas simplesmente a rezar. (+)
64. mas nunca ninguém me havia falado em
Deus. (+)
65. Eu via a Natureza
66. porque fui criada na roca até a idade
de sete anos. (+)
67. Via aquela natureza linda (+)
68. e os pássaros cantando. (+)
as florestas com aquelas parasitas.
69. E eu entranhava no meio da floresta com
meu irmão (+) mais velho (+) um ano.
E os rios. (+) as cachoeiras (+) e e
campos. (+)
70. gado pastando, curral cheio de gado.
os bezerrinhos, os porquinhos.
71. mas eu nunca tive idéia.
72. nunca ninguém me havia falado (+)
73. que tudo aquilo foi Deus que criou.
74. E o catecismo me valeu muito. (+)

75. E eu comecei a freqüentar o catecismo na igreja. (+)
76. Pouco antes- poucos meses depois minha mãe faleceu(+)
77. e nós voltamos a morar distante da cidade.

NARRATIVA No 11 - PONTE

01. Um dia. (+) o que é interessante nessa
nessa história toda (+). e
02. que voltávamos do catecismo (+) mais
tarde (+)
03. e não- a professora atrasou
04. e nós saímos à noitinha. (+)
05. Ainda não havia luz elétrica na
cidade. (+)
06. E nós atravessamos a cidade toda (+) ao ca- ao- a luz
dos lampiões de gás. (+)
07. Mas na minha rua não havia lampião de
gás,
08. e nós tínhamos que passar primeiro por
uma ponte. (+)
09. E a ponte era perto do cemitério. bem
ao lado do cemitério. (+) /UNHUM/
10. E quando íamos passando na ponte
11. eu falei assim
12. `eu não vou na beirada
13. porque as almas me pegam. nem do lado esquerdo. nem do
lado direito.` (+)
Então as duas Beneditas
14. que eram mais ou menos da mesma idade.
15. mas eram maiores.
16. eu é... fui sempre pequetitinha.
17. me abraçaram (+)
18. e nós (+) passamos abraçadinhas.
19. atravessamos a ponte
20. até chegar bem longe.
21. Num escuro (+) que a gente enxergava os
vagalumes (+)
22. que passavam.

23. Chegaram em casa- chegamos em casa (+) mais tarde.
24. papai falou
25. 'minha filha, o que é que foi?'
26. 'não, a professora atrasou.'

NARRATIVA No 12 - BOM DE LEITURA

01. Diz que lá no interior tinha um um
sujeito assim também
02. que (+) ele num sabia
03. lê não,
04. mas ele (+) comprava aquelas caneta
Parker de ouro, né?
05. punha assim no (+) no no paletó. por
fora do paletó. né? (riso) (+)
06. Naquele bolsinho de dentro ele punha as
caneta
pra mos-, duas três caneta, né?
07. e ele gostava
08. de exibí que- (+)
09. Um dia (+) ele chegô num bar lá
10. e (+) tava chegado o jornal. né? (+) o
jornal novo.
11. Então ês falô assim
12. 'ah, cê é bom de leitura,
13. leia- (+) lê aqui pra nós.' Né? (+)
14. Ele pegô o jornal,
15. pegô o jornal de cabeça pra baixo, né? (+)
16. Diz que ele afastô assim
17. e disse
'Nossa, desastre em São Paulo.' (+)
18. Que tinha um carro assim
19. e o carro ficô de cabeça pra baixo.
(riso) (+)
20. Pegô o jornal de cabeça pra baixo.
'Desastre em São Paulo'

NARRATIVA No 13 - FERNANDO SABINO

01. /NÃO. MAS ERA POR ISSO- POR ISSO
QUE CÊ TEM ESSA HISTÓRIA DO
FERNANDO SABINO?/
02. Não, pera aí. (+)
03. Eu vô contá é o caso (+) caso lá
do do Rio, né? (+)
04. O caso é que eu (+) fui- (+) planejei (+)
05. procurá-lo lá no Rio, né? (+)
06. Mas (+) o que acontece é o seguinte (+)
07. que eu escrevia, né? (+)
08. e (+) nessa época eu devia tê (+) uns
quinze anos (+) /UHN/
09. e eu escrevia muito, né? (+)
10. Desd'os treze assim que eu escrevia (+)
principalmente poesia. (+)
11. E escrevia com muita freqüência.
12. Escrevia (+) praticamente todo dia (+)
uma poesia. (+)
13. E (+) tava muito envolvido, né? com (+)
com isso. (+)
14. Mas eu até que não lia muito não. (+)
15. Eu tinha muito livro de poesia,
16. mas num lia tanto não.
17. Eu eu lia só algumas coisas
18. que eu (+) que eu gostava mais (+)
19. que era (+) um escritor (+) alemão (+)
20. chamado é Karl May. (+)
21. E (+) e eu lia muito Carlos Drummond e
(+) Mário de Andrade (+) e Manoel
Bandeira e Fernando Sabino.
22. Eram os os escritores /UHN/
23. que eu mais lia. (+)
24. E (+) aconteceu que (+) teve um congresso de (+) até
de lingüística (+) lá no Rio de Janeiro... (+)
25. Era um congresso de lingüística e de
literatura.

26. E (+) nesse congresso a a- (+) o Carlos Drummond de Andrade ia falá no congresso. (+)
27. Parece
28. que o (+) o Fernando Sabino num ia não. mas o (+) Ferreira Goulart e e uns outros escritores, né? (+)
29. E era lá no Rio de Janeiro
30. e era em Janeiro.
31. então (+) eu aproveitei. (+)
32. fui lá pra casa da tia Margarida. (+) /UHN/
33. E- (+) qué dizê, eu arrumei esse pretexto, né?
34. Eu falei com tia Margarida
35. que eu queria
36. vê o congresso. (+)
37. Aí ela me convidô pra lá
38. ficá na casa dela, né? (+)
39. Aí o que acontece (+) é que-
40. que eu tinha- nessa época eu tava com uma relação muito forte (+) com (+) um determinado livro (+) do (+) Fernando Sabino. (+)
41. que é um livro de cartas entre ele e o Mário de Andrade. (+) /UHN/
42. que chama `Cartas a um Jovem Poeta`. (+)
43. E é um livro
44. em que o o o (+) Mário de Andrade ele tem uma relação (+) muito estreita assim com o Fernando Sabino, aconselha... (+)
45. Eu gostava demais do livro.
46. Eu lia e relia várias vezes. (+)
47. E eu também tava muito influenciado pelo `Encontro Marcado` (+) do Fernando Sabino, (+) /UNHUM/
48. que eu tinha lido várias vezes

50. e gostava demais do livro. (+)
51. Então eu tava com essa coisa assim e (+) na cabeça. né? essa essa coisa assim de (+) da relação entre os escritores.
52. eu tava assim (+) fantasiano muito em cima disso, né? (+) /UNHUM/
53. Pra mim assim o má- o máximo era isso, né? assim
54. os escritores. tendo uma relação.
55. assim trocando cartas, né? (+)
E (+) aquela coisa lá do Viaduto Santa Tereza, né? UNHUM/
56. que tem no no no livro.
57. Eu eu fui lá no Viaduto (+) de madrugada, (+)
58. tentei subí e tal. (+) (riso)
59. Num tive coragem.
60. Quando olhei lá pra baixo (+)
61. num tive coragem de subí. (+)
62. Mas (+) então (+) eu fui lá no Rio (+)
63. e tava tendo o congresso, né? (+)
64. O congresso era mais de lingüística do que literatura, né? (+)
65. Então tinha umas palestras lá
66. que eu num entendia nada, né?
67. do que eles falavam, né?
68. Era um negócio lá (+) complicado pra caramba. (+)
69. Então eu eu eu num assistia essas coisa não, (+)
70. eu fui embora.
71. Ficava mais na praia, né? (+)
72. Mas nos dias que eram era de literatura, (+)
73. que (+) que era entrevista, né? com-
74. não, que que tinha palestra de

- literatura também
75. que eu também num ia não. (+) /UNHUM/
76. Mas quando eram os escritores,
77. eu fui, né? (+)
78. Foram as únicas coisas do congresso que
eu fui.
79. Então eu lembro que eu vi o Homero Homem, (+)
80. que aliás foi muito interessante a a
palestra do Homero Homem, (+)
81. que (+) ele levô um texto enorme.
82. Eram páginas e páginas.
83. Ele pegô e começô a lê aquilo. (+) /UHN/
84. Eu nem lembro
85. o quê que era.
86. Era um tema assim meio (+) complicado
um negócio meio estranho.
87. Nem lembro direito o tema. (+)
88. Eu sei que ele começô a lê aquilo
e numa voz assim monótona, né? aquela
coisa assim,
89. olhano pro papel, tal.
90. Aí de repente tinha um (+) um- levantô no no no fim
assim do do auditório (+) um desses poetas de cordel,
(+) /UHN/
91. levantô
92. e começô a falá os cordéis dele, sabe? (+) /UHN/
93. E o cordel dele- eu lembro do cordel
mais ou menos.
94. falava
95. que (+) que a (+) que a língua não
estava nos dicionários. (+)
96. Não, a língua não era uma prisioneira
dos dicionários e tal. (+)
97. Eu lembro que ele é esse esse poeta de cordel levantô
(+) assim muito abruptamente
98. e o Homero Homem (+) levô um susto tão grande
99. que as páginas dele caíram da mão dele,

100. espalharam assim,
101. saíram voando
102. e o óculos dele caiu no chão. (+)
103. Então foi uma cena meio surrealista
assim
104. porque ele ficô- parece
105. que ele tinha (+) muitos graus assim,
né? (+)
106. então num enxergava nada sem o óculos.
107. Então ele tava ouvindo aquele poeta.
108. mas ele ficô assim totalmente atordoado, assim,
109. bateno a mão na mesa, assim,
110. procurando o óculos, as folhas. (+)
111. e o poeta falando.
112. O cara desandô a falá cordel e tal. (+)
113. Foi super louco o negócio, né? (+)
114. Logo depois foi o Ferreira Goulart, né? que falô. (+)
115. Foi interessante, né? (+) /UNHUM/
116. Mas o- e eu tava assim na maior
expectativa
117. pra vê
118. se o Fernando Sabino aparecia lá no
congresso, né? /UHN/
119. porque o Drummond já num num num ía, né?
120. Porque parece
121. que tinha uma (+) uma história assim
122. como que o Drummond nunca participava
de nada, né? (+)
123. Qué dizê se ocê fazia uma homenagem ao
Drummond
124. ele num ía, né? /UHN/
125. Nunca ele ía, né? (+) /UNHUM/
126. Então eles ele- o Drummond ía fazê uma
palestra.
127. Tava marcado.
128. E ía tê uma homenagem ao Drummond. (+)
129. que o congresso era em homenagem ao

- Drummond. né? (+)
130. Aí na hora que ia sê a palestra do Drummond,
131. chegô uma moça lá com uma cartinha lá do Drummond
132. falando
que ele- que- (+) uma desculpa assim inclusive muito drummondiana-
133. que ele tava (+) com um pequeno- pass- pequeno mal-estar- uma coisa-
134. parecia até um poeminha a desculpa dele. né? (+) uma coisa super interessante. (+)
135. Aí eu fiquei lá e tal,
136. vi
137. que o Fernando Sabino num ia dá as cara por lá, né? (+)
138. Aí eu falei
139. `Bom, mas cumé que eu vô descobrí
140. onde que o Fernando Sabino mora. né?' (+)
141. Aí eu sabia
142. que o- ele chamava Fernando (+) é Tavares (+) Sabino, ou Sabino Tavares, num sei. (+) /UHN/
143. que eu já tinha olhado no catálogo do Rio. (+) Sabino. (+)
144. Tinha uns Sabinos lá,
145. mas num tinha nenhum Fernando. né? (+)
/UNHUM/
146. Aí eu tive a idéia
147. de olhá em Tavares. (+)
148. Aí eu olhei em Tavares.
149. Tinha lá um F. Tavares. né? (+) /UHN/
Aí eu
150. `quem sabe é, né? (+)
151. Aí eu peguei e disquei. (+)
152. Quando eu disquei,
153. eu num esqueco disso,

154. atendeu
155. e falô assim
 `alô isso é uma- isso-`
156. /É UMA GRAVAÇÃO/
 157. cumé que é?
158. Não, num num fala assim
159. `isso é uma gravação` não.
160. `Alô, aqui quem fala é o Fernando Sabino.` (+)
161. É é e ele falava um pouquinho.
162. Falava um um- mais ou menos uns trinta segundos /UHN/
 163. e depois ele falava assim
164. `isto é uma gravação`, né? /UNHUM/
165. Acontece quando eu (+) (riso) aten- coloquei o telefone
 166. e o cara falô
167. `alô, aqui é o Fernando Sabino.` (riso)
168. eu disparei a falá (+) (riso)
169. `Fernando Sabino, aqui é o- (+) (riso)
 eu falei falei,
 170. fui falano assim, sabe? (+)
 171. tu- fiquei assim meio (+) alterado com a coisa.
 172. fui falando. (riso)
173. Aí eu vi
 174. que ele num parô de falá também, né? /UNHUM/
 175. Aí eu parei de ouvi,
 176. `isto é uma gravação`, né?
 177. Aí eu falei
 178. `nó, (+) então num é tão fácil assim` (+)
 179. Aí quando ele falô assim
 180. `após ouvir o toque (+)
 181. deixe o seu recado`, né?
 182. Aí dava o toque
 183. Aí eu desliguei, né? (+)
 184. Aí eu pensei assim
 185. `Ah, que que eu vô- (+) que que eu vô falá`, né? (+)

209. que chamava...- (+) num num tinha nome.
 210. o apelido dele era Mão-de-Ferro, né?
 (+) /UNHUM/
 211. E é uma obra imensa.
 212. São dez volumes. (+) /UNHUM/ assim, (+)
 volumes grossos, umas quinhentas
 páginas.
 213. Tudo é história, aventuras desses dois,
 do Winnetow... (+) /UNHUM/
 214. E eu li os dez volumes, né? (+)
 215. Eu lembro que eu fiquei tão apaixonado
 com a coisa
 216. que eu ia leno (+)
 217. e no dia que acabô (+) o décimo volume,
 218. que eu vi
 219. que num tinha mais um volume,
 220. eu quase que chorei assim.sabe? /UNHUM/
 221. Minha vida perdeu o sentido, né?
 222. Eu fiquei super ligado, né? (+)
 223. E eu lembro que eu tava leno um livro
 do Fernando Sabino (+) de entrevista,
 224. um pessoal fazeno entrevista com ele.
 Aqueles livro de crônica dele. /UNHUM/
 225. que tem de tudo, né? (+)
 226. Aliás (+) tem umas coisas bem bem
 chatas mesmo.
 E uma das coisas lá
 227. que era uma entrevista com ele (+)
 228. e a repórter perguntando
 229. `qual é o livro
 230. de que você gostô mais na sua vida?`
 (+) /UNHUM/
 231. Aí o Fernando Sabino fala assim
 232. `olha, eu já li de tudo na minha vida.
 233. Já li- já li os gregos, né?`
 234. Ele até falô um negócio interessante.
 235. `Eu já li aquelas insuportáveis obras

- primas (+) /UNHUM/ de (+) de (+)
Homero, e num sei quê,
236. e foi falando um tanto de coisa
237. que ele que ele tinha lido, (+)
238. mas- é mas- falô assim
239. `mas o que eu gostei mesmo,
240. o livro que eu li com mais paixão na
minha vida foi um livro
241. que eu li com onze anos de idade (+) de
um escritor alemão
242. chamado Karl May,
243. chamado Winnetow.´ (+)
244. E o interessante que eu também li o
Winnetow com onze anos de idade, (+)
né? /UNHUM/
245. Aí eu falei assim
246. `nossa, mas é coincidência demais, né?
assim. (riso)
247. E eu falei isso lá lá no telefone também, né? /UNHUM/
248. E tinha mais umas coin- umas
coincidências
249. que eu tinha arrumado lá entre eu e
ele, sabe?
250. eu sei que (+) eu escrevi tudo.
251. Aí eu, bom, eu preparei, né?
252. eu li aquilo,
253. li umas vinte vezes
254. pra vê.
255. /SE FOSSE NA ÉPOCA DO ENÉAS.
256. CÊ CRONOMETRAVA EM QUINZE
SEGUNDOS/ É. (+)
257. Aí eu liguei de novo, né? (+)
258. Aí falô
259. `alô, aqui é o Fernando Sabino,´
é de de de novo, né? a a gravação dele.
260. Aí quando deu o toque, (+)
261. eu peguei (+) e desandei a lê aquele meu negócio, né?

262. Lê. lê. lê.
263. Eu acho
264. que eu devo tê gastado o resto da fita da secretária eletrônica dele, né? (+)
(riso)
265. Deve tê sido uns dez minutos de (+) de fala, né? (+)
266. E depois desliguei, né? (+)
267. E deixei o telefone da casa da minha tia. (+)
268. `se se quisé
269. entrá em contato comigo, (+)
270. telefone (+) aqui pra esse número. /UNHUM/
271. que eu tô na casa da minha tia e tal.´ (+)
272. Aí... isso foi de manhã, né? (+)
273. foi lá- foi um domingo de manhã. (+)
274. Eu tava até escreveno, (+)
275. eu tava escreveno /UNHUM/ um conto, um negócio lá. (+)
276. E (+) a na segunda-feira (+) de manhã, eu já tinha até- (+) tinha ido na praia depois, (+)
277. saí com com com a Marília. (+) /UNHUM/
278. Tinha até esquecido
279. que eu tinha ligado pra ele, mais ou menos. (+)
280. Aí telefonam pra mim. (+) /UHN/
281. Tia Margarida falô
282. `ó tão tão telefonando pr´ocê.´
283. Aí é... (+) eu atendi. (+)
284. Aí falô assim
285. `ah, você que é o Marcos,
286. que ligô pro Fernando Sabino?´ (+) /UM! NOSSA!/
287. Eu falei assim
288. `sô.´
289. `ah, eu sô a secretária particular dele. (+)
É... (+) eu ouvi-´
290. ela falô assim

291. 'eu ouvi o seu- a sua gravação.'
292. E... ela falô assim que s- ela falô assim
293. 'o Fernando num tá aqui. (+)
Que ele tá- ele tá-'
294. ela falô
295. que ele tava num (+) num sei onde, num sitio,
num sei que,
296. escreveno um livro. (+) /UNHUM/
297. Inclusive aquele livro que ele escreveu
298. chamado o menino...
299. /NÚ. NAO, ESSE É O HOMEM NÚ./
Não. (+) É o menino... (+)
300. Como é que chama o livro, gente?
301. é um livro muito bonito.
O menino... (+) de asa, o menino de
vidro... (+) o menino no espelho... (+)
'O Menino no Espelho'
302. que chama. (+) /UNHUM/
303. É muito bonito o livro mesmo. /UNHUM/
304. Aliás eu achei (+) o melhor livro
305. que ele escreveu. (+)
306. E ela falô
307. 'ele tá escreveno (+) um livro, né?
308. então ele num qué
309. sé incomodado. (+)
310. Quando ele vai escrevê
311. ele fica lá isolado
312. até escrevê.' (+)
313. Mas falô
314. 'mas o que que eu posso fazê por você?'
315. Ela falô- mas- ela falô num tom assim
(+) é .../MATERNAL/ maternal assim,
quase de pena. (riso)
316. Senti
317. que ela tava meio assim (+) con- (+)
/UNHUM/ condoída, num sei, né? (+)
318. Mas aí me deu assim uma bobeira, sabe? (+)

319. um... (+) sabe quando cê fica
totalmente sem graça?
320. E falei assim
321. 'ah, não, pode deixá, é é... e é é ass- ass-
322. Fiquei gaguejano assim, tal. (+)
323. num sabia
324. o que dizê, né?
325. porque o quê que eu ia falá? (+)
326. /TAMBÉM O QUÊ QUE ELA PODERIA
FAZÊ POR VOCÊ?/
327. É. E o quê que eu ia falá, né? (+)
328. porque o que eu queria era
329. falá com ele, né? (+)
330. E mesmo se ele falasse comigo
331. eu num sabia
332. o quê que eu ia falá pra ele, né?
/UNHUM/
333. Quê que eu ia falá pra ele, né?
334. eu num tinha levado nem nada
335. pra ele vê? (+) /UNHUM/ Nem nada assim
meu es-
336. Se bem que eu tinha levado sim umas
coisas escritas.
337. mas (+) num ia tê coragem de mos-
338. /MAS CÊ NUM TINHA UMA COISA
339. PRA PROPOR A ELE, ASSIM?/
340. Eu num tinha nada.
341. Eu queria
342. que ele- que ele (+) que ele fosse o
Mário de Andrade pra mim, né? (riso)
É, mas aí (+) aí
/Aí PRONTO?/
aí pronto.
343. /DESLIGÔ E PRONTO?, SEM NADA?/
344. Desligô...
345. Não. Aí ela me deu acho que um telefone, (+) num sei.
346. Mas foi um trem assim super sem graça.

- sabe? (+) /UNHUM/
347. Aí depois eu num quis
348. mexê mais com isso nada. (+)
349. deixei pra lá e tal (+)
350. Mas enquanto (+) enquanto durô
351. foi muito interessante, né?

O caminho deve reencontrar o ponto
de partida e descobrir que no
próprio caminhar tudo se modificou.

Gustavo A. B. Pinto

ERRATA

pág.	onde lê-se	leia-se
Agradec.	...(in memoiam)	...(in memoriam)
11 (lnh 23)	... chamá-las assim?	... chamá-las assim?)
22 (lnh 11)	... critérios acima	... critérios abaixo
33 (lnh 16)	... e 'realis'	... e realis'
48 (lnh 16)	... Câmara Jr.1985:169)	(Câmara Jr.1985:169)
49 (penúltima lnh)	... sitemáticos	... sistemáticos
53 (lnh 9)	... são, muitas vezes	... são muitas vezes
55 (lnh 1)	... com língua do	... como língua do
59 (penúltima lnh)	... examinada	... examinadas
60 (lnh 1)	... a elas valores	... a elas, valores
67 (lnh 14)	... aos valor temporal	... ao valor temporal
78 (lnh 7)	... discursivas'	... discursivas'
79 (penúltima lnh)	... (25)(a) a (g)	... (24)(a) a (g)
85 (lnh 14)	... interrotiva	... interrogativa
88 (lnh 10)	... funcinarem	... funcionarem
92 (lnh 12)	... icônica(*20)	... icônica(*15)
97 (lnh 24)	... grande	... grande
105 (penúltima lnh)	... easpecto	... e aspecto
110 (3o parág.)	... ilustrar, a afirm.	... ilustrar a afirm.
113 (lnh 22)	... durção	... duração
115 (lnh 14)	... está em jogo	... que está em jogo
(lnh 19)	... obtida a de	... obtida foi a de
126 (lnh 12)	...pecebemos	... percebemos